

EM OURO E ALMA

CORRESPONDÊNCIA COM
FERNANDO PESSOA

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

COORDENAÇÃO DE
RICARDO VASCONCELOS

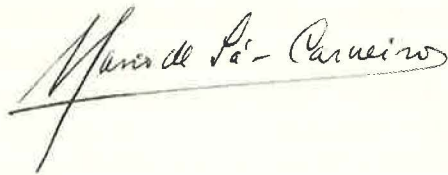
EDIÇÃO DE
RICARDO VASCONCELOS · JERÓNIMO PIZARRO



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

Havia mais coisas a dizer-lhe. Falar-lhe do Santa-Rita etc. Mas para a proxima carta ficará, rogando-lhe eu que me escreva amiguadas¹⁸ vezes, e largamente, como até hoje tem feito.

Abraça-o o seu muito sincero amigo e admirador



50, rue des Écoles.

9

Paris — Dezembro de 1912
Dia 3.

Meu caro Pessoa,

Este postal é o *post scriptum*¹ da minha carta de ontem. E tem por fim juntar o seguinte:

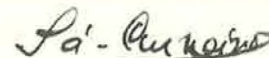
1.º | O *Mercurio de França*, desde q[ue] aqui estou ainda não trouxe² “Lettres³ portugaises,,. Logo que aparecer com elas lho enviarei p[ar]a você ler o artigo do Lebesgue⁴ sobre o m[eu] livro.

2.º | Rogava-lhe encarecidamente que me enviasse, p[ar]a mostrar ao Santa-Rita⁵, os “Violoncellos,,⁶ do Pessanha e o soneto sobre a mãe — e mesmo mais alguns se p[ar]a isso estivesse. Era um favor

a Philéas Lebesgue (1869-1958) era editor do jornal *Mercurio de France*, publicado quinzenalmente, e nele escrevia a secção de crítica literária «Lettres portugaises».

b Sá-Carneiro refere-se a «Violoncelo» e ao soneto «Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho». Existe uma cópia dactilografada de «Violoncellos» (*sic*) no arquivo de Fernando Pessoa (verso da folha 41-25).

q[ue] m[ui]to lhe agradeceria. Tem apanhado mais versos dêle? Um grande abraço. O seu m[ui]to amigo



Recebi hoje carta e livro do Aug[usto] Santa-Rita?

10

TAVERNE POUSSET

14. BOULEVARD DES ITALIENS

TÉLÉP. : TAVERNE 112-70
ADMINISTRATION 108-91

Paris, le 10 dezembro 1912

Meu caro amigo,

Recebi a sua carta de cinco que m[uit]o agradeço.

Achei descabidas as linhas finais. De forma alguma concordo com você em que possa ser dubia a maneira como fala da publicação do “Homem dos Sonhos,,. Aliás com o maximo prazer satisfarei esse pedido, estimando mesmo ver o conto publicado na *Aguia*^a. É claro que nada me sensibilisarei se, por qualquer motivo,¹ êle não fôr inserido. Até ao fim do mês, por conseguinte, lho enviarei terminado e como diz, o meu amigo depois reverá as provas. E por tudo isto, os meus agradecimentos. Quanto á “defesa,, de imitação do Mario, ela é na verdade descabida. [24a] Nem por sombras, durante um segundo,

a Em carta a Luís de Montalvor, de 13 de Dezembro de 1912, Sá-Carneiro afirma: «Novas literárias = Nenhumas. O Fernando Pessoa pediu-me para eu publicar o ‘Homem dos Sonhos’ na *Aguia*. Estou concluindo-o actualmente. A seguir escreverei o ‘Gentil Amor’» (Sá-Carneiro, 1977, p. 48). O conto é publicado nessa revista em Maio de 1913 e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, a 15 de Junho de 1913. Veja-se ainda a carta de Pessoa a Álvaro Pinto, de 4 de Dezembro de 1912, em que se propõe a publicação desse conto (Pessoa, 1998, p. 55).

me passou pela cabeça semelhante ideia! Aliás como podia mesmo ela passar se os seus versos são tão característicos, são duma maneira tão sua, e compostos antes dos dêle!... E depois, meu caro Pessoa², você não é dos que podem fazer coisas á “maneira dos outros,..”³ Os outros é que podem “faze-las⁴ á sua maneira,..” Porque, acima de tudo, o meu amigo é uma “individualidade,..” E de resto parece-me que a alguns dos artistas da Renascença, mesmo dos de valor, falta essa primacial qualidade. Evidentemente não incluo nestes o Mario Beirão — que não considero em todo o caso uma grande individualidade⁵ — embora o considere um alto poeta, um soberbo artista.

A minha convivência com o Santa-Rita prossegue quotidianamente, interessante, sem duvida, mas por vezes m[ui]to fatigante. Devo-lhe dizer que o Santa-Rita apenas tem admiração por um artista da nova geração: O Carlos Parreira. Mas esse é para êle⁶ um genio, valendo já a sua obra impressa [24a⁷] por tudo quanto a gente nova — e mesmo a velha — tem escrito. Para o Santa-Rita esta frase dum escrito do Parreira vale uma literatura: “... com momices de gata e apelos sujantes de cadela,..” A frase é interessante, denota “alguem,..” mas daí a grita-la a cada instante e a pô-la acima dos versos do Teixeira de Pascoais^a, do Mario Beirão e tantos outros, vai muito...⁷ Aliás o Santa-Rita não aprecia⁸ na prosa ideias, nem belezas⁹ — apenas quer musica: “Escreva-me você, por exemplo, a descrição dum serrador serrando onde os *rr* se precipitem¹⁰ raspantes, e eu não terei duvida em proclama-lo um artista,..” Mas só admite esta arte. Ora se na verdade eu admiro prosa e verso desta especie (por ex[empl]o¹¹, os “Violoncellos,¹² em que se ouvem as cordas a gemerem, ou a sua “Flauta,¹³) acho avançar muito querer reduzir

a Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (1877-1952), que adopta o nome Teixeira de Pascoaes, foi uma figura central da revista *A Águia* e do movimento da Renascença Portuguesa, que fundou com Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, entre outros. Foi o criador poético e principal teorizador da corrente literária saudosista.

a isto sòmente toda a literatura e amordaçar a ideia. Que diz a isto você? Outra grande admiração literaria do nosso homem é, imagine quem, o [24^v] Homem Cristo (pai)! Mas o Homem Cristo literato! Chama-lhe genio, cita entusiasmado frases dêle¹⁴ e devora *O Povo de Aveiro no Exílio*^a, que aqui se publica hebdomadariamente!... Você compreende o que pôde haver de *fatigante* na conversa com semelhante individualidade. No entanto, sempre em desacordo, largas horas pâlestramos. Mas se por ventura se chega a qualquer ponto de discussão¹⁵ literaria êle põi¹⁶ termo á conversa: “Não quer *abastardar* as suas opiniões,..” diz... Êle¹⁷ a discutir a obra dum artista, só a poderia discutir profundamente, com veneração... Compreende¹⁸ bem a onda nervosa que me sobe pela espinha acima ouvindo tais petulancias que dão a entender que o interlocutor¹⁹ não merece as honras duma discussão²⁰ literaria. Mas eu sou delicado... delicadamente protesto. Mas que ventura se nestes momentos eu pudesse ser um Ponce de Leão^b!... Santa-Rita diz conhecer toda a literatura, e leu²¹ Platão, Homero [23^v] Sofocles, Comte, Nietzsche²², Darwin etc. e etc.... Eu creio aliás m[ui]to pouco nos seus largos conhecimentos literarios... não creio mesmo nada, meu amigo... Por isso talvez êle não discute... Dos artistas d’hoje, a par do Parreira, apenas tem culto por um literato cubista Max Jacob^c que ninguem conhece e publicou dois livros em tiragens de cem exemplares. A 1^a pessoa que não leu esses livros é êle... aliás cada volume custa 65 fr[anc]ols. Mas é genial!... porque é cubista... Picturalmente a sua grande

a Francisco Manuel Homem Cristo (1860-1943) foi um militar e político republicano, bem como um destacado jornalista, escritor e professor. Partiu para Paris após a implantação da República, com cujos protagonistas políticos entretanto se antagonizara. Fundou e dirigiu *O Povo de Aveiro* e, durante a sua estada em Paris, publicou nessa cidade *O Povo de Aveiro no Exílio*.

b Colega de liceu de Sá-Carneiro. António Ponce de Leão (1891-1918) destaca-se como dramaturgo e crítico de teatro. A sua obra é frequentemente considerada de transição para a linguagem modernista. Escreve com Sá-Carneiro a peça *Alma*, em 1913.

c Max Jacob (1876-1944), escritor francês e figura de relevo no círculo cubista. Publicou em 1912 as *Œuvres burlesques et mystiques de Frère Matorel*. Privou muito de perto com Pablo Picasso, a quem ajudou a integrar-se no meio artístico parisiense, permitindo-lhe o contacto com Apollinaire e Braque. É preso em 1944, pela sua origem judaica, e acaba por morrer às mãos dos nazis.

admiração vai p[ar]a o chefe da escola *Picasso*. Pasmé: tendo eu tido na mão uma carta do Picasso, fui encontrar²³ na letra do pintor espanhol profundas semelhanças com os arabescos Santa-Ritinos... O Santa-Rita²⁴ decerto largas horas estuda a caligrafia do seu mestre p[ar]a até nisso se lhe assemelhar.²⁵ A cada passo o Guilherme Pobre diz: "... porque você, Sá-Car[23a]neiro²⁶, bem vê o artista hoje faz isto, aquilo, acoloutro, tem tais ideias etc. etc.",²⁷ Das suas palavras depreende-se que só é artista quem assim procede — e só por proceder assim. De forma que êle adaptando²⁸ essas ideias²⁹, parece tê-las adaptado³⁰ unicamente para ser como os artistas — p[ar]a ser artista. Não sei se compreende esta embaraçada explicação. Em resumo: No artista o que menos lhe parece importar é a obra³¹. O que acima de tudo lhe importa são os seus gestos, os seus fatos, as suas atitudes. Assim não usa *relogio* porque os artistas não usam relógio...

Falando das suas ansias, refere-se sobretudo á sêde que tem de *dominar*. Mas não artisticamente, socialmente. Tenciona quando a monarquia voltar para aí (m[ui]to breve, dentro de 3 meses, garante êle) surgir como conferente, director de museus etc. etc. E uma das suas³² medidas será³² fechar a Academia das³³ Belas Artes. Nas suas conferencias fará sobretudo a apologia da Inquisição que êle acha da maior utilidade e urgencia fazer reviver... Para *dominar* entregou-se — diz — aos jesuitas [23a] que o protegem e lhe dão 50.000 reis por mês... Um dos seus idólos é o imperador da Alemanha; o seu sonho fazer de Paris a capital do mundo sob o dominio do Kaiser³⁴... P[ar]a a exposição das Belas Artes daí vai enviar, p[ar]a escandalo, um quadro intitulado *Portugal* (que eu não vi nem está concluído) e que me descreveu assim: "Uma cabana de pescador. Um velho sentado. Uma janela aberta. No parapeito³⁵ um vaso³⁶ com um manjerico e um cravo de papel tendo uma bandeira³⁷ de papel azul e branco³⁸ com a corôa real... Ha uma cabeça de gato reduplicada e vê-se uma mulher olhar pela janela pensando no filho que partiu. Mas não se vê essa mulher nem os olhos dessa mulher. Mas sabe-se que ela

olha....". No quadro aliás, diz êle, a unica coisa que salta á vista e se compreende é a bandeira monarquica. Isto por conveniencia propria alem do escandalo: p[ar]a agradar aos realistas a cuja sombra se acolheu e de quem espera o triunfo... Que me responde você a isto tudo? Não acha um caso curioso de "intoxicação ansiosa,,; de pessoa que se *perde* na ansia do triunfo? Ou isto tudo será *razoavel* — será, [23] a verdadeira³⁹ maneira de *conseguir*? Não o creio, porquanto me parece ter-se arrimado a arvores fracas, anemicas mesmo. Um grande "gajo,, — desculpe o termo — ou um triste produto? A menos que isto tudo não seja *fumisterie*. Narro-lhe estas coisas, não por dar importancia á personagem mas por as achar interessantes. Rogo-lhe que me dê a sua opinião⁴⁰ na proxima carta que me escreva e que eu lhe peço me seja⁴¹ enviada brevemente. As suas cartas são para mim momentos de deliciosa⁴² palestra que eu aqui não posso ter senão por escrito. E creia que do fundo de alma⁴³ lhe agradeço reconhecidissimo o tempo que comigo gasta.

Abraça-o num grande abraço de sincera amizade o seu m[ui]to amigo e obrigado



De ideias novas?

Escrita entre fumo e barulho de bons burgueses jogando o dominó ou o *écarté*, a presente vai desarticulada e infame. Mas o meu amigo perdoará.

[24r] Peço-lhe não divulgue a historia do quadro Santa-Rita adiante^a narrada, nem fale ao irmão sobre tudo q[ue] acerca do Guilherme conto.⁴⁴

a O *post scriptum* é acrescentado no topo da primeira página. Veja-se a nota final da carta.

grande a pedir-lhe. Ha uma epígrafe⁴¹ que é a sonhada para este livro e que eu teria uma grande pena de não imprimir no frontispício⁴². Ora essa epígrafe⁴³ é um verso inedito seu: “O que sonhei, morri-o.”⁴⁴ Você vê optimamente como ela se casa com o volume e decerto me permitirá imprimi-la, pondo por baixo (se ainda estiver inedita) esta legenda: “duma canção inedita de Fernando Pessoa., Rogo-lhe que me dê resposta a tudo quanto lhe pergunto e peço, [4^o] resposta larga e breve. Assim auxiliar-me-ha⁴⁵ poderosamente na minha tarefa; incutir-me-ha entusiasmo e força. Este pequeno livro escreve-lo-hei até julho, levando-o pronto para Lisboa aonde o burilarei entretanto publicando-o em outubro proximo unicamente. Bem vê que em face de mim tenho tempo de sobra pois é um trabalho materialmente pequenissimo. E é preciso contar que o “Homem dos Sonhos., está por assim dizer ja escrito.

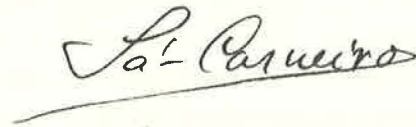
Ainda um conselho⁴⁶: eu penso pôr⁴⁷ esta dedicatória no livro: “*Á gente lucida.,* (mas por “ironia., porque a “gente lucida., condenará as minhas narrativas). Receio entretanto que se lhe possa dar outra interpretação: á gente lucida, inteligente, porq[ue] só ela pode compreender este livro. Responda a isto: A dedicatória: “*Á gente tranquila*⁴⁸ — estas paginas de alucinação e de ansia., iria melhor? Ou nem uma nem outra prestam para o efeito?⁴⁹ É outra coisa a que tem que responder.

Suplico-lhe que me perdôe a maçada que lhe “prégo., e que me dê sobre tudo a sua opinião. Ela é o melhor incentivo⁵⁰ para o meu trabalho, o melhor guia. E quasi lhe poderei chamar o meu colaborador.

Responda breve!!...

a Verso do poema «No entardecer da terra», publicado na *Ilustração Portuguesa*, a 28 de Janeiro de 1922, com o título «Canção de Outono», e na revista *Athena* 3, de Dezembro de 1924, sob a indicação «De um Cancioneiro». Do poema existe uma primeira versão (cota 16-36), de 5 de Maio de 1910, portanto muito anterior à data de publicação.

O seu m[ui]to amigo e obrigado



P.S.⁵¹ Uma destas narrativas ha de levar o seu nome á frente. Prefere o “Homem dos Sonhos., como estava assente, ou agrada-lhe mais que eu lhe dedique uma das outras?⁵² Á sua escolha... Não se esqueça de responder tambem a isto.

18

CAFÉ RICHE

TÉLÉPHONE { GUTENBERG 68-32
2 LIGNES { CENTRAL 86-29

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9^e)

Paris — fevereiro' de 1913

Dia 3

Meu querido amigo,

Recebi a sua carta ante-ontem. Não sei como agradecer-lhe. E só lhe digo que ela me causou uma grande alegria porque nos dá sempre grande prazer sabermos que temos quem nos estima e nos *compreende*. Obrigado.

Em primeiro lugar quero-lhe falar das suas poesias. Elas são admiraveis, já se sabe mas o que mais aprecio nelas é a sua qualidade. Eu me explico. [41^o] Os seus versos são cada vez mais *seus*. O meu amigo vai creando uma nova linguagem, uma nova expressão poetica e — veja se compreende o que² eu quero significar — conseguiu uma notavel força de *sugerir* que é a beleza maxima das suas poesias *sonhadas*. É muito dificil dizer o que quero exprimir: *Entre os seus versos correm nuvens*, e essas nuvens é que encerram a beleza maxima. Dos versos que me escreve na sua carta os que eu coloco mais

alto³, por serem aqueles aonde mais frisantemente isto se observa⁴, são os tercetos de “O manibus date lilia plenis,... e — sobretudo — as sextilhas do “Abismo,..”^a Esta poesia é quanto a mim uma coisa sublime. De tudo o que conheço seu talvez a que mais fico estimando. [42] Toda ela é uma orquestração de bruma — o poeta manuseia o misterio, interroga o alem⁵. E que coisa maravilhosa a 2^a estrofe!... Como é bem descrito o estado da alma que interroga: “O⁶ que é ser-se rio? e correr? O que é esta-lo eu a ver?.. E neste verso: “Tudo de repente é ôco., passou uma asa de genio. Sabe bem que não estou a “elogiar., que estou apenas a dizer sinceramente o que penso da sua obra. Peço q[ue] me acredite e que acredite tambem nisto: *Que⁷ eu compreendo os seus versos.*

Quantas vezes em frente dum espelho — e isto já em criança — eu não perguntava olhando a minha imagem: “Mas [42⁷] o que é ser-se eu; o que sou eu., E sempre, nestas ocasiões, de subito *me desconheci*, não acreditando que eu fosse eu, tendo a sensação de sair de mim proprio. Concebe isto?

O soneto composto numa fuga ao raio é m[uit]o belo tambem. Gosto menos do “Dobre., e pouco do “Fio d’Agua.,. “Uma Melodia., é outra coisa soberba. E eu compreendo m[ui]to bem o horror da sua tortura que nela descreve.^b

a Do poema «O manibus date lilia plenis» existe um testemunho datado de 4 de Janeiro de 1913 em 30A-7, uma folha que depois serviu de suporte a um fragmento do *Fausto* pessoano; de «Abysmo» (com «y»), existe um testemunho de 20 de Janeiro de 1913, sob o título «Sensações do Mystério», em 16-22, uma folha em cujo verso consta o rascunho de uma carta de 22 de Janeiro para Jaime Cortesão: «Meu presado Camarada: Uma constitucional perturbação da vontade, e uma ancia, paralelamente paralyzante, de sobre tudo querer dizer tudo, sem falha, falta ou fraqueza, fazem com que eu comee todas as minhas cartas por uma desculpa.» O poema «Abysmo» é o primeiro da série «Além-Deus», que integra as provas de página de *Orpheu* 3.

b «O soneto composto numa fuga ao raio» é «Abdicação», referido numa carta de 1 de Fevereiro de 1913 a Mário Beirão como tendo sido composto enquanto Pessoa fugia dos raios de uma trovoadá. «Dobre» é um poema de 20 de Janeiro de 1920, que se encontra em 16-22, tal como «Abysmo». «Fio de Agua» está datado de 18 de Dezembro de 1912 em 57-28, uma tira de papel que contém no verso este apontamento: «Camões um poeta patriótico, não um poeta nacional.» «Uma Melodia» ostenta a data de 25 de Dezembro de 1912 e a indicação «Aureola», referente a este livro de versos (ver 39-44).

O que é preciso, meu querido Fernando, é reunir, concluir os seus versos e publica-los não perdendo energias em longos artigos de critica nem tão pouco escrevendo fragmentos admiraveis [43⁷] de obras admiraveis mas nunca terminadas. É preciso que se conheça o poeta Fernando Pessoa, o artista Fernando Pessoa — e não o Critico só — por lucido e brilhante q[ue] êle seja. Atenda bem nas minhas⁸ palavras. Eu reputo mesmo um perigo p[ar]a o seu triunfo a sua demora em aparecer como poeta. Habituaado a ser considerado como o belo critico os “outros., terão estupida mas instintivamente repugnancia em o aceitar como poeta. E você pode encontrar-se o critico-poeta e não o poeta-critico. Por isso, embora, em principio, eu [43⁷] concorde com a sua resolução de não publicar versos senão em livro, achava preferivel — se não vê possibilidade de o fazer sair num espaço breve — a inserção d’algumas⁹ das suas poesias (ainda q[ue] poucas) na *Águia*¹⁰. Seria “pour prendre date., como poeta.

Mas isto não são conselhos sequer — Não tenho essa petulancia. É apenas o q[ue] eu faria no seu caso. Perdôe-me mesmo ter-lhe dito isto. Seja em paga da offensa¹¹ q[ue] você me fez pedindo desculpa por me dar a sua opinião sobre um ponto¹² em q[ue] eu não o consultara directamente.

Concordo com tudo quanto você me diz acerca de [44⁷] titulos e dedicatoria etc. A dedicatoria não é mesmo preciso que exista¹³. O titulo “Asas., conserva-lo-hei provavelmente. E p[ar]a “O Homem do Ar., adoptarei¹⁴ concerteza “O Ar., q[ue] você¹⁵ sugere ou unicamente “Ar.,. Diga o q[ue] pensa.

As recomendações que faz acerca da “materialisação.,¹⁶ são perfeitamente justas. E eu terei o máximo cuidado de não cair nesse escolho.

Junto, vão umas linhas que tenho escrito ultimamente. Elas não se aparentam em [44⁷] coisa alguma com o que até hoje tenho composto. São coisas que me têm¹⁷ surgido bizarramente, não sei bem

como. Serão do "Alem,,. São ainda frases soltas, não certas. Peça que as medite bem, profunda, demoradamente, palavra a palavra¹⁸ e que me diga com a máxima sinceridade o que pensa delas. Presta-me¹⁹ assim o maior dos serviços. E eu creio que não me negará este favor. Mas sinceridade absoluta. Elas ai vão (considere-as apenas como excerpτος ainda não polidos).

[45] = 1º fragmento =

Erravam pelo ar naquela tarde loira efluvios roxos d'alma e ansias de não ser.

Mãos santas de rainha, loucas de esmeraldas, davam aroma e rocio²⁰ á brisa do crepusculo.

O ar naquela tarde era beleza²¹ e paz; o ar naquela tarde era saudade e alem²²...

.....
E as asas duma quimera, longinquamente batendo, a ungi-lo de irreal...

.....
Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

.....
Um ar que sabia [45] a luz e que rangia²³ a cristal...

.....
E muito ao longe... muito ao longe... as casas brancas...

..

Na grande alcova da victoria²⁴, toda nua e toda ruiva, eu tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantastico da côr.

Linda espiral de carne agreste, a mais formosa enchia para mim os olhos de misterio sabendo que eu amava as ondas de estranheza²⁵.

E os seus braços, de nervosos, eram corças²⁶...

E os seus labios, de rubros, eram dôr...

.....
No jardim os girassois²⁷ não [46] olhavam para o sol...

.....
Verguei-me todo para ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

.....
Em face daquela gloria que me sorria tão perto, que me ia sagrar emfim — os meus olhos eram chama e a minh'alma um disco d'ouro...

Até aqui isto é na sua essencia o começo dum todo²⁸. Agora é que escreverei apenas frases soltas. Mas 1º deixe-me dizer-lhe o meu plano: A beleza vai-se agora desfazer da forma que verá. Morta a²⁹ [46] beleza, sobrevem o abatimento. Mas o poeta quer-se ainda enganar:³⁰

"A tristeza das coisas que não foram, descera-me na alma. Eu era agora uma esfinge sem misterio — e os raios dourados³¹ do meu olhar, apenas reflexos de ouro falso,,. Mas juntando toda a sua sede de beleza e de ideal consegue ainda, ascender num espasmo de azul. Mas de novo a desilusão. E é aqui que se dará a queda, atravez do espaço que será a "viagem,, a que eu me referia na minha ultima carta. No final de cada capitulo, de cada "cristalisação,, haverá [47] sempre frases como estas: "E ao longe sempre as casas brancas,,. "As casas brancas não perdôam,,. Com esta imagem quero eu significar a impossibilidade da evasão completa no "Alem,, porque ao longe se vê sempre a fita monotona e bem real e bem solida da casaria branca — seja o ar misterioso, carregado de côr e de irrealidade, seja a beleza morta, seja a beleza resplandecente.

Isto vai emaranhadissimo. Mas você compreende: Eu vou desenrolando ideias que no meu cerebro ainda estão emaranhadas e por isso não poderia ser lucido. Faça no emtanto³² um esforço por perceber neste caos.

[47] E prosseguindo agora:

.....
Um pouco mais e brotar-me-hiam asas...
.....

A louca acerava as pontas dos seios para os tornar mais acres, p'ra me ferir melhor.

E os meus labios d'ansia sofriam já da saudade dos beijos que lhe iam dar.
.....

Agora deixe-me expôr-lhe como a beleza se desfaz: A beleza á força de grandiosa volve em espaço os olhos do poeta. Este *compreende* o espaço, vê-o. E então detem-se aterrado diante “da cavalgada medonha dos angulos agudos [48^a] que se lança de tropel³³ sobre o seu^a corpo ideal a materialisa-lo escarninhamente³⁴, zombando das curvas e dos redemoinhos,.. Depois “uma gaiola picaresca de losangos,, põe-se a girar vertiginosamente em volta do seu corpo. No ar haverá “palmas de espadas, derrocadas de gomos, ondulações pavorosas³⁵ de sons humidios,.. E em face disto toda a beleza cairá em estilhaços. [48^a] Você compreende que tudo isto é m[ui]to estranho. No emtanto eu sinto-o. E diga-me: Não seria horrivel³⁶ ver a girar em volta dum corpo lindo e nu uma gaiola de losangos de ar, tão desgraciosos e bojudos? E os angulos agudos saltando sobre essa carne? Já num verso diz Cesario que odeia “os acidos, os gumes e os angulos agudos,,^b. Espadas batendo palmas acho que dão um som esbatido, especial e frio pelo ar que põem em movimento. Derrocadas de gomos têm³⁷ para mim um “som-mudo,, e argentino [49^a] e uma coisa horrivel:³⁸ os “sons humidios,.. No que lhe escrevo ha frases de q[ue] gosto

a Mário de Sá-Carneiro faz uma chamada para a seguinte anotação na margem superior da folha: «(o corpo da amante nua)».

b Sá-Carneiro parafraseia o poema «Contrariedades», de Cesário Verde, em que o sujeito diz amar «insensatamente, os ácidos, os gumes | E os ângulos agudos», e não odiar, como aqui erradamente se afirma.

deveras:³⁹ “Os meus labios de ansia sofriam já da saudade dos beijos q[ue] lhe iam dar,.. É a ideia da saudade antes da posse que eu acho qualquer coisa de tragico e grande: “ter saudade já do futuro,.. “A minha alma era um disco de ouro,, agrada-me tambem pois me dá bem a impressão duma grande alegria e entusiasmo. Gosto da nota dos girasoes⁴⁰ e depois da expressão “verguei-me,, que estabelece uma *ligação indefinida*⁴¹ entre as duas frases porque [49^a] é das flores que se diz que elas “se vergam,.. Compreende?

Emfim, atenda nisto tudo e com a maior brevidade diga-me sinceramente o que pensa do q[ue] lhe exponho. Com a maior brevidade porque eu fico ansioso de saber a sua opinião.

E m[ui]tas desculpas por esta enorme estopada! e borrada!...

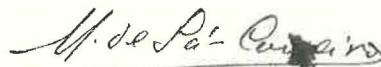
Você tem m[ui]ta razão no que diz acerca⁴² da influência perniciosa que o Vila-Moura^a pode ter sobre o Mario Beirão. Gosto pouco [50^a] do titulo do livro q[ue] acho um pouco “dôce,, de mais.

Impagavel o espanhol do Ramos!

O Santa-Rita apresentou-me hoje a um escultor Henrique Franco^b, pensionista do estado. Julgo q[ue] você o conhece.

Perdôe esta carta tão extensa⁴³ e os meus pedidos. Mas satisfaçamos, sim? Resposta sincera e o mais breve possivel.

Um grande abraço [50^a] do seu muito amigo e agradecido



Perdôe a caligrafia horrenda!

a Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho e Lobo (1877-1935), visconde de Vila-Moura, cultivou na sua escrita as tendências decadentista e saudosista. Próximo de Fernando Pessoa, colaborou muito activamente com *A Águia* e a *Renascença Portuguesa*. Da sua vasta obra destaca-se *Nova Safo* (1912), livro notório pela frontalidade com que trata o tema da homossexualidade.

b Henrique Franco de Sousa (1883-1961) foi aluno de pintura na Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo de Columbano Bordalo Pinheiro, e subsequentemente bolseiro em Madrid e Paris.

E conta-lhe q[ue] o fixou por se parecer imenso com um seu discípulo morto já... — Disto, dar a ideia das coisas *incertas* q[ue] na vida por vezes vivemos, das zonas claro-escuro q[ue] nela existem (como ás vezes, ainda acordados, como q[ue] começamos a sonhar, despertando logo porem desse vago sonho, que não temos a certeza se existiu). Fazer passar a incerteza do proprio encontro, do episodio,,

— “A estranha obsessão^{4o} dum homem que ama uma mulher que se lhe entrega toda mas que êle não pode possuir inteiramente por-q[ue] a sua beleza se lhe afigura movel, nunca fixada. Assim, um dia mata-a. A beleza finalmente deixa de correr, pára. Êle possui-a^{4o} toda nesse corpo morto e palido, lavado pelo luar. (Obteve a alma da beleza; mas o proprio corpo se transforma em alma. E êle chora a alma e a carne perdida. Porq[ue] em face dos seus olhos delirantes, a carne se esvai na noite.),,

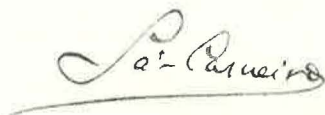
Estas duas ideias não são m[ui]to importantes [106a^o] entretanto diga-me o q[ue] pensa delas.

O Ramos continua no Brasil^{4a}, aonde parece fixar-se visto q[ue] manda para lá ir a mulher. Soube-o por uma carta que escrevi a esta e á qual uma tia me respondeu... Que “complicações familiares...”.

Meu querido Fernando, mais uma vez lhe quero exprimir toda a minha gratidão pelos serviços que lhe devo. Nunca lho poderei agradecer. Só lhe peço que continue estimando-me e falando-me, de si e de mim, com o maximo desassombro.

Um grande abraço,

o seu



Atrevo-me a pedir-lhe q[ue] me responda o mais breve que puder!
E pergunte ao Ponce, da minha parte, se está bom de saude...
Mais um abraço



32

Paris — Maio de 1913
Dia 3

Meu querido Fernando Pessoa,

Cá estou de novo a maça-lo¹. Mas você tem que ter pena de mim. Escrevo uma coisa, e logo tenho ansia de saber o que o meu querido amigo pensa dela. É um entusiasmo², uma ansiedade³... Tenha paciencia. Nós estamos no mundo para termos paciencia e para nos aturarmos uns aos outros.

De resto o que aí vai⁴ não tem importancia. Eu pelo menos não sei se tem importancia. Mas o curioso é como esses versos nasceram. Não nasceram de coisa alguma. Eu lhe conto:

Antes de ontem,⁵ 5^a feira de ascensão, dia de Santo cá na Republica, á tarde, quasi a dormir, num aborrecimento atrás⁶, alheio, com a cabeça esvaída (dormira muito pouco na noite antecedente) eu estava sentado na *terrasse* dum café no Boul[evard] dos [109^o] Italianos. Sem saber como havia de passar o tempo pus-me⁷ a fazer bonecos num papel... e de subito comecei a escrever versos, mas como que automaticamente. Coisa para rasgar, pensei logo. Se havia disposição má p[ar]a escrever, era aquela em que eu estava. A seguir compús⁸, sem uma rasura, mais de metade das quadras que lhe envio — coisa unica em mim que, como sabe, não tenho o trabalho rapido. Li o que escrevera por desfastio e achei-lhe um sabor especial, monotono,

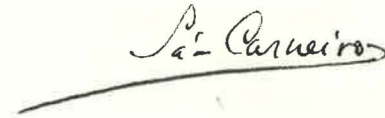
quebrado (pela repetição da palavra na rima), boa⁹ tradução do estado sonolento, maquinal, em que escrevera esses versos. E ontem, em vista disso, juntei o resto das quadras, mas num estado normal e reflectidamente. Acho isto interessante¹⁰. E sobretudo, esses versos, eu ao lê-los¹¹, sinto que marcam bem o ritmo amarfanhado da minha alma, o sôno (não o sonho — o sôno) em que muitos dias vivo. Sôno¹² d'alma¹³, bem entendido. Mas q[ue] nessa tarde coincidia com sôno¹⁴ fisico... Francamente, rudemente, diga-me você o que isso vale. [109a] Afirmo-lhe que não o sei. Mas pressinto¹⁵ que é ou uma coisa muito valiosa, ou uma serie de banalidades. Espero ansiosamente a sua resposta. Peço-lhe que perdôe "O Domingo de Paris,,. Não o corto, porque essas duas quadras pertencem ao n[umer]o das q[ue] nasceram num estado sub-consciente, com¹⁶ as melhores, aliás. (Domingo; porq[ue], sendo dia de santo, o aspecto da cidade, é o mesmo que o de Domingo). Rogo-lhe também que atenda particularmente às quadras 3^a, 9^a, 14^a, 15^a, 20^a e aos dois versos isolados finais que julgo ser o melhor da poesia. A quadra 15^a não tem beleza, se lha indico é porque acho muito singular o tê-la escrito. Que quer dizer isso? Parece uma profecia... Porque a escrevi eu? Como é que de subito me surgiu essa ideia do norte, duma cidade do norte que eu depois, procurando, vejo que não pode ser outra senão S[ão] Petersburgo?... (Escuso de lhe dizer q[ue] esta quadra pertence ao n[umer]o das que escrevi primeiro, por isso¹⁷ mesmo é q[ue] ela se torna interessante). Do final da poesia gosto muito, muitissimo, por a terminar quebradamente, em desalento de orgulho¹⁸: Leões que são mais que leões pois têm asas¹⁹ e aos quais no emtanto arrancar[am] [109a] as jubas, a nobreza mais alta, toda a beleza²⁰ das grandes feras douradas. Nas quadras que escrevi dum jacto raras emendas fiz: Mudei um — Tristeza! — para "sequinha,, por ex[empl]o, e tudo o mais, m[uit]o pouco, é²¹ meras substituições de palavras. Em resumo, essa poesia *pouco* mais tempo levou a compôr do que o tempo material para a escrever. Como digo, isto em mim é extraordinario.

Repito: Ignoro se isso é alguma coisa ou não é nada. Você mo dirá. A você, ao seu alto espirito, á sua maravilhosa clarividencia, me confio, só lhe rogando que me responda o mais breve possivel e me perdôe²² estas constantes maçadas.

E não se esqueça também de responder á minha ultima carta, se é q[ue] ainda o não fez.

Repetindo-lhe os meus agradecimentos e enviando-lhe um grande abraço, sou

o seu muito amigo



P. S. = Depois de composta a poesia, vi que ela era *sincera*, que encerra talvez um canto do meu estado de alma²³. Pelo menos, creio-o.

[110]

— Dispersão —

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ansia de ultrapassar,
Nem olhei prá minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge,
Cai sobre mim feito ontem.

[110^o]

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido²⁴
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris.

Porque um Domingo é familia,
É bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não têm²⁵ bem-estar nem familia).

O pobre moço das ansias...
Tu, sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ansias.

A grande ave dourada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

[110^a]

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo.
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro —
Não me acho no que projecto.

Passeio dentro de mim,
Mas nada me fala, nada!

Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

[110^a] Saudosamente recordo
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua bôca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um hálito²⁶ perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei²⁷.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)

E²⁸ sinto que a minha morte
— Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

[111]

Vejo o meu ultimo dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...
Ninguém mas quis²⁹ apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

[111]

Desceu-me n'alma³⁰ o crepusculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepusculo.

Alcool dum sôno outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço!

.....
.....
Castelos dismantelados,
Leões alados sem juba...

.....
.....
.....
Mário de Sá-Carneiro

Paris, maio de 1913.

33

São 9 e meia da noite. Acabo de fazer isto^a num café. Diga' o que vem a ser isto:

Numa ansia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar.
Desço-me todo em vão, sem nada achar,
E a minh'alma² perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada, sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
Á força unicamente de sonhar.

^a Este «Soneto» receberá mais tarde o título «Escavação», como vemos Sá-Carneiro explicar adiante.

Mas a vitória³ fulva esvai-se logo,
E cinzas... cinzas só, em vez do fogo...
Onde existo, que não existo em mim?...

Um cemiterio⁴ falso sem ossadas,
Noites de amor sem bôcas esmagadas —
Tudo outro espasmo que principio ou fim...

Cl. de Sá-Carneiro

3 maio 1913 — Paris.

Pelo mesmo correio vai uma carta.

34

CAFÉ RICHE

TÉLÉPHONE GUTENBERG 69-32
2 LIGNES / CENTRAL 86-29

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9^{es})

Paris — maio de 1913¹
Dia 4

Meu querido Fernando,

Ai vai outra poesia. Fi-la, vamos lá em 3 horas, neste café, com barulho², e um militar³ reformado, gágá, ao meu lado que fala só e implica com os circunstantes... Nesta tenho muita confiança; julgo-a mesmo muito bela; pasmo de a ter feito. É muito interessante o que se passa comigo actualmente. Como é que de subito eu me virgulo [6a] para outra arte tão diferente? E sem esforço, antes naturalmente. Depois ha isto. Eu que sou sempre inteligencia, que

componho sempre de fóra para dentro, pela 1ª vez acho-me a compôr de dentro para fóra. Estes versos, antes de os sentir, pressinto-os, pesam-me dentro de mim; o trabalho é só de os arrancar dentro o meu espirito⁴. Sinto mesmo uma ou duas poesias mais dentro de mim. Não lhe posso dizer o que elas são; mas sinto-as. Qualquer dia as escreverei. É preciso notar que o soneto q[ue] ontem lhe enviei bem como esta poesia e essa outra ou outras ainda não escritas se englobam em *Dispersão* [6a¹] e entrevejo mesmo uma *plaque*te aonde, sob esse titulo, eles se reunam sem titulos; separados unicamente por numeros. É preciso notar q[ue] só farei essa publicação se o meu amigo me disser q[ue] efectivamente estes versos valem alguma coisa, não muita coisa — emtanto alguma coisa. Mesmo eu gostava muito de publicar um feixe de versos entre as m[inhas] prosas. Diga-me pois francamente. O “Bailado,, aboli-o. Logo não se admire do “desce-me alma,, que aproveitei na bebedeira, como outras coisas do “Bailado,, aproveitarei. Alias⁵ o verso

Desce-me a alma, sangram-me os sentidos

parece-me m[uit]o belo. Que diz você?

[6¹] É verdade. Resolvi substituir toda a 1ª parte do “Simplesmente,, por esta unica quadra

Ao ver passar a vida mansamente
Nas suas cores serenas, eu hesito,
E detenho-me ás vezes na torrente
Das coisas geniais em q[ue] medito.

Faço bem? Diga.

Quanto ás elisões⁶ (imp'rial etc..) quando publicar os versos não as faço tipograficamente. O leitor maquinalmente as fará. O mesmo sucede com um “crepusculo,,⁷ da “Bebedeira,,.

Diga-me também. Seria melhor escrever a 1ª quadra do soneto de ontem assim (foi como primeiro a escrevi)

Numa ansia de ter alguma coisa,
Divago por mim mesmo a procurar.
Desço-me todo, e em vão... Sem nada achar,
A minh'alma perdida não repousa.

[7] Na "Bebedeira,, será melhor

Um disco d'ouro *nasce* a voitar

do que

Um disco d'ouro *surge* a voitar?

Desculpe todas estas coisas sem importancia. É claro mesmo q[ue] pequenos retoques ainda presumivelmente⁸ darei a todos estes versos até á hora da sua publicação.

Suplico-lhe, suplico-lhe q[ue] me diga *o mais depressa possivel* o valor destes versos. Com toda a rudeza. Pode-os mostrar a quem entender.

[7] E perdão de novo pelas m[inhas] maçadas!
O seu m[ui]to grato

Sá-Carneiro

Responda logo q[ue] possa!
Perdõe-me!...

Destas 4 poesias: 2ª parte do "Simplesmente,, "Dispersão,,
"Soneto,, e "Bebedeira,, diga-me qual a melhor (eu julgo a ultima).

[112]

— Bebedeira —

Guilhotinas, pelouros e castelos
Resvalam longemente em procissão⁹;
Volteiam-me crepusculos amarelos,
Mordidos, doentios de roxição.

Batem asas d'aureola aos meus ouvidos,
Grifam-me sons de côr e de perfumes,
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,
Desce-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,
Da luz que m'ilumina participo;
Quero reunir-me, e todo me dissipio,
Luto, estrebuchio¹⁰... Em vão! *Silvo p'ra alem...*

Corro em volta de mim sem me encontrar...
Tudo oscila e se abate como espuma...
Um disco d'ouro surge¹¹ a voitar...
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

[112]

Que droga foi a que m'inoculei?¹²
Opio de inferno em vez de paraiso?...
Que sortilegio a mim proprio lancei?
Como é que em dôr genial eu m'eteriso?...

Nem opio nem morfina... O que me ardeu,
Foi alcool mais raro e penetrante:
É só de mim que eu ando delirante —
Manhã tão loira que se anoiteceu...

Mário de Sá-Carneiro

Paris — 4 de maio de 1913.

35

Aí vai outro n[umero] da *Dispersão* acabado agora:

= Estátua' falsa =

Só d'ouro falso os meus olhos se douram;
Sou esfinge sem misterio no poente.
A tristeza das coisas que não foram
Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dôr quebram-se espadas d'ansia;
Gomos de luz em treva se misturam.
As sombras que eu dimano não perduram;
Como Hontem, para mim Hoje é distancia.

Já não estremeço em face do segredo;
Nada me aloira já, nada me aterra:
A vida corre sobre em mim em guerra,
E nem sequer um arrepio de medo!²

Sou estrela ebria que perdeu os ceus,
Sereia louca que deixou o mar;

Sou templo prestes a ruir sem deus,
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

Paris = 5 de maio 1913

Nota — A 1ª quadra é a orquestração duma frase em prosa q[ue] eu lhe enviei como sendo do "Alem.,,

Abraços e desculpas do

Sá-Carneiro.

36

CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16

PARIS (9^{ES})

TÉLÉPHONES : 168-32 & 286-29

2 LIGNES

Paris — Maio de 1913
Dia 6

Meu querido amigo,

Agora são cartas quotidianas!

Mas hoje é porque recebi a sua, embora vão juntamente mais versos.

Você, é um santo!...

Muito interessante e subtil o q[ue] diz sobre o Beirão. Concordo plenamente com a necessidade de mais de um estilo.

Quanto aos "Pauzes,,. Como pede, vou-lhe falar com franqueza. E peço-lhe que me acredite. É uma vaidade realmente, mas peço-lhe

que me acredite. Eu sinto-os; *eu compreendo-os* e acho-os simplesmente uma coisa maravilhosa; uma das coisas mais geniais¹ que de você conheço. [115a] É alcool doirado, é chama louca, perfume de ilhas misteriosas o que você pôs nesse excerpto admirável, aonde abundam as garras.

Assim, além do sublime primeiro verso que lista fogo², ha estes magistrais que destaco:

Ó que mudo grito de ansias põe garras na hora
Que pasmo de mim ansea³ por outra coisa q[ue] o q[ue] chora?
Fluido de aureola, transparente de foi, ôco de ter-se...
O misterio sabe a eu ser outro... Luar sobre o não-conter-se.

e isto que me faz medo, não sei porquê:

A sentinela é hirta e a lança que fixa (?)^a no chão
É mais⁴ alta do que ela,

para lhe não copiar toda a poesia.

Ha unicamente um pedaço que me parece transviado; que pelo menos eu não adivinho⁵; em suma q[ue] não acho belo. São os dois versos e meio que começam em "Onda de recuo,, e terminam em "me sinto esquecer,,. O que eu acho falhado, é o conjunto pois o verso "E recordar tanto o Eu proprio q[ue] me sinto esquecer,,⁶ [115a] é admirável e até evidente. O que não atinjo é ligação da "Onda de recuo que uivada,,^b com os dois versos que lhe seguem. Em suma: a unica coisa que não sinto são essas 4 palavras. Devo-lhe também dizer que gosto pouco da frase final "tão de ferro,,. Não acho suficientemente louca nem bela, para a desculpar da sua rudeza

a Sá-Carneiro terá hesitado entre «fixa» e «finca», como está no poema.

b Como se percebe, e o próprio clarificará mais adiante, Sá-Carneiro lê incorrectamente como «uivada» a palavra «invade», no verso pessoano «Onde de recuo que invade», do poema «Pauis».

raspante. E abstraindo o que digo (q[ue] não é nada) todo o conjunto é sublime. Quem escreve coisas como esses versos, é que tem razão para andar bebado de si. Desculpe-me não me alargar mais, em considerações. Confesso-lhe que isso é uma maravilha; pormenores trocaremos este verão, logo no começo de julho (isto dentro de apenas 2 meses) aí em Lisboa. Suplico-lhe que me acredite. Eu posso errar, mas digo-lhe o que penso⁷, só o que penso. E sabe: Eu não acho os "Paués,, tão nebulosos como você quer; acho-os mesmo muito mais claros do q[ue] outras poesias suas. Talvez [115] por uma circunstancia fisica.

(O Ferro em carta de ontem falava-me no "Paués,, dizendo-mos muito belos, mas encontrando-lhes no emtanto "enigmas,, — a palavra é dele — a mais).

Curioso o que diz sobre as recitações. E acho especialmente significativo e confortador para você o caso do Ponce. É que ha Arte que se aprecia melhor antes de se procurar compreende-la⁸. Presentir⁹ é mais do que sentir.

Junto vão duas pequenas poesias, n[umer]os da *Dispersão*. No "Inter-Sonho,, emoldurei tres frases do "Bailado,, que eu reputo das coisas mais belas que tenho escrito e q[ue] de forma alguma quere-ria perder. Gosto, afeciono estas duas poesias embora das menos importantes da *Dispersão*. Já tenho o plano completo do conjunto. Além dos versos que você tem, q[ue] são os feitos até hoje, haverá os seguintes n[umer]os.

"Mentira,, "Rodopio,, "Como Eu não Possuo,, "A Queda,, e, talvez (quasi certamente) "Aquele [116] Que Estiolou o Genio,, volvido poema.

"Mentira,, — Não é nas outras pessoas só que eu me engano, é também em mim proprio. Corro para uma aventura. Tudo está certo. E ela não me acontece. — O mesmo sucede comigo proprio, dentro de mim. Olho para as coisas que crio, julgo-me principe.

Mas olho-as mais de perto: todas se dispersam, não “são,, também; pelo menos não creio nelas. (isto não se pode explicar, só executar). Não só não me acontece a realidade, como também me não “acontece,, a fantasia.¹⁰

“Rodopio,, — Volteiam dentro de mim as coisas mais heterogêneas¹¹:

Volteiam dentro de mim
Num rodopio, em romances,
Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim...

Descrever a angustia de apanhar tudo quanto passa¹²; o q[ue] é impossível. Cansaço¹³, mãos feridas. (a seguir a este n[umer]o, grifando-se nele, virá a “Vontade de Dormir,,)

“Como Eu não Posso,,: O que eu desejo, nunca o posso obter nem possuir, porque só o possuiria *sendo-o*. Não é a boca daquela rapariga [116a] que eu quisera beijar; o que me satisfaria era sentir-me, *ser-me* aquela boca¹⁴, *ser-me* toda a gentileza¹⁵ do seu corpo agreste (gosto muito deste n[umer]o)

“A Queda,, — A descrição duma queda fantástica, aonde emfim jazo *esmagado sobre mim proprio*.

Estas poesias serão¹⁶ todas curtas, um pouco mais longo talvez “Aquele Que Estiolou o Genio,, que no entanto eu ainda posso renunciar a incluir nesta serie. É uma questão do momento em q[ue] o principiar a compôr.

Parece-me que afinal publicarei a serie, numerada, mas com titulos. Ela abrirá por um pedaço não numerado “Partida,, q[ue] é a 2ª parte do “Simplesmente,,¹⁷, e que será como q[ue] um prefacio¹⁸, uma “razão,, do q[ue] se segue. O soneto q[ue] lhe enviei terá o

titulo de “Escavação,,¹⁹ e a “Dispersão,, passará a chamar-se “Sôno,,. Diga-me você o que pensa sobre tudo isto e se entende preferivel [116a] só numerar as poesias. E por amor de Deus, diga-me *rudemente*²⁰ o que pensa de cada uma delas destacando as melhores. Suplico-lhe á sua amizade! *E o mais brevemente possivel!!*

O conjunto de *Dispersão* ficará talvez um pouco monotono. Mas essa monotonia dar-lhe-ha²¹ um sabor especial. E é preciso atender a que o folheto se lerá em menos de meia hora.

Os metros que emprego são de talhe classico. Não é que eu os prefira²². Simplesmente as poesias têm-me²³ saído assim — talvez porque a toada certa facilita o trabalho.

Pode ir a minha casa desde terça feira proxima para o caso Gomes Leal. Isto porq[ue] o meu pai está em Tancos vindo porem a Lx^a, mas só aos domingos — segundas. Só pois nestes dias poderá dar [116] a ordem necessaria. Eu digo q[ue] você vá a partir de 3ª para haver certeza completa.

Como é bem certo, magnificamente exprimido o q[ue] você diz sobre a “ansia transbordante de outro, q[ue] é como q[ue] uma tortura fisica,,. Oh! não ha duvida, é uma tortura fisica — quantas vezes o tenho pensado.

Recebi o *Teatro*. Gostei m[ui]to do seu artigo^a e sobretudo do “novo genero de caricatura,,.

a Em *Teatro*: revista de critica, n.º 3, Pessoa referia-se ao «novo género de caricatura que consiste em nos fazer crer que aquele politico [António José de Almeida] não é parecido consigo proprio».

Renovo-lhe todos os meus perdões, todos os meus abraços pelos seus versos geniais²⁴ e, infantilmente, lhe rogo q[ue] faça um esforço e me responda o mais breve possível.

O seu

Sá-Carneiro

Quanto ao "H[omem] dos Sonhos,, faça-o sair como está q[ue] eu no livro lhe farei as pequenas emendas.

Na "Vontade de Dormir,, seria preferível em vez de "quero dormir... socegar...,, "quero dormir... ancorar...,,?²⁵

Diga!

Parece-me melhor o *ancorar* que emendei na poesia, riscando o *socegar*. Diga no entanto.²⁶

[117]

= Inter-Sonho²⁷ =

Numa incerta melodia
Toda a minh'alma se esconde;
Reminiscencias d'Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã d'armas! Manhã d'armas!
Romaria! Romaria!...

.....

Tactio... dobro... resvalo...

.....

Princesas de fantasia,
Desencantam-se das flores...

.....

Que pesadelo tão bom...

.....

Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as côres,
Vivo em rôxo e morro em som...

U. de Sá-Carneiro

6. maio 1913 — Paris.

[117]

— Vontade de Dormir —

Fios d'ouro puxam por mim
A soërguer-me na poeira,
Cada um para o seu fim,
Cada um para o seu norte...

.....

— Ai que saudades da morte...

.....

Quero dormir... ancorar...²⁸

.....

Arranquem-me esta grandeza!
— P'ra que me sonha a Beleza
Se a não posso transmigrar?...

M. de Sá-Carneiro →

Paris — 6 de maio. 1913

37

CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
PARIS (9^e)

TÉLÉPHONES | 168-32 & 286-29
2 LIGNES

Paris — Maio de 1913
Dia 10

Meu querido amigo,
Cá estou outra vez!

E foi já antes de ontem que eu copiei os versos que vão junto para
lhos mandar — o que afinal só hoje venho a fazer.

Oiça:

No “Rodopio,, o que eu quis dar foi a loucura, a incoerência, das
coisas que volteiam — daí a junção bizarra de coisas que aparente-
mente não têm¹ relação alguma. Quis dar também o *rodopio* pela
abundância, pelo movimento. Ha versos de que gosto bastante, por
ex[empl]o

“Chovem garras, manchas, laços...
Planos, quebras e espaços
Vertiginam em segredo..”²

[120a] As duas quintilhas que se seguem.³
A ante-penultima.

Sobre a 8^a (“Ha incensos de esponsais,, etc) é que tenho duvidas.
Escrevi-a na seguinte intenção: dar a nota da incoerência, no⁴ meio
do singular turbilhão⁵; das coisas esplendidas e bizarras, vêm-se
grifar também coisas vulgares da vida, ou antes — a nostalgia das
coisas vulgares da vida; muita, muita ternura. Traduz essa quintilha,
no meio das outras, uma coisa m[uit]o m[uit]o verdadeira da minha
alma. Mas receio no emtanto que ela venha destruir o equilibrio do
desequilibrio artistico da composição. Meti-a⁶ entre parentesis,
por isso mesmo. Gostaria m[uit]o de a conservar. Emtanto hesito,
e, em ultima instancia, recorro a você. Mas seja imparcial. E diga
se ela pode ficar. Se apenas fôr preferivel elimina-la⁷, deixa-la-hei.
Mas se fôr *preciso* condena-la, condena-la-hei. Você mo dirá.

A seguir ao “Rodopio,, vem “A Queda,, fazendo conjunto com êle.
Gosto bastante [120a] desta poesia e muito do seu final.

Para a *Dispersão* faltam pois só duas poesias porquanto aque-
la “Mentira,, não a comporei. O assunto não é, depois de o pensar
melhor, o que eu julgava. E, como é, não entra pelo menos no qua-
dro. Ainda sobre o proprio “Aquele Que Estiolou o Genio,, tenho
duvidas. O que farei decerto é “Como Eu não Possuo,, que se grifará
nesta ideia: Não é só em mim que me disperso — é sobre as coisas:
Assim como me não posso reunir, também não posso reunir, pos-
suir as coisas.

Sobre “Aquele Que Estiolou o Genio,,

Esta ideia de conto, tratado até scientificamente, volveu-se-me
duma forma bizarra, poetica⁸. No meu conto o protagonista havia

E eu que sou o rei de toda esta incoerencia,
 Eu proprio, turbilhão, anseio por fixa-la
 E giro até partir... Mas tudo me resvala
 Em bruma e sonolencia.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço d'ouro,
 Volve-se logo falso... ao longe o arremesso⁴⁶...
 Eu morro de desdem em frente dum tesouro:
 Morro á mingua, d'excesso.

Alteio-me na côr á força de quebranto,
 Estendo os braços d'alma — e nem um espasmo venço!
 Peneiro-me na sombra — em nada me condenso...
 Agonias de luz eu vibro ainda emtanto.

[118a^a] Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,
 — Vencer, ás vezes, é o mesmo que tombar —
 E como inda sou luz, num grande retrocesso,
 Em raivas ideaes, ascendo até ao fim:
 Olho do alto o⁴⁷ gelo; ao gelo me arremesso⁴⁸...

 Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!...

Mário de Sá-Carneiro

Paris — Maio, 8. 1913.

CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16
 PARIS (9^e)

TÉLÉPHONES : 169-32 & 286-29
 2 LIGNES

Paris — Maio de 1913

Dia 14.

Meu querido Fernando Pessoa,

Foi uma bela surpresa a sua carta recebida ontem porquanto não a esperava tão breve por não ser esse o costume. E pelo que ela contém e pela sua extensão¹ os meus mais sinceros e fundos agradecimentos. Você tem que me desculpar estas minhas horripilantes cartas sem gramatica, nem logica, nem caligrafia em resposta ás suas belas paginas. Perdõe-me.²

E posto isto, percorrendo a sua carta lhe vou responder.

Das três poesias que me envia, destaco como soberba o "Cortejo Funebre,"³. É cheia de maravilhas e sem uma unica quebra. São verdadeiras garras de genio [124a^a] faiscas³ como estas:

Tenho uma aureola de nevoa em meu olhar
 (Dobra a finados sem sinos
 Nos meus ocios peregrinos)
 Passam asas de soslaio na minha atenção
 Um invisível bafo falha um beijo
 (Lá vai lento e lento o enterro
 Do que eu tinha aureo no erro)⁴

a As três poesias são as que se encontram na folha 66D-20, datadas de 23 de Março de 1913: «Hora Morta», «Espuma» (Sá-Carneiro fornece o título nesta carta) e «Cortejo Funebre».

e toda a ultima estrofe. Digo-lhe mesmo que dos seus versos, este “Cortejo Funebre,, é uma das composições que mais estimo, que mais sinto. Os fins das estrofes são admiráveis e maravilhosa a expressão da ideia relativamente banal, pelo menos pouco subtil em relação ás expressas nos outros versos, contida no 1º verso da ultima estrofe. Ai (como alias em mil outros pontos dos seus versos) se evidencia exuberantemente⁵ que você é não só o grande, o admiravel, o estranho pensador⁶ mas com êle, e — acima dêle — o maravilhoso artista. Isto endereçado áquêles⁷ (áquêles⁸ = Mario Beirão) que admirando-o (pelo menos dizendo q[ue] o admiram) como poeta ajuntam emtanto que você intelectualisa tudo — é todo “intelectual,,. Como se a intelectualidade se não pudesse⁹ conter na arte! Meios-artistas aquêles¹⁰ que manufacturam, é certo, beleza mas são incapazes de a pensar — de a descer.

[124a] Não é o pensamento que deve servir a arte — a arte é que deve servir o pensamento, fazendo-o vibrar, resplandecer — ser luz, alem de espirito. Mesmo, na sua expressão maxima, a Arte é Pensamento. E quando por vezes é grande arte e não é pensamento; é-o no emtanto porque suscita o pensamento — o arrepio que uma obra plastica de maravilha pode provocar naquele que a contempla.

Ah! como eu amo a Ideia¹¹! E como você, o admirável idealogo¹², é o magnifico estatuário! Como me enraiveço que tantos não estremeçam os seus versos¹³ e encolham até os ombros desdenhosamente. Ha que lamenta-los, só. São os anquilosados da chama; incapazes de freirem em frente do que não está catalogado dentro dêles — que não compreendem uma lingua, só porq[ue] ignoram que ela existe quando, se reparassem um pouco mais, breve veriam que essa lingua era bem sua conhecida; apenas ampliada e mais bronzea, mais sonora e mais de fogo...

Mas não ha senão que ter paciencia...

[124] Das suas duas outras poesias acho ainda admiravel a “Hora Morta,, (onde você dá excelentemente a hora que nos morre de

tedio) estimando menos a “Espuma,, onde entretanto ha isto muito belo:

Que alma minha chora
Tão perdida e alheia?

e ainda a expressão

Espuma de morrer.

Você vê que em face das suas poesias eu me limito a distinguir¹⁴ o que acho mais belo — a dar simples impressões¹⁵ de leitura. É que o meu espirito não é como o de você um espirito critico; não podendo assim analisa-las mais profundamente, desmembra-las como desejaria (o que num esforço — nestas nossas cartas desnecessario — eu conseguiria emtanto pelo menos incompletamente).

A 1ª poesia da tal carta a que você se refere era a q[ue] começa

Braço sem corpo...^a

Mesmo a carta em questão só continha, alem dessa, a “Primavera,,^b.

Muito interessante e significativo o que me narra do Jaime Corteza. O caso contado por êle¹⁶ acerca do Dr. Fernando Lopes^c é simplesmente lamentavel.

a «Braço sem corpo brandindo um gládio» é o título do quinto poema de «Além-Deus» (*Orpheu* 3), já referido.

b É possível que se trate do poema que começa «O céu é calmo, o mar é suave», de 12 de Março de 1913, que coexiste, no bifólio 40-8 e 8a, com um testemunho de «Braço sem Corpo».

c Fernando Macedo Lopes, poeta e filho de Carlos Lopes, escritor que usou o pseudónimo Pedro Ivo.

[125] Não sei como um poeta, em todo o caso um poeta, pode achar estranho que se goste do Camilo Pessanha!¹... Se não conhecesse versos do Cortezão, e me viessem contar isso eu ficaria fazendo a pior das ideias de semelhante poeta.

É claro que nas nossas cartas falamos “como a um irmão,,. Escusado¹⁷ por tanto abríamos parentesis¹⁸ para evocarmos a modestia. É tão difícil e tão belo, tão belo, encontrar *quem nos entenda* que não devemos em tais casos¹⁹ embarçarmo-nos²⁰ com falsos pejos. Duma vez para sempre, meu querido amigo, acabemos os dois com os “permita-me que...,,²¹ “você bem sabe que...,, e outros parentesis!...

Concordo absolutamente (e m[ui]ta vez o tenho pensado) com o que você diz sobre a Renascença e que belamente está resumido na frase: que ela é “uma corrente funda, rápida, mas estreita,,²²

[125a] Agradeço-lhe entranhadamente (mas não num agradecimento de coração, num agradecimento comovido e orgulhoso aonde vai toda a minha alma)²³ o que você diz na parte da sua carta: “Afinal estou em crêr q[ue] em plena altura, pelo menos quanto a sentimento artistico, ha em Portugal só nós dois,,. E, muito especialmente, nas linhas em que fala da m[inha] compreensão em face dos seus versos. É esse um dos cumprimentos que mais me lisongeiavam²⁴ — porque é, para mim, a melhor das “garantias,, de mim-proprio.

Segue-se uma outra “desculpa,,: “Você acha q[ue] tudo isto é de um orgulho indecente,,. Só renovo aqui com maior energia o q[ue] atraz deixou escrito. *Falemos!*...

a Camilo Pessanha (1867-1926), expoente do simbolismo português, nasce em Coimbra, onde vem a estudar Direito. Parte para Macau em 1894 e aí exerce diferentes profissões e desenvolve também uma obra literária absolutamente original. Como estas páginas demonstram, tinha a ampla admiração de Sá-Carneiro e Pessoa, este último importante na sua divulgação. Muitos dos seus poemas estavam até então dispersos em revistas e a sua obra-prima, *Clepsidra*, só se publicará em 1920 (Lisboa: Edições Lusitânia).

Aqui encerra-se um estudo mais detalhado da Renascença com o qual estou inteiramente de acordo e em que destaco esta frase que é uma monumental²⁵ verdade: “O que é preciso é ter [125a^v] um pouco de Europa na alma,,.²⁶ Muito gostava de desenvolver aqui ideias sobre o que você escreve, mas por escrito não tenho coragem... e como estamos a mês²⁶ e meio de vista...

Sim, tenho toda a razão no q[ue] desde que o conheço lhe digo: é preciso surgir como poeta!... e sobretudo, deixar de ser “O Critico,, (o q[ue] de forma alguma significa q[ue] deixe de publicar artigos de critica).

Agradeço-lhe m[ui]to o que me diz sobre os versos. E depois de pensar, concordo q[ue] a “Dispersão,, é a melhor das composições q[ue] lhe enviei. Quanto aos seus reparos: Tem²⁷ razão sobre o “Passoio,, muda-lo-hei para “Procuo,, ou para o “Vagueio,, q[ue] você sugere. Diga o q[ue] acha melhor levando em conta q[ue] nuns versos q[ue] vão junto ha a expressão “Vagueio-me,,.²⁸

Quanto aos hiatos de minha alma^b, eu simpatizo²⁹ até com eles pois me dão a [125^v] impressão de sôno, e são de resto hiatos naturais, que se fazem na conversa corrente. Não me preocuparei por consequencia em emenda-los³⁰. Se me surgir por acaso qualquer coisa melhor que os evite, emprega-la-hei. O verso “Serei mas já me não sou,, (q[ue] no fim da carta você aceita melhor) não o emendarei, e a significação q[ue] lhe dou é até bem simples: Serei, continuarei vivendo; mas o certo é que já me não sou, já não *me* vivo — vivo apenas.

a O desapontamento com a Renascença Portuguesa está na origem do interesse na *Europa*, um dos projectos anteriores à revista *Orpheu*: «O que é preciso ter é, além de cultura, uma noção do meio internacional, de não ter a alma (ainda que obscuramente) limitada pela nacionalidade. Cultura não basta. É preciso ter a alma na Europa. Escrever ao Sá-Carneiro expondo a nova orientação que é preciso tomar» (Pessoa, 2009, p. 29).

b Pessoa ter-se-á referido ao uso da forma «minh'alma» em poemas enviados pouco antes, tais como o soneto referido e «Estátua Falsa», discutidos na correspondência de 3, 4 e 5 de Maio de 1913, aqui numerada 33 a 35.

O verso final do soneto, embora concorde com o q[ue] você diz sobre êle³¹, conserva-lo-hei porque o *sinto* muito e porq[ue] quis dar precisamente com ele a sensação³² de qualquer coisa que longinquamente se cinge, mas no entanto escapa confusa. Foi depois um verso que me apareceu dentro de mim, subitamente — sem o pensar.

Aliás de todas as m[inhas] ultimas composições é este soneto a q[ue] estimo menos e estou mesmo hesitante em se o arrancarei da serie *Dispersão*, por isto: Ha talvez uma incoerencia *material* (não uma incoerencia [126^v] espiritual, mas uma incoerencia material) entre ele e o “Rodopio,, e todo o sentido da *Dispersão*. Nessa serie de poesias ha m[ui]to *Ouro* que se perde. E nesse soneto, *não ha coisa alguma*; ha apenas instantaneamente á força de sonho. Isto, no meu espirito, casa-se m[ui]to bem, mas receio que materialmente venha destruir o equilibrio da serie. De resto, o que se diz no ultimo terceto contem-se na ultima quadra da “Estatua Falsa,,. *Rogo-lhe que me diga o que pensa sobre este assunto* — se devo ou não excluir o soneto da serie.

Sobre a “*Bebedeira*,, — O titulo, embora goste dele, como lhe acho muita razão modifica-lo-hei³³. Avento-lhe este “Opio,,. Com o que não concordo absolutamente nada é com os reparos q[ue] o meu amigo faz sobre o “silvo pra alem,, e o “corro á volta de mim,,³⁴. São duas das coisas da poesia³⁵ q[ue] eu estimo [126^a] exactamente mais. No *silvo* acho muito bem dada a violencia da *dispersão*. “Luto, estre-bucho³⁶,, mas tudo de balde... Lá me vou pelos ares fora, silvando. O meu espirito é o foco da ventania em que eu me perco. O “corro á volta de mim,,³⁷, acho tambem bom para mostrar pela palavra “corro,, a ansia de me ver, de me encontrar.

Já percebi q[ue] você tem uma fobia pelos termos q[ue] recordam brinquedos de infancia (o “saltar,, do “*Simplemente*,,^a).

a Veja-se o poema «*Simplemente*», que acompanha a carta de 26 de Fevereiro de 1913, em que se diz: «O que devemos é saltar na bruma, | Correr no azul á busca da beleza.»

Sobre a “*droga*,,^a — Aparentemente você tem razão e eu já esperava o seu reparo. Mas oiça-me: Os franceses chamam aos narcoticos, e especialmente ao opio “*A droga*,, (não droga como abstracto, mas droga como concreto)³⁸. Assim se diz de Maupassant^b “foi a droga que conduziu³⁹ o artista á paralisia⁴⁰ geral,,. Acho interessante⁴¹ esta expressão, daí o tê-la empregado. Para melhor exemplificar⁴², copio dum artigo do *Matin* d’hoje, justamente acerca do opio que invade a marinha francesa, [126^a] as seguintes linhas:

“Ah! mon cher Farrère vous n’êtes pas tendre pour ceux qui dans les ports français, poussent un cri d’alarme et supplient qu’on arrête la marche envahissante de *la drogue... la drogue*, la revanche⁴³ du jaune sur le blanc,,. Eis pelo q[ue] conservarei o termo.

Sobre o *loira* do ultimo verso. Diga-me se acha preferivel substituir a palavra por *fulva* ou *ruiva* ou então modificar o verso assim

Manhã tão forte que me anoiteceu

(repare que vai *me* em vez de *se*).⁴⁴ É claro q[ue] mesmo conservando o *se* se pode trocar o *loira* por *forte*. Este *forte* não o acho mau pela ideia de alcool que encerra em si. Diga-me pois qual deve ser a versão final deste verso segundo o que lhe exponho. *Não se esqueça*.

[126^v] Interessantes (e de resto coisa vulgar) os encontros de mim e Côrtes-Rodrigues⁴⁵ e de mim e você — sobretudo este ultimo, q[ue] bem mostra, como você frisa, o nosso parentesco.

a Sá-Carneiro refere-se ao verso «Que droga foi a que m’inoculei?», de «*Bebedeira*», mais tarde «*Álcool*», que acompanha a carta de 4 de Maio de 1913.

b Referência ao francês Guy de Maupassant (1850-1893), mestre do conto.

c Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971), poeta açoriano estreado na revista *A Águia* pela mão de Fernando Pessoa, de quem será um dos principais interlocutores. Publica na revista *Orpheu* também sob o nome Violante de Cysneiros. Será próximo igualmente de Mário de Sá-Carneiro, que com ele convive em Lisboa e troca correspondência.

Percorrendo o labirinto, mas o grato labirinto, do q[ue] me expõe sobre a publicação dos seus livros, aqui tem o que penso em poucas palavras:

(Em 1º lugar, — e entre parentesis⁴⁶ — condeno a ideia da publicação dum livro de sonetos, como primeiro livro a publicar). Os “Paues,, devem, mas absolutamente devem, ser incluídos num volume “paulico,, — e portanto deve assentar naquilo que, no decorrer do q[ue] me escrevia, se lhe sugeriu: “4 livros projectados — um pronto já, dois já adeantados, outro começado,,⁴⁷ A respeito dos titulos sobretudo, acho que a solução que indica é a melhor de todas e não deve hesitar⁴⁸ na sua publicação. Agora quer ver o que eu faria se fosse a você?⁴⁹ Isto: Em virtude de ter tantas [127] coisas belas de varios conjuntos, de varios generos e atendendo⁵⁰ por outro lado á dificuldade relativa de publicação de livros de versos e ainda ao tempo que um artista precisa para concluir um conjunto, eu, se fosse a você, publicava como obra de estreia uma *Antologia* de mim mesmo aonde reunia simplesmente as coisas mais belas dentre os meus versos. A beleza, o valor das obras seria o unico criterio da escolha. Esse livro seria volumoso, genial — marcaria. E depois, socegradamente, então publicaria á medida das circunstancias espirituais e materiais os livros de conjunto⁵¹. Havia assim a vantagem⁵² do poeta aparecer todo duma vez — na sua inteira grandeza.

[127a] (É curioso que depois de escrever isto uma duvida me assalta: Isto que eu lhe digo será unicamente um antigo projecto de você; ou uma coisa q[ue] eu já lhe teria lembrado?⁵³).

Você provavelmente não gosta desta solução. Emtanto eu achava-a practica⁵⁴ e original — interessantissima.

(O titulo *Exilio*^a é m[ui]to bom embora no presente momento

a Titulo projectado para um livro de versos.

politico possa recordar algum volume do Joaquim Leitão^a ou Alvaro Chagas^b. Mas isto é claro não é razão para o condenar.)⁵⁵

As suas obras unas (*Fausto*^c) entendo q[ue] devem ser publicadas em separado.

A sua ideia sobre a revista entusiasma-me simplesmente. É, nas condições q[ue] indica, perfeitamente realisavel materialmente⁵⁶ (disso mesmo eu me responsabilizo)⁵⁷. Claro q[ue] não será uma revista perduravel. Mas para *marcar* e *agitar* basta fazer sair uma *meia* duzia de n[umer]os. O titulo *Esfinge* é optimo. O q[ue] é preciso é [127a] arranjar mais colaboração do que a q[ue] indica. O *Alem* termina-lo-hei em Paris. E sobre a revista, que ha de sair, não vale a pena falarmos de longe visto q[ue] eu chego a Lisboa nos 1ºs dias de julho, logo daqui a mes e meio. E imediatamente a lançaremos. Vá pensando pois no assunto⁵⁸.

Mais uma vez lhe agradeço o que me diz sobre eu-poeta.

Quanto á “Queda,,. É claro q[ue] o que eu queria dizer, o q[ue] eu quis sempre dizer, foi *sob mim*; foi⁵⁹ apenas uma confusão que me fez escrever *sobre* mesmo na poesia executada pois o escrevia sempre com a ideia de *debaixo*. Emtanto agora vejo q[ue] talvez fosse interessante conservar o *sobre* — assim haveria como q[ue] um desdobraimento; eu-alma, viria estatelar-me⁶⁰, esmagar-me não sobre o gelo, mas [127] sobre o meu côrpo. Diga, depois de bem pensar, se é⁶¹ preferivel conservar o *sobre* ou muda-lo para *sob*. (O verso fica mais correcto e belo com *sobre* — *sob*⁶² é uma palavra de q[ue] eu gosto muito pouco. Mas tudo isto são

a Escritor sobretudo dedicado à historiografia, Joaquim Leitão (1875-1956) publicou por esta altura *Uma Época — História do Meu Tempo*, uma série de livros sobre «o movimentado periodo da vida politica portuguesa tragicamente iniciado em 1908», e *Os Cem Dias Funestos*, sobre o «Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Sousa, e do seu livro, 'Para a Historia da Revolução'» (Porto: Edição de Autor, 1912, pp. 4-5).

b Jornalista e escritor, Álvaro Chagas (1872-1935) publicou diferentes tomos de *Notas de Um Lisboa* (1909 a 1913) e dois volumes sobre *O Movimento Monárquico* (Porto: Leitão e C.^a, 1913).

c Primeira referência a este drama que Pessoa terá começado por volta de 1908.

razões secundárias⁶³.) Não deixe de me dizer o que pensa sobre isto. São pequenas torturas por cuja solução anseio. E outra tortura é a ordem em q[ue] hei de inserir as poesias. *Assim rogo-lhe que mas numere.*

Foi tempo perdido o q[ue] você gastou a explicar-me os versos dos "Paues,, q[ue] eu dissera não abranger. É de morrer a rir! Eu lera o *invade* como⁶⁴ *uivada*. Assim tínhamos

Onda de recuo que uivada etc.

q[ue] de forma alguma ligava com o resto. Alias os seus *invade* são m[ui]to semelhantes a *uivada* pois na poesia "Hora Morta,, eu também li um *invade* [128'] por *uivada* só depois reparando no lapso. Peço-lhe desculpa do tempo q[ue] lhe fiz perder...

Conservarei á *Dispersão* o seu titulo.⁶⁵

Concordo após⁶⁶ o q[ue] me diz com o "tão de ferro,,. Aliás já pensando melhor na frase eu modificara a minha opinião.

Sobre meus livros

*Este outono*⁶⁷ — Uma *plaque* de versos *Dispersão* que conterà o q[ue] já está feito (e poderia mesmo conter só o q[ue] já está feito) e o que de belo e dentro do quadro fôr surgindo (como o "Quasi,, que hoje lhe envio).

Em 1914 com certeza (ou na primavera [128ª] ou no outono⁶⁸, em tanto dentro de 1914) publicarei o volume *Alem, Sonhos*. Queria também muito escrever uma peça *A Força* (q[ue] é um estudo da "Desilusão,, em que em tempos lhe falei) colaborando com o Ponce que tem belas qualidades de autor dramático. Esta peça sai do quadro das coisas em que actualmente trabalho; mas nem por isso deixará de ser⁶⁹ uma obra literaria e mesmo uma obra artistica. Confesso-lhe

que, infantilmente⁷⁰ talvez, gostava m[ui]to de ver uma obra⁷¹ minha num palco. É que eu, no fundo, amo a vida.

Morada Ramos (q[ue] não me tem escrito),
508, rua de S. Clemente
Rio de Janeiro.

Endereço⁷² Rola^a

Gilb[erto] Rola Pereira do Nascimento
na Inspeção da Fazenda de
Lourenço Marques.

[128ª] Respondida infamemente⁷³ a sua carta, só me resta falar-lhe dos versos que ajunto:

Gosto m[ui]to da sua ideia que define bem o meu eu. Muitas vezes sinto que para atingir uma coisa que anseio (isto em todos os campos) falta-me⁷⁴ só um pequeno esforço. Emtanto não o faço. E sinto bem a agonia do⁷⁵ *ser-quasi*. Mais valia não ser nada. É a perda, vendo-se a victoria; a morte, prestes a encontrar a vida, já ao longe avistando-a.

Varias duvidas:

Será melhor "permanecera,,⁷⁶ em vez de "permanecesse,, (pelo menos na ultima quadra)?

Em vez de mãos acobardadas seria preferivel "degeneradas,,?

Em vez de "puseram grades,,⁷⁷ lançar grades? (É preciso notar que isto significa: eu nem sequer posso cair nos precipicios⁷⁸ q[ue] existem dentro de mim, porq[ue] mãos, ainda q[ue] de heroes, cheias de [128'] medo (ou degeneradas) cobriram os abismos com grades).⁷⁹ Lançar é mais bonito q[ue] pôr. Mas para o caso (justamente por ser mais feio) parece-me preferivel⁸⁰ por mais

a Gilberto Rola Pereira do Nascimento, colega de liceu e amigo próximo de Mário de Sá-Carneiro.

propriedade o verbo pôr⁸¹. Diga o q[ue] pensa sobre estas ninharias e as outras poesias⁸² sobre as quais lhe peço opinião⁸³. Só depois de saber a sua resposta⁸⁴ estabelecerei as versões definitivas⁸⁵.

Ha no "Quasi,, um verso talvez feio: "Ai a dôr de ser-quasi... dôr sem fim,,⁸⁶ Mas não o modificarei por q[ue] ele exprime concisamente e justamente umas das coisas q[ue] eu quero bem vincar na poesia. Note q[ue] o verso: "falhei-me entre os mais, falhei em mim,, condensa⁸⁷ a ideia da "Mentira,, q[ue] eu decidira⁸⁸ abandonar.

E termino aqui, pedindo-lhe⁸⁹ mil desculpas por todas as m[inhas] maçadas e uma resposta urgente. E a sua opinião⁹⁰ sobre o "Quasi,,.

Um grande abraço,

o seu

Post-Scriptum

Na "Dispersão,, parece-me que ficaria muito bem, em vez do que avento atrás, isto:

Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada... , etc.

A poesia Portuguesa está em Paris. Com efeito nos *boulevards* pas-seia o poeta Sevilha do Longo Queixo!...^a Vi-o agora mesmo passar.

Apareceu-me à venda ontem aqui um volume, editora Ferreira, Camões, *Sonetos*, tradução francesa em verso de A. de Azevedo.^b

a Em carta a António Ferro, de 5 de Maio de 1913, enviada em papel timbrado do Café Riche, diz Sá-Carneiro: «Sabe quem ornamenta actualmente o *boulevard*? | O príncipe dos queixos portugueses. | Já sabe quem é, não é verdade? O João Maria Sevilha.» (citamos a partir do original, mas existe transcrição disponível em Toriello, 1987, p. 154). Teresa Sobral Cunha indica que se trata do poeta João Maria Ferreira (Sá-Carneiro, 2003, tomo 1, p. 223).

b Refere-se seguramente ao volume *Les Sonnets*, «traduits en vers français par [Fernando] d'Azevedo» (Lisboa: Livraria Ferreira — Editora, 1913), o mesmo tradutor que publicou também em 1913 uma versão francesa d' *Os Lusíadas*.

Não se esqueça de me numerar as poesias em vista da sua ordem de publicação.

Nas provas "Homem dos Sonhos,, emendo: ... "a sair no Outono,, para "a sair em 1914,,.

Mais abraços.

Responda depressa!

o
S.-C.^a

Atenda bem a versão

"Manhã tão forte que me anoiteceu,,.

Não se esqueça de me responder a cada uma das minhas dúvidas!...

[123']

— Quasi —

Um pouco mais de sol — eu era brasa,
Um pouco mais de azul⁹¹ — eu era alem.
Para atingir faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse aquem...

Assombro ou paz? Em vão... tudo esvaído
Num baixo mar enganador d'espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho — ó dôr! — quasi vivido...

Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama,
Quasi o principio⁹² e o fim, quasi a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Emtanto nada foi só ilusão!

a Não se conserva cópia do *post scriptum* no espólio pessoano.

De tudo houve um começo... e tudo errou...
— Ai a dôr de ser-quasi, dôr sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não vôou...

[123*]

Momentos d'alma que desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ansias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;
E mãos d'heroe, sem fé, acobardadas,
Puseram⁹³ grades sobre os precipícios...

Num impeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

Um pouco mais de sol — e fôra brasa,
Um pouco mais de azul⁹⁴ — e fôra alem!
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse aquem...

Mário de Sá-Carneiro

Paris — 13 de maio de 1913.

MS⁹-123

— Quasi —

Um pouco mais de sol — eu era brasa,
Um pouco mais de azul — eu era alem!
Para atingir faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse aquem...

Assombro eu pair[?] em vôo... tudo esvaído
Num baixo mar enganador d'espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho — o dôr! — quasi vivido...

Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama,
Quasi o princípio e o fim, quasi a expansão...
Mas na minha alma tudo se derrama...
Embanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...
— Ai a dôr de ser-quasi, dôr sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não vôou...



TESTEMUNHO AUTÓGRAFO DE «QUASI» [115'-123]

CAFÉ DE FRANCE
RESTAURANT
CH. SÉBILLON
L. BILLARD, Succ^r



9, Boul^d S^t Denis
Boul^d Sébastopol III^e

TÉLÉPHONE 1029-45

Paris, le 27 de junho 1914

Meu Querido Amigo,

Recebi a sua grande carta que muito do coração agradeço — mas em aurea sinceridade. Antes de lhe responder, dizer de mim, e patentear¹ a minha admiração pelas odes do nosso Ricardo Reis, tenho, meu amigo, com muito pesar que o atropelar com um

“Grande e Importante Pedido,,

Meu Amigo tendo muito pouco dinheiro até o meu Pai mo enviar d’Africa o que só sucede por meios de Julho (vindo eu assim a receber apenas em Agosto) escrevi hoje² ao Bordalo e á Livraria Ferreira. Aquêlê³ para que entregasse a você todas as *Confissões de Lucio* e *Dispersões* que tiver no estabelecimento — á Livraria Ferreira para que lhe entregassem todos os *Principios*⁴. Estes volumes todos o meu Amigo terá a bondade de os fazer transportar a pau e corda para a “Livraria Universal,, (de Armando Joaquim Tavares) 30, Calçada do Combro. O preço porque lá compram a *C[onfissão] de Lucio* [23⁷] e *Dispersão* é respectivamente de 50 reis e 20 reis. Pelo *Principio*⁵ mandei pedir em carta que segue pelo mesmo correio

a Os volumes *A Confissão de Lúcio* e *Dispersão* foram impressos «NOS PRELOS DA TIPOGRAFIA DO COMERCIO» e comercializados como edições de autor. *Principio*, como já indicado, foi publicado e vendido pela Livraria Ferreira Editores.

70 reis por exemplar — mas se êle⁶ não quiser dar mais de 60 (ou mesmo 50) não faz mal. Entretanto⁷ estou certo que dará os 70 reis. O meu amigo guarde em sua casa aí uns 10 (dez) exemplares do *Principio*⁸. Peço-lhe para ir tratar deste assunto no dia seguinte á recepção da minha carta — sobretudo á Livraria Ferreira, q[ue] é o mais importante pois têm lá cerca de 250 a 300 exemplares o q[ue] a 70 reis cada sobe a 20.000 reis. Agora oiça, p[ar]a seu entendimento: Eu escrevi á Livraria Ferreira pedindo p[ar]a me enviarem a minha conta em débito a fim de eu a satisfazer⁹, e para fazerem a 1^a liquidação dos meus livros lá em consignação¹⁰: *A C[onfissão] de Lucio* e *Dispersão* (cujas sobras devem lá permanecer)¹¹ e ao mesmo tempo prevenindo que o meu Amigo Sr. F. Pessoa iria lá requisitar os exemplares existentes em deposito do *Principio*. Peço muito a você para levar a bem toda esta trapalhada — assegurando-lhe que só tomo a decisão de lhe dar tantos¹² incomodos porque m[ui]to preciso de dinheiro. Vão juntos dois cartões meus para com êles você se apresentar na Livraria Ferreira e no Bordalo. O Dono da L[ivraria] Universal tambem está prevenido. O dinheiro, deduzindo as despesas¹³ dos fretes e outras (e mesmo alguma pequena quantia que você de momento necessitar e que eu m[ui]to gosto terei em lhe emprestar) deve você enviar-mo em carta registada e em notas francesas, inglesas [24⁷] ou portuguesas. Evite o mais possível o vale — emitindo-o¹⁴ apenas se a importancia não fosse aproximadamente reduzível a notas (podem mesmo vir notas francesas e portuguesas: por exemplo se tudo desse 15 ou 25 mil reis). *Emfim deixo tudo ao seu cuidado*. Quando me enviar o dinheiro rogo-lhe que ao mesmo tempo¹⁵ me avise telegraficamente: “Agora 75,, (o n[umer]o de Francos q[ue] enviar). O endereço¹⁶, ponha este: Carneiro 50 rue des Écoles Paris. Para liquidar o assunto repito-lhe todas as minhas desculpas e creia que lhe ficarei muito grato pelo grande serviço que me vai prestar. Perdõe, sim? Você é um santo. (E ponha-me a par de todas as suas *démarches*).

Literatura — Admiráveis, meu querido Poeta,¹⁷ as odes do Ricardo Reis. Conseguiu realizar uma “novidade,, classica, horaciana. Pois tal é a impressão que elas me deixaram. Não sei porquê, contêm elementos novos — emtanto são classicas, pagãs. E deixei-me dizer-lhe: uma maravilha de impessoalidade pois se no Caeiro ainda [24^a] resumava de vez em quando Mestre Fernando Pessoa, o mesmo não sucede nos versos do Reis. Êles, sendo Seus na beleza, no Genio — são bem dêle no conjunto. A primeira estrofe, logo, da 1^a ode é qualquer coisa de muito grande, de muito nova — na sua simplicidade e no seu classicismo¹⁸. Horacio multiplicado por alma não poderíamos chamar ao Ricardinho Reis? Percorrendo as outras odes a cada passo surgem coisas admiráveis. De todas as odes alem da 1^a destaco a segunda,

... deuses que o destrona-los¹⁹

tornou espirituais

a 8^a, a 6^a, a 11^a e essa tão pequenina, tão graciosa 3^a... emfim — todas!... A ouro, todas as minhas felicitações. (Não estou de acordo em que a 1^a ode tenha muito a alterar. Acho-a bellissima como está e justamente uma das mais modernas e classicas, das mais Horacio-multiplicado-por-alma. Mas nisso, o ultimo e melhor juiz é claro você).

Muito interessante o enredo Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos^a (devo dizer-lhe que simpatiso singularmente com este cavalheiro). Acho-a perfeitamente maquinada, soberba²⁰ — mas emtanto será bom não nos esquecermos que toda essa gente é um só: tão grande, tão grande... que, a bem dizer, talvez nem precisasse²¹ de pseudónimos²²... Mas em [25^a] suma tudo quanto ha de mais lucido, mais interessante, mais natural. Que bela pagina de história literaria!...

a Primeira menção a Álvaro de Campos, cuja «Ode Triunfal» — que ia ser dedicada a Mário de Sá-Carneiro (Pessoa, 2014, p. 48) — está datada, ficcionalmente, de «Londres, 1914 — Junho». Veja-se o fragmento que começa: «Assim publicarei, sob varios nomes, varias obras de varias especies, contradizendo-se umas ás outras. Obedeço, assim, a uma necessidade de dramaturgo, e a um dever social» (Pessoa, 2009, p. 298).

Por mim, literariamente inactivo estes ultimos dias. O n[umer]o do *Parthenon* não mo guardaram no restaurante!... Tambem a poesia do Nicolas era tão lepidoptera que não faz mal...

Que eu saiba não sou redactor-principal da *Flama*. Colaborarei literariamente²³ entretanto e paülicamente — tanto mais que o D. Tomás^a, segundo aí me disse, na parte artistica quer introduzir o maior avanço, mesmo para explorar o snobismo.

(É verdade: embora ache justo, confesso-lhe q[ue] tenho pena q[ue] o Caeiro não entre²⁴ para o paüalismo.)

Desculpe a desordem e o pouco interesse desta carta — tanto mais imperdoavel quanto começo por lhe ferrar uma medonha estopada²⁵ pela qual renovo todos os meus perdões e [25^a] agradecimentos.

Perdõe-me — mas está um calor enorme e eu com uma camisola grossa de lã!... Perdõe-me. Adeus. Adeus!

Um grande abraço d'Alma!

O seu

Mário de Sá-Carneiro

Ansioso pelas Obras do A[lvaro] de Campos.²⁶

Esta carta não vai atrasada²⁷ quanto á sua — pois apenas a recebi ontem devido á greve dos sub-gentes (digo: sub-agentes) cá da terra. Tambem recebi um postal pela não inclusão do éco, que em verdade gostaria de ver.

a D. Tomás de Almeida (1864-1932), político e escritor cujo poema «Olhos» é incluído em *Orpheu* 3. Terá plancado contar com a colaboração de Sá-Carneiro para esta revista *Flama*, que não chega a ser publicada. Na sua entrada diarística de 2 de Abril de 1913, Pessoa refere-se-lhe a propósito de um encontro no café A Brasileira: «Dom Tomás de Almeida, que não conheço senão de vista, e que falou sempre, tendo graça obscena, mas, no fim, dolorosamente irritante» (Pessoa, 2003, p. 131). Veja-se também o artigo de Fernando Fisher (1988) «Um que também foi de 'Orpheu': D. Tomás de Almeida».

Saudades, muitas, do Franco e Pacheco.
Não tornei a ver o Santa-Rita.



Perdão!....

Mil agradecimentos!

Escreva m[ui]to breve!

Tenha paciência na estopada que lhe prégo!... ..²⁸

Vai uma nota dos livros Bordalo. Mais tarde o meu amigo terá também a bondade de ir lá liquidar a venda na provincia e Brasil²⁹. Fale nisso ao homem.³⁰

65

Paris — Junho de 1914
Dia 28

Meu Querido Amigo,

Perdôe. E muito obrigado por tudo — sim? Não sei se ontem, na m[inha] carta, destaquei a 9ª ode. Se o não fiz — faço-o agora pois, numa outra leitura, foi justamente ela que achei uma das mais formosas e das mais perfeitas. Simplesmente uma maravilha, impregnada¹ esbatidamente de suavidade azul². Pelo mesmo correio segue a *Comædia* de hoje, domingo, e rogo-lhe m[ui]tas desculpas por ser esta a 1ª q[ue] lhe envio tendo-me esquecido os domingos passados.

Torno-lhe a pedir mais desculpas e a recomendar-lhe o pedido de ontem. Se por qualquer motivo se não puderem³ realizar as *Confissões*⁴ de Lucio, *Dispersão* ou os *Principios* — o meu amigo realizará o q[ue] fôr possível enviando-me a importancia. Des-

culpe tudo isto, de joelhos perdão!... O Pacheco vai p[ar]a Lisboa m[ui]to breve (mas não diga a ninguem) e já combinámos para arreliar os carbonarios contar m[ui]tas *blagues* a meu respeito e, sobretudo dizer q[ue] nado em dinheiro. Você gosará. Sem mais, com todas as minhas suplicas de perdão apesar de êle⁵ ser impossível, um grande, grande abraço do seu

Mário de Sá-Carneiro

66

— Apoteose —

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro
Dormindo fogo, incerto, longemente...
Tudo se me equalou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda chóro —
Pilastras mortas, marmores ao Poente...
Lagearam-se-me as ansias brancamente
Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de Mim. Dobrei o manto d'Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas-pranto...

— Ó pantanos de Mim, jardim estagnado...

Mário de Sá-Carneiro

Paris junho 28 — 1914

67

CAFÉ DE FRANCE
RESTAURANT
CH. SÉBILLON
L. BILLARD, SUCC^r



9, Boul^d S^t Denis
Boul^d Sébastopol 114

TÉLÉPHONE 1029-45

Paris, le 30 de junho 1914

Meu Querido Fernando Pessoa,

Não sei em verdade como dizer-lhe todo o meu entusiasmo pela ode¹ do Al[varo] de Campos que ontem recebi^a. É uma coisa enorme, genial, das maiores entre a sua Obra — deixe-me dizer-lhe imodesta mas m[ui]to sinceramente: do alto do meu orgulho, esses versos, são daqueles que me indicam bem a distancia que, em todo o caso, ha entre mim e você. E Eu já me considero tão grande, já olho em desprezo² tanta coisa á minha volta...³ Perdôe-me. Mas só assim

a A «Ode Triunfal», a primeira grande ode de Álvaro de Campos, que depois projectaria reunir as suas odes num livro intitulado *Arco de Triunfo*.

eu posso indicar-lhe a justa medida da minha admiração. Não se pode ser maior, mais⁴ belo, mais intenso de esforço — mais sublime: manufacturando emfim Arte, arte luminosa e comovente e grácil e perturbante, arrepiadora⁵ com materiaes futuristas⁶, bem de hoje — todos prosa. Não tenho duvida em assegura-lo,⁷ meu Amigo, você acaba de escrever a obra-prima do Futurismo. Porque, apesar talvez de não pura, escolarmente futurista⁸, o conjunto da ode⁸ [16⁷] é absolutamente futurista. Meu amigo, pelo menos a partir d'agora⁹ o Marinetti é um grande homem... porque todos o reconhecem como o fundador do futurismo, e essa escola produziu a sua maravilha. Depois de escrita a sua ode, meu querido Fernando Pessoa, eu creio q[ue] nada mais de novo se pode escrever para cantar a nossa época¹⁰ — serão¹¹ tudo mais especializações sobre cada assunto, cada objecto, cada emoção que o meu amigo tocou genialmente. Em suma: variações sobre o mesmo tema. Eu quero percorrendo a ode destacar-lhe alguns dos versos que mais me abateram de admiração. Este verso fechando a 1^a parte é uma fulgurancia¹² genial

(Ah! como eu desejaria ser o *souteneur* d'isto tudo!)

Podia a ode não conter mais beleza alguma que só isto, quanto a mim, a immortalisaria¹³.

Depois, como é belo e — de resto — de acordo com as teorias futuristas:

(Um orçamento é tão natural como uma arvore,
E um parlamento tão belo como uma borboleta)

a Nota de rodapé do autor aludindo a passagens da «Ode Triunfal»: «ref, a citação de Platão e o parenteses do burro puxando a nora, etc.».

Outra coisa enorme, duma emoção clara, e feminina¹⁴, gentil

Up-la-ho *jockey* que ganhaste o *Derby*,
Morder entre dentes o teu *cap* de duas côres!

Ainda lhe cito como admiravel entre m[ui]tas outras, a passagem:

A furia de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os com-
boios etc.

Outra maravilha o final com as suas onomatopéias.

[17] Do que até hoje eu conheço futurista — a sua ode não é só a maior — é a unica coisa admiravel. O lê-la, creia, meu querido Amigo, foi um dos maiores prazeres da minha vida — pois fica sendo uma das peças literarias que mais sinto, amo e admiro¹⁵. Rogo-lhe só que acredite nas minhas palavras e que elas estão longe ainda de traduzir todo o meu entusiasmo. A minha pena, confesso-lhe, é só uma: que não seja o nome de Fernando Pessoa q[ue] se escreva de-
baixo dela — isto apesar de todas as considerações. Não acho a ode um excerpto¹⁶ (ou excerpts). Acho-a pelo contrario — tal como está um todo completo, perfeito em extremo, em extremo equili-
brado. Depois de tudo isto, meu Amigo, mais do que nunca urge a *Europa*!¹⁷...

Mando-lhe junto uma poesia minha. É bastante esquisita¹⁷, não é verdade? Creia que traduz bem o meu estado d'alma actual¹⁸ — indeciso não sei de quê, "artificial,, — morto — mas vivo "por velocidade adquirida,, — capaz de esforços mas sem os sentir:^b [17] artificiais,

a Vejam-se os planos e os esquemas elaborados por Fernando Pessoa para a revista *Europa*, «órgão do interseccionismo», em *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009, pp. 29-37).

b Nota de rodapé do autor dentro de uma chaveta na margem esquerda: «Isto m[ui]to mais sobre o soneto "Apoteose,, do que sobre a poesia d'hoje.»

numa palavra. Cada vez, meu querido amigo,¹⁹ mais me convenço de que escreverei dois livros: *Ceu em Fôgo* e *Indícios d'Ouro*... Depois... ?... Não me "vejo,, nesse depois...

O Pacheco vai-se embora, coitado, é claro, por causa da falta de di-
nheiro (não lhe diga que lhe disse isto). Êle²⁰ fez ultimamente umas
sanguineas sobre a Duncan que são muito belas.^a

Peço-lhe a você que escreva, fale dos meus versos e não se esqueça do
meu pedido pelo qual torno a pedir ainda muitas desculpas.

Dê m[ui]tas²¹ saudades ao Victoriano²² Braga de quem em vão tenho
esperado a prometida carta.

Admiravel a poesia do Guisado que ontem tambem recebi. Admiravel.

Um grande, grande abraço do seu

Mário de Sá-Carneiro

O Franco e Pacheco agradecem as suas saudades e enviam-lhas de
novo.²³

P. S. Os versos q[ue] lhe envio hoje parecem-me a coisa²⁴ minha
que, em parte, mais poderia ter sido escrita por você. Não lhe pare-
ce? Diga. E diga detalhadamente do valor da poesia, pois eu ignoro-
-o. Não se esqueça!

a Isadora Duncan (1877-1927), bailarina, conhecida como a mãe da dança moderna, que Pacheco, tal como outros artistas da sua época, como por exemplo Rodin ou Gertrude Stein, repre-
sentaram em diferentes discursos artísticos.

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa
 Vem-me²⁵ lembranças d'outro Tempo azul²⁶
 Que me oscilava entre véus de tule —
 Um tempo esguio e leve, um tempo — Asa²⁷.

Então os meus sentidos eram Côres
 Nasciam num jardim as minhas ansias
 Havia na minh'alma Outras Distancias —
 Distancias que o segui-las era flôres...

Caia Ouro se pensava Estrelas,
 O luar batia sobre o meu alhear-me...
 Noites-lagôas, como éreis belas
 Sob terraços-liz de recordar-Me!...

Idade acorde d'inter-sonho e lua
 Onde as horas corriam sempre jade,
 Onde a neblina era uma saudade
 E a luz — deboches de Princeza nua...

Balaústras de som... arcos de Amar...
 Pontes de brilho... ogivas de perfume...
 Dominio inexprimível d'Ópio e lume
 Que nunca mais, em Côr, hei de habitar...

Tapetes d'outras Persias mais Oriente
 Cortinados de Chinas mais marfim,
 Aureos templos de ritos de cetim²⁸,
 Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panthéons de nostalgias,
 Catedrais de Ser-Eu por sobre o mar...
 Escadas de honra, escadas só, ao ar...
 Novas Byzancios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...
 Irrealidade anil que em Mim ondeia...
 — Ao meu redor eu sou Rei exilado,
 Vagabundo dum sonho de sereia...²⁹

Mário de Sá-Carneiro

Paris 1914 — junho 30

68

CAFÉ DE ROHAN

RESTAURANT. GLACIER
TEA ROOM. PÂTISSERIETÉLÉPHONE
134 - 51

Paris, le 3 julho^a 1914
 I, PLACE DU PALAIS ROYAL

Meu Querido Amigo,

Você vai-me perdoar tanta repetição!

Recebi hoje uma carta da livraria Ferreira na qual acusam a recepção da minha e me dizem terem ficado scientes do seu conteúdo e esperarem as minhas ordens. Assim, se por qualquer razão

^a Sá-Carneiro escreve por lapso a data de «3 junho 1914», no original. Veja-se a este respeito a nota final sobre a carta.

me enviasse sem demora o dinheiro recebido. Desculpe ainda mais esta madureza. Adeus. Outro grande abraço,

o
Sá - Carneiro

Perdão! Perdão!

69

Bière du Château



MÉDAILLE D'OR
EXPOSITION UNIVERSELLE 1900

GRANDS PRIX
VIENNE Autriche 1904 MILAN 1905
LONDRES 1908 BRUXELLES 1910

SALONS & CABINETS DE SOCIÉTÉ
PIANO

BRASSERIE CHOISE DU CHÂTELET

Maison Georges Chibault

1. Place du Châtelet, 2. Quai de la Mégisserie

TÉLÉPHONE
250.48

Paris le 5 Julho 1914

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje a sua carta registada. Francamente cada dia ignoro mais como lhe hei de agradecer tanta gentileza. Magnífica ideia a de me enviar os 40 francos argeliana. Agora oiça: fiquei zangado com que você pagasse os frêtes¹.

Ainda por cima! O meu Amigo diz que me deve dinheiro. Contesto! Eu é que lhe devo muitos e muitos favores. Não repita a gracinha se vender os *Principios*. Mande-me (se forem o n[umer]o q[ue] ontem indiquei) 50 francos ou 10.000 reis. E p[ar]a acabar com a parte comercial: Rogo-lhe que não se esqueça do meu pedido de ontem: ir á Livraria Ferreira, p[ar]a onde escrevi e onde lhe devem dar os *Principios* — se negarem ainda entregar a carta que ia dentro ao P. Moreira e, sobretudo *telegrafar-me!*

[36] (A proposito de telegramas: tinha sido mesmo desnecessario enviar-me um telegrama annunciando os 40 francos visto q[ue] já me escrevera dando parte da conclusão do negocio). Agora desta vez é que lhe peço muito que não olvide o telegrama, *mas descontando a importância bem como a dos frêtes*. Demasiadamente meço, creia, as infamias das minhas repetições, desassossegos² etc. etc. com um amigo como você em quem se pode ter a maior confiança — tanta confiança como em nós mesmos. Nem você calcula como lhe estou grato, não lho posso exprimir. Porq[ue] embora lhe pareça insignificante o que tem feito tem uma grande significação. É tão raro encontrarmos quem nos sirva assim diligentemente³... Muito obrigado, de todo o coração muito obrigado, meu querido Fernando Pessoa.

Literatura — Admiravel o que hoje me chegou do Alvaro de Campos. Não me entusiasma tanto como a 1ª ode mas isso será apenas um factor da minha vibratilidade (Entretanto, por enormes que ache os excerpτος de hoje^a, mesmo em intelligencia creio maior, mais significativa e marcante a 1ª ode). A ode de hoje é admiravel, [37] portanto, bellissima — um tudo nada paúlca — e um tudo nada, vamos lá, Fernando Pessoa. De resto, nota-se tambem evidentemente pela sua leitura que o Campos conhece bem a obra do Ricardo Reis e do Caeiro, dos quais⁴ ressumam influencias. Continuo a dizer, meu amigo,⁵ que as produções do Alvarozinho vão ser das coisas maiores do... Pessoa. *Europa! Europa* (revista)⁶ é que é preciso sobre tudo⁷! Pela minha parte tenho estado inactivo estes ultimos dias. Conto ir trabalhando na *Grande Sombra*, mas sem pressa alguma, p[ar]a a ter concluida definitivamente⁸ apenas em setembro.

Diversos assuntos — Escrevi hoje ao Guisado para a Galiza⁹. Se por

a Trata-se de «Dois Excerptos de Odes (fins de duas odes, naturalmente)», datados de 30 de Junho de 1914. O primeiro, mais conhecido, começa: «Vem, Noite antiquissima e identica» (Pessoa, 2014, p. 57).

b Com ascendentes da Galiza, Alfredo Pedro Guisado passava temporadas habitualmente nessa região. Na mencionada carta a Guisado deste dia, Mário de Sá-Carneiro nota: «estava incerto se lhe havia de escrever para Espanha ou Portugal. Ontem porém recebi uma carta do

ventura êle ainda não tiver [37] partido, peço-lhe que o informe. Eu preferia é claro que o Mourão³ não soubesse o meu endereço para não me maçar¹⁰ com cartas e prefácios¹¹ etc. No entanto, como p[ar]la êle não é plausível que o meu Amigo ignore o meu endereço — diga-lho se não tiver outro remedio. Pelo mesmo correio segue a *Comædia* de hoje. Vai sem cordel. Chegará? Você diga, apesar da pouca importancia do caso. É verdade: se por acaso o Tavares já não quisesse comprar os *Principios*, você negociava-os em outra casa, por qualquer preço.

Bem,¹² meu amigo, termino sem nada mais ter a dizer-lhe. Renovo-lhe todos os meus agradecimentos e, de joelhos, todos os meus perdões. Escreva sempre o mais possível — sim? Cada vez mais me orgulho e acarinho da sua amizade. Adeus, Fernando Pessoa. Um grande, grande abraço do

Mário de Sá - Carneiro

(m[ui]to amigo e obrigado)

Pergunte ao Almada Negreiros se afinal não vem.^b

Pessoa em que ele me dizia que o meu Amigo partiria no sábado. Logo, hoje, domingo, escrevo-lhe para a Galiza. Vamos a ver se a carta lá chega — é tão complicado o endereço — páulico, realmente páulico!...» (Sá-Carneiro, 1977, p. 69). Na mesma carta Sá-Carneiro explicitará a sua admiração pelo trabalho de Campos, que considera «futurista», e o desejo de internacionalizar a poesia dos seus correligionários numa revista de alguma maneira dialogante com as vanguardas europeias: «Eu acho admiráveis [as obras de Álvaro de Campos], sobretudo a primeira (futurista) é para mim uma coisa enorme, genial e das maiores do Pessoa. Cada vez urge mais a Europa!» (71).

a Fernando Carvalho Mourão (1894-1951), colaborador de publicações como *Alma Nova* e fundador da revista *A Renascença* (1914). O poema «Não», de Sá-Carneiro, é publicado na revista *Alma Nova*, Ano II, n.º 21 a 24, de Dezembro de 1917, com uma dedicatória «A Fernando Carvalho Mourão», a indicação de ser «Um inédito que Mario de Sá-Carneiro oferecera á ALMA NOVA», e a datação de «Lisboa, 1913 — Dezembro 14. | (Postumo)». No caderno manuscrito de *Versos para os Índicios de Ouro* não existe esta dedicatória.

b José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970), artista plástico, dramaturgo, coreógrafo, romancista, ensaísta, «Poeta Sensacionista e Narciso do Egipto» (*A Cena do Ódio*, 1915), ou «Poeta d'Orpheu Futurista e Tudo» (*Manifesto Anti-Dantas e por Extenso*, 1916), nascido em São Tomé, foi

[38] P. S — Esqueci-me de dizer-lhe que nos excerptos¹³ de hoje a passagem que mais me impressionou foi aquela: «Apanha-me do solo malmequer esquecido», e a parte aonde se refere ao Oriente dizendo que talvez ainda por lá exista Cristo³. É uma passagem admirável esta — das tais «grifando sombra e alem»,^b.

o
Pai Campos

70

11 Julho 1914¹

Em Ouro, Saúde — interseccionadamente!... Recebi a sua carta q[ue] m[ui]to agradeço — e de joelhos lhe peço de novo perdão por toda a maçada q[ue] lhe tenho dado. Perdão e mil emboras!... Estupores, lepidopteros² os livreiros! Mas em todo o caso os 50 francos eram p[ar]la os superfluos: livros, teatro... e ceroulas... Paciencia, será p[ar]la o mês q[ue] vem! Vou escrever ao meu Pai pedindo que não pague a conta, expondo-lhe o assunto dos *Principios*. Quem fica assim tramado são

uma das figuras mais diversificadas do modernismo português, e uma das mais destacadas na divulgação das linguagens vanguardistas. Apesar da expectativa de uma partida para Paris, que se depreende da pergunta de Sá-Carneiro, só em 1919 Almada Negreiros irá para a capital francesa, onde ficará por pouco mais de um ano.

a Do primeiro verso citado existe um testemunho ligeiramente diferente: «Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido» (Pessoa, 2014, p. 59). Por outro lado, Álvaro de Campos refere-se no mesmo excerto «Ao Oriente onde — quem sabe? — Christo talvez ainda hoje viva, | Onde Deus talvez exista com corpo e mandando tudo...».

b Lembra-se aqui uma passagem de «Ressurreição»: «Mas nada disto agitava fundamente a vida psíquica de Inácio, no entusiasmo do seu romance concluído: a sua maior obra, sem dúvida — a 'Obra' — livro de brasa onde lograra enfim estilizar todos os seus estrebuchamentos, os seus requintes; as suas náuseas e revoltas, os seus ódios e afectos — a ruivo, o seu misticismo sexual; a indigo, a fascinação timbrada do Mistério, grifando sombra e Além.»

êles a quem pelo mesmo correio escrevo este postal: “Ex^o Sr. Ferreira, limitada: Tenho o vivo pesar de comunicar a V. Ex^{as} q[ue] antes de entregarem os meus volumes³ tambem aí não será saldada a minha conta. Com efeito previno pelo mesmo correio o meu Pai do interessante episódio⁴... Sem mais, sou com toda a consideração de V. Ex^{as} at[ento] vene[rando] criado m[ui]to grato Mario de Sá-Carneiro,,.

Novidades, nem meia. Um calor horrível e um hediondo ar de festança popular: o 5 de outubro cá da terra.^a Eu literariamente inactivo, reservo-me p[ar]a quando estiver mais fresco... O Pacheco está em Lisboa quando você receber este postal. Deve ter aí chegado na terça-feira.^b Mando-lhe um abraço grande por êle — e já agora peço que lhe dê outro meu — em ultima-hora... O Guisado afinal quando vai p[ar]a a Galiza? Dê-lhe m[ui]tas saudades minhas! E o Côrtes-Rodrigues⁵, sabe dêle?... Bem, meu Querido Amigo, até breve — e perdôe ir hoje só um postal. Adeus! Agradecimentos repetidos e um gigantesco abraço!...

Escreva sempre

o seu

Mário de Sá-Carneiro

a Sá-Carneiro parece aludir à celebração da Tomada da Bastilha, símbolo maior da República Francesa. Enfatiza-se aqui o lado popular e ao mesmo tempo republicano do evento, associando-o ao 5 de Outubro português. *La Fête nationale* é comemorada a 14 de Julho (uma terça-feira, no ano de 1914).

b José Pacheco terá assim chegado a Lisboa nessa terça-feira, 14 de Julho de 1914. Sá-Carneiro escreve a 11, um sábado, e calcula três a quatro dias para a chegada a Lisboa do seu postal, que de facto apresenta carimbos da capital portuguesa de 14 de Julho.

71

BIÈRE DU GRÜTLI



MÉDAILLE D'OR
EXPOSITION UNIVERSELLE 1900

GRANDS PRIX
VIENNE 1894 - AUTRICHE 1904 - MILAN 1906
LONDRES 1908 - BRUXELLES 1910

4 BILLARDS
BRUNSWICK

CAFÉ ROYAL



12, Boulevard Montmartre, Paris.

Propriétaire

R. Chassany

TÉLÉPHONE:
GUTENBERG 02.34

Paris, le 13 julho 1914

Meu Querido Amigo,

Vou-lhe hoje escrever uma carta grande, parece-me (grande¹ = extensão). Um tempo em extremo lepidoptero: calor (e ontem trovoadas), mas sobretudo as impossíveis festas nacionais: balões, bailaricos, guitarras² — como aí, tal e qual. Atravessando a rua Mazarine ontem eu e o Carlos Franco ficámos arrepiados³, semi-loucos pois vimo-nos⁴ de subito em pleno Bairro Alto. Simplesmente, concentrando melhor o nosso espirito, concluimos o nosso erro e sossegámos só porque não era o fado o que as guitarras raspavam...

a) Sua carta — Recebi hoje a sua carta de 10 que, mais do que nenhuma outra,⁵ muito, muito agradeço. É interessantíssimo o que nela me conta de Si. Compreendo optimamente o seu estado de “suspenso,, de “boiar,,⁶ estado d’alma⁷ que, de resto, noutra sentido (quero dizer: noutra inflexão) eu já tenho experimentado⁸. O que me diz sobre o seu “exilio,, embora na verdade a minha vibratibilidade o não possa aceitar com extrema simpatia, é quanto a mim um curiosíssimo fenomeno, mas um “admiravel fenomeno,, (perdoe-se a expressão estrambótica⁹) no autor da “Ode,, do Alvaro de Campos. Meu amigo, seja como fôr, desdobre-se você como se desdobrar, sintade-fora como quizer,¹⁰ o certo é que quem pode escrever essas paginas, se não sente,¹¹ sabe genialmente sentir aquilo

de que me confessa mais e mais cada dia se exilar. Saber sentir e sentir, meu Amigo, afigura-se-me qualquer coisa de muito proximo — pondo de parte todas as complicações. E o que eu, da minha vibratilidade lastimaria em você que tão genialmente admiro [32^a] e tão sinceramente como posso estimo — era apenas, talvez, que não pudesse¹² fremir, que não *soubesse imaginar fremir* com aquilo que a minha alma oscila acima de tudo mais em leonino. De resto,¹³ meu Amigo; repare bem no complicado e misterioso fenómeno¹⁴: eu, eu que pelo contrario cada vez vou vendo que a unica coisa que me poderia fazer sair de mim, comover em alheamentos de verdadeiro Artista,¹⁵ é aquilo a que englobadamente chamamos¹⁶ Europa — eu, sinto que nunca poderia ter escrito a ode do Alvaro de Campos porque em todo o caso não amo tudo que êle canta suficientemente para assim o fixar... “Sinto,, menos do que êle, “amo,, menos do que êle, “estrebuchoo,, menos do que êle as avenidas da opera, os automoveis, os *derbies*¹⁷, as *cocottes*¹⁸, os grandes *boulevards*... E eu amo isso tudo portanto de tal ansia a brasa¹⁹!... Quer ver, eu encontro uma explicação facil p[ar]a o facto de justamente após o caso Al[varo] de Campos você se sentir mais afastado do mundo. Oiça: Eu amo incomparavelmente mais Paris, eu vejo-o bem mais nitidamente e compreendo-o em bem maior lucidez longe dêle, por Lisboa, do que aqui, nos seus *boulevards* onde até, confesso-lhe meu Amigo, por vezes eu lhe sou infiel e, em vislumbres, me lembro até da sua desnecessidade para a minha alma, para a minha emoção... Assim em você²⁰, meu Amigo, é isto só: não sente já ansia de conhecer cidades, Europa²¹, progresso, porque tudo isso você viajou, hiper-viajou, hiper-conhece, hiper-possuiu ao escrever a sua admiravel obra — uma das coisas suas maiores, repito, mais geniais²² e daquelas de que eu menos duvido, das que mais garanto! Tudo isto vem apenas aumentar — e você deve ao medi-lo embebedar-se de si — a sua grandeza divina, perturbadora, secular! Meu querido Amigo juro-lhe que não exagero, que não literatizo, que não deixo a minha

pena seguir inadvertidamente²³: eu a cada linha mais sua que leio sinto crescer o meu orgulho: o meu orgulho por ser, em todo o caso, aquele cuja obra mais perto está da sua — perto como a terra do sol — por o contar no n[umer]o dos meus intimos e em suma: *porque o Fernando Pessoa gosta do que eu escrevo*. Não são declarações de amor: mas tudo isto, toda esta sumptuosidade e depois a grande alma que você é, fazem-me ser tão seu amigo quanto eu posso ser d’alguem²⁴: encher-me de ternuras, gostar, como ao meu pai, de encostar a minha cabeça ao seu braço — e de o ter aqui, ao pé de mim, como gostaria de ter o meu Pai, a minha Ama ou qualquer objecto, qualquer bicho querido da minha infancia! Só lhe peço que me desculpe a maneira como me exprimo — mas a unica como me posso exprimir em inteira sinceridade. E lastime-me um pouco tambem... Creaia, meu querido Fernando Pessoa, percamos²⁵ por completo as ilusões: eu toco o fim — [33^a] um fim embandeirado, mas em todo o caso um limite. Acabei já — acabei após a minha chegada aqui. Hoje sou o embalsamamento de mim proprio. Não tenho estados de alma, nem os posso ter já porque dentro de mim ha algodão em rama (o algodão em rama que ha dentro dos animais naturalizados)... Estados de alma, ansias, tristezas, ideais, grandes torturas de que saiam os meus livros tudo isso acabou... Ilusões de gloria, de “espanto,, já não existem em mim. Entusiasmos do que eu sou, tão pouco, porque de mais sei o que sou. *Sou o que quero* — o que quereria Ser; mas sei que o sou. Logo... Meu Amigo eu na vida andei sempre para “gostar,,²⁶ para ser o principal personagem de mim proprio, o personagem principal da minha vida — mas hoje já o não posso ser, porque sei o papel de cór²⁷ — e desempenhar-me só me pode fazer bocejar no grande tablado hoje para mim coberto de serapilheiras — serapilheiras²⁸ em que se volveram tapetes róxos que na verdade nunca existiram mas que eu podia²⁹, sabia imaginar... Depois eu sou uma criança — tantas vezes lho gritei — e a criança hoje vê a sua idade terminada, bem terminada — terminada ha muito mas só hoje,

depois da partida do meu Pai para a Africa, da casa desfeita, terminada em ilusão. Para traz de mim existe o irremediavel; o que nunca mais, nunca mais se pode repetir mesmo em miragem. Meu Amigo: nunca mais terei quem³⁰ arrume a minha roupa nas gavetas, e quem de noite me aconchegue a roupa... alguém que me faça isto e *tenha assistido á minha infancia...* Estou só — [33^v] dos outros — só de mim para sempre. E as minhas saudades, as minhas lagrimas que unicamente assomam — vão, longinquamente, para as ruas da minha quinta quando eu tinha cinco anos³¹, e o leito pequeno de ferro em que eu dormia então, e certa manhã em que³², quando acordei, andava um passaro no meu quarto, e os passeios ás tardes tristes em Lisboa, com a minha Ama — em que eu era já o que hoje sou quasi... e mais modernamente as ultimas ilusões da minha infancia: aquele cãozito †³³ que você ainda conheceu e corria a buscar as pedras que eu lhe atirava... e o meu escritorio da Travessa do Carmo onde eu lhe lia, a Si,³⁴ as minhas coisas, onde outróra tanto sonhei com o meu primeiro livro, onde tanto projecto, tanto amigo passou — e onde ainda este âno, no dia 1^o de janeiro, eu e o Pacheco e o Franco bebemos champanhe, com o fogão aceso, “fomos,, Paris!... Vê: é toda esta futilidade, estas “mariquices,, meu amigo que eu lamento numa grande dôr — mas³⁵ não em uma dôr arrependida: Consegui³⁶, á força talvez só de o querer, obter o que ambicionara³⁷: Paris. Simplesmente era essa a ultima maravilha — o fim, a Apoteose (E foi neste estado de espirito que eu escrevi³⁸ o soneto “Apoteose,, e assim o denominei). Quanto a pessoas as minhas saudades vão áqueles³⁹ que compuseram a minha infancia — e vão a si, ao Rola, ao Cabreira^a: os dois ultimos como precursores de si⁴⁰, você como o amigo, o companhei-

a Tomás Cabreira Júnior (1891-1911), como o já referido Gilberto Rola do Nascimento, foi colega de Sá-Carneiro no Liceu de São Domingos (depois Liceu Camões), onde se suicidou a 9 de Janeiro de 1911. Escreveu, com Sá-Carneiro, a peça de teatro *Amizade*, que seria representada pela Sociedade de Amadores Dramáticos, de que fazia parte Sá-Carneiro, a 23 de Março de 1912, no Grupo Estefânia. Mário de Sá-Carneiro dedicou ao seu amigo o poema «A Um Suicida».

ro⁴¹ dos brinquedos do meu genio — e aquele⁴² que assistiu ao seu nascimento, á sua infancia, que arrumou a sua roupa, lhe conchegou⁴³ os cobertores — aquele a quem sempre confiadamente recorri e corri mostrando as minhas obras — como corria á minha ama para me deitar — e, antes de adormecer não queria que ela se fosse embora de ao pé de mim com medo dos ladrões... Perdõe-me! Perdõe-me todas estas digressões⁴⁴, estas inferioridades aparentes — mas repito só assim posso exprimir-me em franqueza completa! É este todo o descalabro da minh’alma. O meu futuro literario é este: a conclusão da “Grande Sombra,, a composição de mais alguns contos p[ar]a o volume *Ceu em Fôgo* (talvez mesmo só das “Asas,,),⁴⁵ possivelmente⁴⁶ alguma outra novela importante — só uma — e varias poesias. Não quero fazer mais. *E não posso fazer mais.* Tudo⁴⁷ quanto mais farei sê-lo-ha feito automaticamente⁴⁸, [34^v] melhor — já está feito. Foi feito em alma antes do fim — mas “no fim,, sê-lo-ha executado materialmente. Meu amigo, creia-me, tudo quanto d’ora ávante eu hoje escrever são escritos postumos. Infelizmente não me engano — como não me enganei na minha volta a Paris. Não lhe dizia tanta vez que não “me via,, com uma obra muito longa? Entretanto qual será o meu fim real? Não sei. Mas, mais do que nunca acredito, o suicidio... Pelo menos o suicidio moral... Acabarei talvez em corpo exilado da minha alma! Mas creio menos nesta hipotese. Nas paginas psicologicas da “Ressureição,,⁴⁹ está bem descrito⁵⁰ o meu estado de alma actual —; apenas não segurei⁵¹ liberto na vitória⁵² maior, possuindo Paris, a executar a minha obra — justamente porque estou liberto e tenho Paris! Meu Amigo, deixe-me dizer-lhe imodestamente — a razão⁵³ de tudo isto está naquela quadra da *Dispersão*:

A grande ave dourada
Bateu asas para o ceu,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava o ceu...

O ceu da minha obra não quero dizer que seja grande — não sei se na verdade o será. Entretanto estou bem certo que [34^a] é pesadamente dourado (talvez d'ouro⁵⁴ falso, mas em todo o caso dourado) com muitas luzes de côr, e lantejoulas⁵⁵, todas a girar, fumos policromos, aromas, maquilhagens⁵⁶, lagos de agua, dansarinas nuas, actrizes de Paris, salas de restaurantes, densos tapetes... E isso me basta. Passei na vida literaria⁵⁷, creio⁵⁸, uma rapariga estrangeira, esguia, pintada, viciosa, com muito gosto para se vestir bizarramente — pelo menos — e para dispor orquideas em jarras misteriosas, em esquisitas⁵⁹ talhas do Japão — gulosa de morangos e champanhe, fumando opios, debochada — ardendo loucamente. E se assim é, se não me engano: eu fui o que quis: a minha obra representa zebreadamente entre luas amarelas aquilo que eu quisera ser fisicamente: essa rapariga estrangeira de unhas polidas⁶⁰, doida e milionaria... Perdê-me mais uma vez tomar-lhe tempo com tudo isto, tão mal exprimido — e já agora, peça-lhe, fale longamente de tudo quanto lhe digo de mim... Assim me dará uma *ilusão*: a ilusão da sua companhia⁶¹ e, não lhe sei explicar porquê, a ilusão de que ainda me interesse por mim...

Fico muito satisfeito pelo que me diz sobre a sua evolução — que hoje atingiu emfim o periodo completo⁶² da sua maturidade intelectual. Essa certeza dar-lhe-ha⁶³ por certo no seu entusiasmo horas intensas de criação, horas intensas tenho a certeza de execução⁶⁴ material.

É claro q[ue] teria sido melhor não falar do Caeiro ao Lopes. Mas o que não tem remedio, remediado está! Nunca devemos ter confidencias com quem “não é dos nossos,, não nos compreende...”⁶⁵ Por mim, confio-me a toda a gente. Logo...

Fez é claro m[ui]to bem em distribuir os exemplares dos meus livros. Você é de resto o proprietario deles...

[35^a] b) Literatura — Esqueceu-me outro dia, no postal, de me referir aos excerptos que concluem a ode^a do Al[varo] de Campos. São

a A «Ode Triunfal», anterior à «Ode Marítima» e a outras subsequentes.

admiraveis, genialmente completando essa obra. E emocionou-me acima de tudo, encarando como das coisas mais belas⁶⁶ de todo o trabalho, a ideia que nas correias de transmissão andam já pedaços do Alexandre Magno *do seculo 5o, do Shakespeare do século 10o*.

Tenho⁶⁷ uma ideia para uma novela que não escreverei talvez, “Novela Burguesa,,”⁶⁸ de que lhe darei conta noutra carta pois já estou fatigado de escrever. Essa novela, que não me interessa demasiadamente,⁶⁹ por interessante que seja, seria uma parelha da novela errada. Depois contarei.

Fiz outro dia estas duas quadras lepidopteras⁷⁰ de nenhuma poesia mas que no emtanto aqui transcrevo:

Barcaças⁷¹ dos meus impetos tigrados,
Que oceanos vos sumiram de segredo?
— Partiste-vos, transportes encantados,
De encontro em alma ao rôxo, a que rochedo?

[35^a] Ó nau perdida, ó ruiva de aventura
Onde em champanhe⁷² a minha ansia ia,
Perdeste-vos tambem ou, por ventura,
Fundeaste a Oiro em portos d'alquimia?^a

c) Santarritana: Pela segunda vez depois que aqui estou estive hoje com o Santa-Rita que foi ao meu hotel. Uma noticia sensacional: O Santa-Rita vai para (não a) Lisboa em setembro proximo! É claro que, como tem de ir, êle se mostra satisfeito por isso mesmo (quando o ano passado me dizia ser essa a maior tragedia). Disse: “compreende: vou lá para baixo *fazer* a minha obra, impor-me socialmente. De resto é m[ui]to duro Paris durante tanto tempo,

a As duas quadras integram, com ligeiras modificações, o poema «Ângulo», que será terminado em Barcelona e integrará *Indícios de Oiro*.

esgota-nos^{73!}, Veio-me pedir para eu arranjar⁷⁴ um editor p[ar]a a tradução portuguesa dos manifestos do Marinetti (livro⁷⁵ “Le futurisme,, e os ultimos trabalhos).⁷⁶ Pedido — disse — feito em nome do Marinetti. Para ser amavel escreverei a qualquer livreiro daí que dirá que não...^a

Adeus⁷⁷, meu querido Fernando Pessoa. Perdô-me tudo, tudo,
E um grande, grande abraço do seu pobre

Mário de Sá-Carneiro

Escreva breve!
Saudades do Carlos Franco

72

Paris — Julho de 1914,
Dia 18

Meu Querido Amigo,

Recebi ontem a sua carta que muito agradeço. Gostaria muito, se fosse possível, conhecer o que sobre mim (e sobretudo o intersecionismo e Caeiro & C.^a) o mano Reis escreveu^b. Mas sei bem

a Na verdade, a primeira tradução do *Manifesto de Fundação do Futurismo* é publicada, juntamente com uma entrevista de Marinetti à revista *Comoedia*, no *Diário dos Açores* de 5 de Agosto de 1909, pela mão do poeta Luís Francisco Rebelo Bicudo, nessa ocasião em Génova (Marnoto, 2009, p. 66).

b Veja-se esta passagem do folheto de Frederico Reis: «E, quanto ao movimento, que no seu início deu o symbolismo — eil-o perfeito, completo, dado de vez como ainda lá fóra ninguém o déra, nas suas fórmas, por Fernando Pessoa e Mario de S[á]-C[arneir]o. Fernando Pessoa representa a superação final, a culminancia da auto-analyse, a ‘consciencia das cousas’ como dizia Amiel levada ao extremo, ao ultimo e sublime grau. Verhaeren e Gustave Kahn são a infancia de Fernando Pessoa. Semelhantemente o que lá fóra ninguém proficientemente fazia, com mera intuição ou d’outro

que isso não será possível. Antes de mais nada uma importante e prospera novidade literaria: Acabei ontem a “Grande Sombra,, (em rascunho, bem entendido). Fiquei m[ui]to satisfeito com o que escrevi e li logo ao Carlos Franco. Apareceram alguns detalhes novos q[ue] sem serem primordiais são contudo interessantes. Dentro de mês e meio deverá você receber aí o manuscrito definitivo e dir-me-ha depois a sua opinião. Já que estou com a mão na massa¹, vai aqui a ideia da tal “Novela Burguesa,, que, muito provavelmente, não escreverei — porque, interessante, [40^o] não está bem na minha maneira. Um artista conta a seguinte aventura: êle frequenta (ou conhece apenas) uma familia burguesa,² mulher, marido, uma petiza. Gente modesta. O marido oficial do ministério das finanças. Mas vivem bem. E o artista descreve esse interior — não o compreendendo: não compreendendo que a dona da casa queira, mesmo de Inverno, a casa de jantar esfregada todos os sabados etc. E descreve a vida dêles³: mas segundo o seu modo de ver de artista, ingenuamente (humoristicamente — segundo a acepção do Pawlowski, um pouco, talvez) tendo enormes espantos por saber que ao domingo vão passear ao campo, que o marido tem uma opinião politica, é socio dum club, vota, vai todas as noites ao mesmo café jogar o dominó⁴. Que a mulher faz as contas á criada, determina o jantar, tem as suas pequenas jóias em vez de gastar todo o dinheiro q[ue] lhe vem ás mãos etc. Não sei se você atinge bem a minha ideia: Suponhamos⁵ um burguês não compreendendo — por exemplo, não vamos mais longe,⁶ a minha e a sua vida — por que êle⁷ é a regra geral, o inferior,⁸ emquanto que nós somos os superiores: a excepção. Pois bem este artista olha os burgueses, não os entende, como se a gente como êle fosse a generalidade⁹ e os burgueses a excepção — como se sinceramente estivesse convicto disso! Assim admirar-se-hia de

modo, a materialização das sensações, a carnalização do espirito, eil-o feito com grandeza maxima, com perfeição inegalavel pelo genio doudo de M[ario] de Sá-Carneiro» (Pessoa, 2009, p. 60).

tudo isto (colocava-se aqui como subentendidamente¹⁰ o elogio dos mediocres de q[ue] eu uma vez lhe falei etc.). E acharei sublime, por exemplo, êles¹¹ irem passar um dia de verão [40a^r] ao campo porque iam sofrer o calor, a poeira do comboio, o cansaço¹² das longas caminhadas, as dores nos pés das botas apertadas etc. Ora essa gente tem um amigo que m[ui]ta vez os acompanha e os visita: um colega do marido. Este, o marido,¹³ por pequeninas coisas desconfia q[ue] alguma coisa ha entre êle¹⁴ e a mulher. Começa — embora não goste até muito da mulher, nem mesmo sexualmente — a ter scenas com ela. Um dia, provocadoramente, ela diz-lhe: pois bem, é verdade... Mas o marido,¹⁵ depois dum acesso de colera, lembra-se das virtudes burguesas...¹⁶ Vem-lhe¹⁷ o raciocinio... Vai desgraçar-se... Perder o seu lugar (êle¹⁸ q[ue] está prestes a ser nomeado 2^o oficial) depois a filha... E, mesmo, no fundo talvez mesmo só por cobaradia — como a mulher lhe disse aquilo talvez por despeito — vai-se calando — apenas esfria de relações com o amigo. No ministerio um dia porem vê-o a escrever uma carta que começa: Minha Amelia (o nome da mulher)... Desfecha-lhe um revolver. É preso... Vem-se a saber depois que êle viu mal: a carta começava Minha Amiga — e era dirigida a outra mulher... O julgamento: êle¹⁹ conta o ciume acumulado que o levou ao crime: mesmo q[ue] a sua filha, inocentemente,²⁰ lhe dissera que o amigo uma vez viera ver a mamã, quando o pai não estava... A mulher interrogada diz q[ue] nunca foi amante do outro nem gostava dêle... Mas lhe aceitava a corte por não gostar do marido... E o juri absolve o heroi desta “tragedia,.. Não sei se você, repito,²¹ compreende os intuitos, humoristicos²² em verdade, de ver a inferioridade²³ da sub-gente normal²⁴ — mas fazer ressaltar as duvidas se isto não será afinal, na sua banalidade, [40a^r] no seu “primitivismo,.. interessante²⁵, e comparavel às complicadas tragedias dos espiritos superiores (por exemplo: *A Confissão de Lucio*),²⁶ tão inexplicavel, destrambelhado como elas. E sempre acentuando a incompreensão do Artista narrador. Emfim: pretenderia fazer a in-

versa disto: *A Confissão de Lucio* ser contada por um burguês. Atinge bem?²⁷ É claro q[ue] não escreverei isto, repito, porque em verdade, não vale a pena. Diga em todo o caso você a sua opinião. (E se percebeu.²⁸)

O meu estado de alma é o mesmo: entretanto como vê vou trabalhando, q[ue] é o principal. De resto as minhas dôres são, em verdade, apenas “dôres esquecidas,, de que me lembro às vezes, apenas às vezes. E soffro então, tenho vontade de chorar — mas não por elas **propriamente que nunca existiram sinceramente — apenas pela sua recordação: pela recordação da possibilidade delas existirem!** Eis tudo. Isto assim é que é pôr as coisas nos devidos termos — deixemo-nos de ilusões!

Termino por hoje, meu querido Fernando Pessoa, com muitos abraços, muitas saudades d’Alma. Adeus.

O

Carlos de Sá-Carneiro

Diga ao Pacheco q[ue] me escreva!

Muitas saudades do seu Carlos Franco.^a

Admiraveis, geniais os sonetos do Guisado q[ue] ontem recebi. Especialmente o segundo da “Elegia do meu ser”.²⁹

^a Linha aparentemente redigida pela mão do próprio Carlos Franco.

E para você, com todos os agradecimentos repetidos, mil abraços interseccionados em Ouro e Alma

o seu

Mário de Sá-Carneiro

O Franco agradece as suas saudades e retribue.

74

Paris — Julho 1914

Dia 27

B[ilhete] postal — P[ost] S[criptum] — à carta de hoje

Esqueceu-me de lhe citar entre os títulos¹ possíveis p[ar]a o novo volume, este — talvez o melhor, senão êle² proprio, o bom: *Novelas Falsas*. Diga a sua opinião.

Lembrou-me agora, de subito, ao entrar p[ar]a a casa q[ue], nesse volume, cabe tambem, pode ser, “O Mundo Interior,”^a tratado doutra maneira: o narrador conhece um homem (o narrador aqui aparentemente “burguês,, isto é: criatura sem com-

a Na «Tábua Bibliográfica de Mário de Sá-Carneiro» preparada por Fernando Pessoa, este indica que a publicação da obra definitiva daquele incluiria «o capitulo de *MUNDO INTERIOR*, se apparecer» (cf. Anexos, II). Como aliás foi já notado por Teresa Sobral Cunha (Sá-Carneiro, 2003, tomo 1, p. 231), Pessoa tenta resgatar este manuscrito quando escreve uma carta ao gerente do Grand Hôtel de Nice, que poderá ou não ter sido enviada. De facto, Pessoa assinala, quanto aos manuscritos inéditos: «Tenho-os quase todos, mas há alguns — um em particular — que sem dúvida ficaram na mala que o senhor guardou. [...] Para seu governo, posso dizer-lhe que o manuscrito que mais me interessa é composto de algumas páginas (oito ou dez, no máximo) com o título português ‘MUNDO INTERIOR’» (tradução nossa; veja-se o texto 237 [Anexos, IV] desta edição, com o original em francês e a tradução completa).

plicações psicologicas — talvez um “professor,, de matemática ou de fisica) trava conhecimento no Café com um homem que lhe fala só da sua alma e lhe conta como viaja³ no seu mundo interior. Um dia esse homem desaparece (como por exemplo desapareceu aquele meu amigo a q[ue] aludo na “Grande Sombra,,) e a unica explicação que o seu companheiro encontra em vista das buscas da policia improficuas⁴, é esta: q[ue] êle⁵ terá desaparecido no seu mundo interior. Donde o inconveniente de ser complicado de mais, de ser⁶ “psicologia,, a mais, de pensar de mais sobre si próprio...⁷ Não é verdade q[ue] esta novela podia caber no livro? Que lhe parece?

Tenho trabalhado todos os dias na “G[rande] Sombra,, que deve estar concluida pelos fins de Agosto. Começarei logo a tirar a cópia⁸ que você deve receber aí por 10 de setembro, 15, o mais tardar.

E agora parece-me que não lhe tenho mais nada a dizer...⁹

Um grande abraço a mais em Alma e Ouro do seu,

seu

Mário de Sá-Carneiro

Saudades do Carlos Franco.

75

Bilhete-postal-resposta-à-Carta Pessoal de 23-25 Julho

Paris — 28 de Julho 1914

Máxima¹ noção de erro o paülisto² SANTOS, com a idea³, sem duvida bela e do mais puro int[er]seccionismo,⁴ da sonambulada vida — mas francamente ainda me assombrou mais num espanto de incoerencia a aparição das quadras Ferreas... Esses bebês⁵

mandar-me-hão⁶ o livro?^a Diga-lhe o que aqui vai — pelo menos era p[ar]a eu ver o meu paülismo a par [do] J[oa]o de Barros^b!...⁷ Os sonetos q[ue] eu recebi foram aqueles q[ue] você cita. E agora me recorde: eu escrevi o que lhe dizia na carta... mas numa carta que não lhe enviei e substituí⁸ por outra. Pelo menos deve ser assim pois lembro-me, lucidamente me lembro, de ter escrito a frase q[ue] lhe citei. Pasmoso o lepidopterismo⁹ do M[artinho] N[obre] de Melo!^c E julgam-se artistas singulares, incompreendidos tais malandros!... A proposito do Pessanha: logo que puder, mas logo, rogo-lhe m[ui]to que me envie os versos a q[ue] alude. Fico ansioso por eles. E pedia-lhe, mais uma vez abusando, que, quando tiver vagar, me envie uma cópia do soneto á mãe — e mesmo doutras coisas q[ue] eu já conheço, pois é para mim um grande prazer reler esses admiráveis poemas! Ai a *Europa!* a *Europa!* como ela seria necessaria!... Fico também ansioso, soffrego, pelas obras literarias suas e dos seus

a Sá-Carneiro refere-se a *Missal de Trovas* (Lisboa: Livraria Ferreira, 1914), livro de «Quadras dos 17 e 18 anos» de Augusto Cunha e António Ferro. A pergunta justifica-se sobretudo pelo facto de o livro incluir uma breve secção de «Opinião d'alguns poetas portugueses sobre o MISSAL DE TROVAS», entre elas a seguinte, de Sá-Carneiro: «Melodias portuguezas, trigueiras de aventura — ceu limpo; fim de tarde... | — Ó ranchos de amorosos que eu não verei nunca... suavidade... suavidade... | | Rios dóceis, ao luar, de aguas cristalinas para lagoas azuis, | Clareiras relvadas nas florestas serenas... | Nostalgias e rezas — enleios, beijos perdidos, mãos dadas. | Cantares de ternura que o sol abençoa num enlevo acendrado, latejantes de roseos, transparentes em loiro... | 18-IV-1914. | MARIO DE SÁ-CARNEIRO». Ainda a 18 de Março de 1913 Sá-Carneiro indicara em carta a António Ferro, a respeito de poesias que surgiriam mais tarde neste volume: «As quadras do Cunha e sua[s] são coisas muito lindas. É preciso publicá-las sem demora» (Toriello, 1987, p. 141). Fernando Pessoa escreve na mesma secção prefacial: «A quadra é o vaso de flores que o Povo põe á janela da sua Alma. | Da orbita triste do vaso obscuro a graça exilada das flôres atreve o seu olhar de alegria. | Quem faz quadras portuguezas comunga a alma do Povo, humildemente de nós todos e errante dentro de si própria. | Os autores d'este livro realizaram as suas quadras com destreza luzitana e fidelidade ao instinctivo e desatado da alma popular. | Elogial-os mais seria elogial-os menos. | 17-IV-1914. | FERNANDO PESSOA». Acrescente-se que os autores dedicam um exemplar «A Fernando Pessoa | á mais forte intellectualidade da nova geração literária | homenagem dos seus admiradores e amigos | Augusto Cunha e Antonio Ferro».

b João de Barros incluiu também uma breve apreciação, afirmando: «Gosto muito do *Missal de Trovas*. É um livrinho ingénuo e carinhoso, em que a emoção dos nossos cantares tradicionais revive com delicadeza, com ternura e com um doce encanto popular. | 16-IV-1914.»

c Martinho Nobre de Melo, ministro do Governo de Sidónio Pais, que publicou *Ritmos de Amor e de Silêncio*, de 1912 (Lisboa: Tip. da Casa E. da Cunha e Sá, 1912) e *O Jardim do Crepúsculo seguido das Treze Miniaturas da Noite e da Morte* (Lisboa: Tip. Livraria Ferin, 1913).

“manos,, que me anuncia. Por tudo lhe peço que não as demore!... (Você tem razão: o paülismo é qualquer coisa de enorme em face do fenomeno do Santos!) Dê saudades minhas a toda essa gente que está p[ar]a me escrever: Carlos de Oliveira^a, Victoriano¹⁰ e Côrtes-Rodrigues¹¹. Aos dois ultimos, vincadamente. Interessantissimo o que de psicologico me diz de Si nesta carta. Apenas doloroso — por isso lamento essas linhas. De resto compreendo m[ui]to bem o “estado,, q[ue] descreve e q[ue] tanta vez eu sinto. Peço-lhe desculpa de o estar sempre a incomodar com pedidos de copias das suas obras, do Pessanha etc. Mas creio que você me desculpa... E repito que espero em Ansia dourada tudo isso... E francamente não sei que mais lhe diga... Abraços ao Pacheco, de quem hoje recebi carta¹². Até breve, largamente — espero: em resposta ás suas Obras. Mil abraços.

O seu, m[ui]to seu

M. de Sá-Carneiro

(Saudades do Franco!...)

a Provavelmente Carlos Alberto Lobo de Oliveira (1895-1973), poeta que colaborou nas revistas *A Águia* (1912), *Ideia Livre* (1913), *Gente Lusa* (1916) e *Athena* (1925), e com quem Fernando Pessoa trocou correspondência a propósito desta última publicação.

CAFÉ DE FRANCE
RESTAURANT
CH. SÉBILLON
L. BILLARD, Succr



9, Boul^d S^t Denis
Boul^d Sébastopol III

TELEPHONE 1029-45

Paris, le _____ 1914

Paris — Agosto de 1914

Dia 1^o

Escrevo-lhe numa hora terrível — meu querido Amigo. Para o mundo — para a Europa — e mesmo, pessoalmente, para mim: para nós todos... O que se irá passar? Ninguém o sabe. Mas neste momento a guerra parece inevitável.^a Toda a Europa em armas — lê-se nas *manchettes*. E mesmo de Lisboa, telegramas: Portugal mobilizará 10 mil homens em vista da aliança inglesa. Por mim estou ansioso e desoladíssimo neste momento. O meu Pai já ontem me telegrafou de L[ourenço] Marques a dizer-me que era melhor voltar p[ar]a Lisboa. Respondi-lhe que valia ainda esperar^b. A cada passo entretanto receio ter que partir por ordem dêle¹ — ou mesmo forçado pelas circunstâncias. Isso para mim, por 10 mil razões, é uma catástrofe!... Pode pois bem compreender o meu estado de espirito nesta ocasião. Seja como fôr só partirei em ultimo caso. Estou muito triste! De resto, embora os perigos, eu gostaria vehementemente de [48^o] viver² esta guerra de Europa em Paris. Mas não sei, nada, nada...

a A 1 de Agosto de 1914 a França mobiliza tropas, em antecipação da sua entrada na Primeira Guerra Mundial, e a 3 de Agosto declara guerra à Alemanha em resposta à ofensiva desse país em direcção ao seu território.

b Em carta de 16 de Agosto de 1914, de Lourenço Marques, o pai de Sá-Carneiro, Carlos de Sá Carneiro, escreve ao avô do poeta, José Paulino de Sá Carneiro, e expressa a sua apreensão: «Estou preocupadíssimo com o Mario em Paris. Eu não sei onde elle pára. A tempo competente enviei-lhe um telegramma para elle regressar a Lisboa. Elle respondeu-me que era melhor esperar ainda. Creio pois que não sahii de Paris no que fez bem mal» (N25, 35).

Recebi hoje a sua carta de 28 que muito agradeço e achei interessantíssima. Parece impossível que você receie³ maçar-me com o que nela diz!... Sobretudo entusiasmou-me a sua teoria da “Republica Aristocratica⁴”, — que creio ter perfeitamente compreendido.⁵ E entusiasmou-me m[ui]to alto — por o “paülismo”, lhe ser um forte apoio. Cada vez mais me vanglorio de pertencer a essa escola — e mais creio nela: mais creio em você — mais creio em mim. Que bellissima coisa seria agora com essa orientação “total”, a nossa revista — *Europa!*

Curiosíssima a atmosfera de Paris entre estes acontecimentos. Toda a gente passa na rua, sombria, preocupada: e a mesma compreensão do perigo todos sobressalta. Ha, sinto em verdade — não apenas por literatura — qualquer coisa a mais no ambiente tremulante (devido em “racional”, por certo, aos meus nervos de inquietação), o movimento dos vehiculos parece outro, *mais continuo* — mais soturno⁵... Emfim, qualquer fluido ondea⁶ na atmosfera alem do ar — tenho, em sinceridade,⁷ essa impressão. E lembro-me — agora por literatura — que em verdade a força psíquica de toda a gente pensando na mesma coisa — de tanto cerebro com a mesma preocupação profunda, de igual sentido, de iguais inflexões — poderia, deveria presumivelmente criar na atmosfera envolvente qualquer coisa de subtil... Isto seria uma crónica⁸ interessante a desenvolver... uma crónica, sabido, laivada de intersecção.

[49^o] Recebi tambem carta do Guisado com as duas poesias a q[ue] você se refere. Magnificas. Mas concordo m[ui]to com o que o meu Amigo diz na sua carta sobre as deficiencias, ainda, do Guisado. Tambem ontem me chegaram versos do C[ôrtes]-Rodrigues: “Odes

a Veja-se o texto 219 (Anexos, I), um «Extracto de carta para S[á]-C[arneiro]» de Fernando Pessoa, em que este reflecte sobre a «Rep[ublica] Ar[istocratica]».

proféticas,, que, por belas, — emtanto⁹ muito menos as senti do que a¹⁰ maioria dos seus versos.

Desculpe não prolongar esta carta mais. Mas o meu¹¹ terrível estado de espirito não mo permite¹², nesta onda de calor que, de mais a mais, hoje caiu sobre Paris. E oxalá não seja esta a ultima vez que eu lhe escreva daqui. Mil abraços — mil agradecimentos pela sua carta, tambem.

O seu

Mário de Sá - Carneiro

Saudades do Franco.

77

Paris da Guerra — Agosto de 1914.

Dia 6

Por agora isto só meu Querido Amigo:

Imediatamente após receber esta carta vai ao Correio geral e expede-me *em vale telegrafico* os 30.000 reis juntos. Isto pela impossibilidade¹ de se trocarem notas aqui. Ao mesmo tempo envia um telegrama anunciando o vale. Não deixe de fazer isto para meu sossego. Desconte — *mas desconte sem falta* —² o preço do telegrama e do vale. Zangar-me-hei se assim não o fizer. Mas vá já imediatamente enviar-me o vale telegrafico e o telegrama! Siga á risca as minhas instruções. Mil desculpas, mil agradecimentos — mil abraços. Logo [51³] devo escrever carta. Adeus! Fico em cuidado! Telegrafe imediatamente despacho e vale. Não sei se partirei.³ Por agora não

posso. Não ha nenhuns comboios. Mas prefiro ficar. Conto mesmo ficar, *malgré tout*. Abraços. Abraços!

O seu

Mário de Sá - Carneiro

78

CHOPE PARISIENNE
MAISON MUSSEAU
60, RUE DES ÉCOLES
SALLE DE RÉUNIONS

BOULEVARD GODELINS 40-19

PARIS, LE 6 Agosto 1914

Meu Querido Amigo,

Estou muito triste. Desoladora¹ e comovidamente triste. É uma tristeza de silencio, macerada a tons de platina — duma parte; e doutra: um arrepio de angustia, um não-querer apavorado. Se eu lhe disser que toda esta minha tristeza a motiva a guerra — talvez sorria você, e entretanto² é ela que, na verdade, a provoca pelas complicações horriveis que pode trazer á minha vida. Nem o meu amigo as calcula — nem eu lhas posso explicar. E não é tudo: é uma saudade, uma saudade tão grande e piedosa do meu Paris de Europa, atônito, apavorado e deserto. Sim, sem literatura, eu lamento as grandes lojas fechadas, os cafés apagados — todo o conforto perdido! Teatros, pequeninos quartos de hotéis, os salões dos grandes costureiros... Tanta pena, tanta pena...³ Eu sinto-me em verdade a amante pequenina dum rapaz loiro de vinte anos que partiu para a guerra e não voltou... Doutra forma não posso explicar porque a esta hora sinto uma tristeza de beijos que nunca dei... uma saudade de mãos que não enlaçaram, talvez, as minhas

qualquer dia — e assim terminarei [94ª] o volume. Ficaré com oito contos: “A Grande Sombra,, “O Fixador de Instantes,, “Misterio,, “Eu-Proprio o Outro,, “A Estranha Morte do Prof[essor] Antena,, “O Homem dos Sonhos,, “Asas,, “Ressurreição,,⁴. Será um volume de 300 paginas normais. (Quero mesmo escrever as “Asas,, neste volume por causa do “Alem,, e “Bailado,, ultra-pederasta assim o volume).^a

O Guisado escreveu-me um soneto “Portas Cerradas,,. Não lho copio porq[ue] a você o mandou decerto também. Soube outro dia algumas coisas sobre o Valerio^b por pessoa que o conhece muito bem e á família: o pai vende sementes, são Rôxos — e o Valerio [94ª] batia na irmã para ela lhe dar dinheiro. É ela mesmo quem quasi sempre o tem sustentado e á mulher. Houve tempo em que o Valerio dormia nas arcadas do Terreiro do Paço... Em todo o caso é^s isto mesmo que faz curiosa a sua personalidade.

Qualquer dia vou a Lisboa para cortar o cabelo. Avisa-lo-hei.

Dê saudades ao Victoriano⁶ e ao Pacheco. E escreva.

Saúdo-o⁷ em paülismo ∴  (planos mais ou menos interseccionados)

Adeus. Um grande, grande abraço
o seu

Mário de Sá-Carneiro

a Os textos «Bailado» e «Além» são integrados em *Céu em Fogo*, a seguir a «Asas».

b Sá-Carneiro clarifica no dia seguinte que é Borrecho; refere-se a Valério de Rajanto, ou Francisco Valério Borrecho de Almeida e Azevedo, actor, dramaturgo e encenador com quem Pessoa convivia, como se percebe pelas entradas do seu diário de 1913.

103

Camarate — Quinta da Vitória¹

Outubro 1914

Dia 7²

Não são Rôxos — são Borrechos — e o Valerio é Francisco
o seu

Mário de Sá-Carneiro

104

Camarate — Quinta da Vitória

Outubro 1914

Dia 8

Ora você sempre está um lepidoptero!¹... Porque é que em vez do postal me não enviou o n[umer]o da *Restauração*^a! Só com um livro do Julio Dantas^b na ideia do seu rosto!... E a *Aguia*, meu Querido Fernando Pessoa, que Alfredo Guimarães!^c Ai o L[eite] de Vasconcelos, poeta! [97ª] e a Cegueta (quero dizer: a mulher do Segredo) do poeta algarvio... Ora... ora... O Resto: Teofilo & Algebra... Nem o Parreira

a Saíra na primeira página d'*A Restauração*, de 5 de Outubro de 1914, sob o título «Paris e a Guerra», uma entrevista a Mário de Sá-Carneiro.

b Júlio Dantas (1876-1962), escritor multifacetado, médico, político e diplomata, figura de grande prestígio, à época foi alvo preferencial dos ataques dos artistas de *Orpheu*, nomeadamente no *Manifesto Anti-Dantas*, de Almada Negreiros.

c Alfredo Guimarães (1882-1958), poeta e crítico que publica na revista *A Águia*, embora não no número aqui mencionado — estabelecendo-se assim uma comparação. Publicara, em 1912, *A Borda d'Água*, com ilustrações de Raul Lino e Luciano Freire.

salva o numero^a. Bolas!... Então, a guerra?... Bem... bem...² Adeus... Até qualquer dia Lisboa. Avisarei. Sabe o Zagoriansky queria afinal uma arte em que a gravidade³ não tivesse acção: "Esforço-me para que nos meus poemas — nas suas palavras⁴, [97^a] sobre as suas ideias, a gravidade não tenha acção..."^b E ha de sonhar na gloria de libertar o verbo Ser... Nós!... Um grande, grande abraço do seu muito amigo e certo

o
Mário de Sá-Carneiro

O Guisado fala-me na carta a que ontem me referi, dum poeta Caeiro ou o que é que diz mal da gente e encontrou entre galegos. Se calhar é mais [97^a] um lepidoptero⁵ e provinciano!^c

Mais saudades,⁶

o
Sá-Carneiro

a Sá-Carneiro satiriza o conteúdo da revista *A Águia*, n.º 33, de Setembro de 1914, que publicava «Á Vista da Torre de Lapela (no Alto Minho)», de Leite de Vasconcelos; «A Mulher Que Tinha Um Segredo», de João Lúcio, o «poeta algarvio»; «Lithanias dum Isolado», de Carlos Parreira; «As Grandes Épocas Sociais Têm por Síntese Uma Epopeia» de Teófilo Braga; e «Continuidade Geométrica e Continuidade Algébrica», de Augusto Martins.

b Petrus Ivanowitch Zagoriansky, protagonista de «Asas», de *Céu em Fogo*.

c Veja-se esta passagem de uma carta de 4 de Outubro de 1914 de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues: «Duas notas curiosas e engraçadas, ambas com respeito ao mesmo assunto: Há dias passava eu de carro na Avenida Almirante Reis. Levanto os olhos por acaso, leio no cabeçalho de uma loja: *Farmácia A. Caeiro*. A outra é melhor. Como a única pessoa que podia suspeitar, ou, melhor, vir a suspeitar, a verdade do caso Caeiro era o Ferro, eu combinei com o Guisado que êle dissesse aqui, como que casualmente, em ocasião em que estivesse presente o Ferro, que tinha encontrado na Galiza 'um tal Caeiro, que me foi apresentado como poeta, mas com quem não tive tempo de falar', ou uma cousa assim, vaga, neste género. O Guisado encontrou o Ferro acompanhado de um amigo, caixeiro-viajante, aliás. E começou a falar no Caeiro como tendo-lhe sido apresentado, e tendo trocado duas palavras apenas com êle. 'Se calhar é qualquer lepidóptero' disse

Até agora não vi entrevista. Julga que em Camarate há Monacos?
Ultima hora:

Inesperadamente vou hoje a Lisboa. Mas decerto que não terei a sorte de o encontrar! *Hélas!*...

105

Camarate — Quinta da Vitória¹

Outubro de 1914

Dia 17

Se não chover, meu querido Amigo, estarei depois de amanhã, segunda-feira 19, no Martinho, á tarde, entre as 3 horas e as 3¹/₂. Em ponto. Ficar-lhe-hia muito, muito grato se aparecesse. Mil saudades e abraços do seu

Mário de Sá-Carneiro

o Ferro. 'Nunca ouvi falar nêle...' E, de repente, soa, inesperada, a voz do caixeiro-viajante: '*Eu já ouvi falar nesse poeta, e até me parece que já li algures uns versos dêle*'. Hein? Para o caso de tirar tôdas as possíveis suspeitas futuras ao Ferro não se podia exigir melhor. O Guisado ia ficando doente de riso reprimido, mas conseguiu continuar a ouvir. E não voltou ao assunto, visto o caixeiro-viajante ter feito tudo o que era necessário» (Pessoa, 2009, pp. 351-352).

a Sá-Carneiro volta a referir-se à entrevista dada ao jornal *A Restauração*, a que não tivera ainda acesso; na Tabacaria Mónaco, em Lisboa, comprava habitualmente as publicações portuguesas e parisienses.

Anseamos falar-lhe. *Contemporanea*^a, ² *Ceu em Fôgo*³ (no prelo!!!)^b, e maravilhosos sonetos (do Gui[sado]).⁴ Amanhã noute procura-lo- -hei Guisado que sei lhe enviar postal.⁵ Bem! Imenso⁶ a falar-lhe. Marchetado e Roxo. Adeus.⁷ E não falte ao Guisado. Imploro-lhe. Abraços

o seu seu

Mário de Sá-Carneiro

117

Lisboa — Jan[eiro] de 1915
Dia 19.

Mas você desculpa, não é verdade?... Sabe, é que tenho amanhã provas! Se lhe fosse possível aparecer á noite no Jansen^c (10 horas)², ficava-lhe m[ui]to grato. Mas só se lhe fôr possível. Emfim... O Pacheco também estará, creio. E o programa^d? Então adeus até amanhã (20). Se não puder era favor avisar ou pelo telefone, ou por mão

a Da revista *Contemporânea* é publicado um «numero specimen» em Abril de 1915, com direcção artística de José Pacheco, como atrás se referiu, e direcção literária de João Correia de Oliveira. José Pacheco retomará o projecto, dirigindo a *Contemporânea* entre 1922 e 1926. Se no «numero specimen», de entre os colaboradores de *Orpheu*, apenas participam Almada Negreiros e o próprio José Pacheco, já de 1922 a 1926 essa colaboração é ampla.

b *Ceu em Fogo* é publicado pela Livraria Brasileira de Monteiro & C.¹⁸ (Rua Áurea, 190-192 Lisboa), em Abril de 1915, e vendido por «70 centavos».

c A Cervejaria Jansen, bastante popular à época, com entrada pela Rua António Maria Cardoso, n.º 30.

d Possivelmente o programa da *Contemporânea*, incluído num folheto promocional anónimo redigido por Fernando Pessoa. Ver duas listas de textos publicados em jornais e revistas em *Sensacionismo e Outros Ismos* (Pessoa, 2009, pp. 276 [48G-29] e 217 [144X-48]).

propria no hotel³ (42 r. Assunção) Aliança-Hotel^a recomendando p[ar]a me transmitirem o recado.

O seu

Mário de Sá-Carneiro

118

Lisboa — Janeiro 1915
Dia 20

Bem. M[ui]to obrigado. Possível q[ue] amanhã surja Jansen. O Pacheco estará certamente. Amanhã não tenho provas. As de hoje vi-as com o D. Tomás que m[ui]to se lhe recomenda. Adeus. Agradeço o seu aviso.

O seu m[ui]to amigo e grato

Mário de Sá-Carneiro

119

Lisboa — Janeiro 1915
Dia 29.

Pedia-lhe muito meu querido Fernando Pessoa (e o Alfredo Guisado também muito lhe roga) para aparecer amanhã sábado á noite

a Após o regresso de Paris e a estada na Quinta da Vitória, Sá-Carneiro instala-se neste hotel e não na casa do pai, onde se encontrava a futura esposa deste, Maria Cardoso Peixoto.

no restaurante dos Irmãos Unidos^a. Eu tinha muito que lhe falar. Pedia-lhe pois intensamente para que aparecesse sem falta. É claro, exceptuando o caso de ser pesado sacrificio. Por mim conto aparecer ás 10^{1/2}. Até amanhã então, não é verdade?

Um grande abraço do seu

M. de Sá - Carneiro

Não se esqueça.^b

~~Alfredo Guisado~~

120

[Fevereiro de 1915 — carta]

Você, meu querido Pessoa deixar-me-ha estas provas amanhã no Martinho logo que possa, de manhã — (a não ser que lhe seja impossível)¹. Olhe, quando vai [59] p[ar]a o escritorio. Ou então — seria ótimo² — entre a 1 e as 2^{1/2} — horas a que lá estarei. Gostava muito. Adeus,

o

M. de Sá - Carneiro

Saudades ao Guisado — ao Alfredo.

a Restaurante da família Guisado; segundo Côrtes-Rodrigues: «Naquele tempo, um grupo de amigos reunia-se quase todas as noites no restaurante Irmãos Unidos, no Rossio: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Santa-Rita Pintor, José Pacheco, Luís de Montalvor, Alfredo Guisado, Almada Negreiros e eu.» Após uma invasão do restaurante com o objectivo de «linchar todos 'os malucos de Orpheu'», de que os perpetradores desistem por só encontrarem Guisado, o grupo decide reunir-se no Café Montanha. Veja-se a exposição «Nós, os de Orpheu», fruto de uma parceria entre a Casa Fernando Pessoa e o Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

b Este breve *post scriptum* é escrito e assinado por Alfredo Guisado.

121

Lisboa, Fevereiro 1915

Dia 4

Meu Querido amigo, venho-lhe rogar o favor de — mesmo com muito sacrificio — dar-me amanhã 6.^a feira (5) meia hora para uma ultima révisão ás ultimas páginas¹ da “Grande Sombra”,² as quais — como compreende — me dariam um grande [6^o] desgosto se ficassem gralhadas. Tenho mesmo varias duvidas que precisava muito discutir consigo. Espero-o a estas duas horas: da 1 ás 2^{1/2} no Martinho³ — e depois, á tarde, das 5^{1/2} ás [6^a] 6^{1/2} na Brazileira do Chiado. Repito-lhe: Mesmo com sacrificio peço-lhe muito que não me falte. Se, em todo o caso lhe fôr impossivel de todo em todo aparecer a estas horas, rogo-lhe que me [6^a] avise, telefonicamente, a hora e o local a que me pode atender p[ar]a o n^o 2287 (Praça dos Restauradores) — das 2^{1/2} horas em diante — ou para o Aliança-Hotel até ás 11^{1/2} manhã⁴. Bem entendido preciso estar consigo á tarde ou de manhã pois as provas devem ficar entregues ás 6^{1/2} de amanhã na tipografia. Por amor de Deus, não falte. É mais um grande favor que lhe deverá

o seu, m[ui]to seu

Mário de Sá - Carneiro

P.S. — Podendo⁵ aparecer no Martinho ou Brazileira é escusado⁶ telefonar pois, mesmo se o não esperasse, lá estaria.⁷

Lisboa — Março 1915
Dia 26^a

Meu Querido Amigo,

Não sei porquê você hoje descarrilou! E fez-me um grande transtorno! O Ramos levá-lo-ia¹ para o Incerto? Tinha que ser! Hoje desde manhã o dia me correu pessimamente². Começou por um tostão falso — acabou por a sua falta! Homem — raios o partam!... Que aborrecimento! Mas suplico-lhe que esteja amanhã às 10^{3/4} — 11 horas no mesmíssimo Montanha. A Duda^b vai no princípio³ e eu venho-me logo embora do teatro! Pelo amor de Deus não falte. Tenho provas!^c Mas por amor de Deus!... Amanhã sabado 27 no “Montanha” entre as 10^{3/4} e as 11.⁴ O seu muito amigo e grato-irmão-em-mistério,⁵

O
Mário Sá-Carneiro

Para onde raio teria você ido?...⁶ α φ ω γ⁷

Não falte amanhã!...

“conhecido poeta” = castigo de ter faltado hoje!...⁸

a Pessoa anota num horóscopo: «'Orpheu' | 26 Março 1915 às 7 p.m. | 1.º numero vendido | Rome: 7.12.34» (Pessoa, 2009, p. 37). Noutro documento assinala: «26 — Até as 7 horas tinham-se vendido 17 exemplares» (Pessoa, 2009, p. 38).

b O original desta carta não se encontra no espólio pessoano, recorrendo-se por isso à transcrição dactilografada nele existente. A ser «Duda» a palavra original, poderá tratar-se de facto de uma «atriz de teatro», como afirma Manuela Parreira da Silva (Sá-Carneiro, 2001, p. 314). Parece-nos contudo de se considerar a hipótese de que o original fizesse uma referência à ópera *Aida*, que se representava neste dia no Eden Theatro, às 21 horas, o que permitiria a Sá-Carneiro sair «no princípio» e chegar no horário proposto para o encontro.

c Seguramente provas de *Céu em Fogo*.

Lisboa — Abril 1915
Dia 4, Domingo de Pascoa.¹

Meu Querido Amigo,²

Rogo-lhe encarecidamente que amanhã em vez de estar no Jansen às 10¹ horas esteja às 8^{1/2} — isto é: entre as 8^{1/2} e as 9. Por mim estarei lá às 8^{1/2} em ponto. É para vermos antes provas. Amanhã devo ter imensas. Peço-lhe m[ui]to que não falte.³

O⁴ seu m[ui]to ad[mirador] e amigo e agradecido

Mário Sá-Carneiro

(com mil desculpas)

9 maio 1915

Rogo-lhe muito que se não esqueça — sobretudo de copiar os versos do A[ngelo] de Lima.¹ Não se esqueça! Um grande abraço. O seu

Sá-Carneiro

Deixe-me os versos do Angelo no hotel², o mais tardar 3.^a feira³. (Amanhã seria o ideal). Não se esqueça! E até 4.^a feira á noite, no Guisado!



a Após a recepção de *Orpheu* 1 como uma «litteratura de manicómio» (*A Capital*, 30 de Março de 1915) e a rejeição generalizada dos seus autores, Ângelo de Lima (1872-1921), então internado no Hospital de Rilhafoles, é convidado pela direcção da revista a fazer parte do seu segundo número.

Lisboa — Junho 1915
Dia 13.

Escrevi-lhe hoje á tarde' meu querido Fernando Pessoa e torno-o a fazer a informa-lo de que a mim me é afinal completamente impossível ir amanhã á noite ao Jansen. Você faça o que quiser. *Mas é melhor ir por causa do Pacheco.* Peço-lhe mesmo que vá e até² que "me represente,,... Adeus. Um grande abraço do seu

M. de Sá-Carneiro

Deixo-lhe Provas á tarde no Guisado.³



Lisboa — Junho 1915
Dia 21'

Eu não percebo o Guisado. Hoje não estava. Outro dia tinha somno... Falarei com você a este respeito, e começo a dar sorte. Escrevo-lhe, de resto, meu querido Fernando Pessoa a rogar-lhe com a maior instancia que esteja amanhã 3^a feira ás 7 horas da tarde, sem falta no Martinho. É por causa do *Orfeu*^a. Inadiavel o assunto. Rogo-lhe por

a Sá-Carneiro escreverá sempre com um «f» o nome da revista central do modernismo português, cujo primeiro número, como dissemos, é posto à venda a 26 de Março de 1915. O segundo número é vendido a partir de finais de Junho; a 28, *A Capital* publica «Artistas de Rilhafolles | Outro numero do 'Orpheu' | Sá-Carneiro, poeta catholico e monarchico — Uma 'Ode maritima' escandalosa».

isso [17^a] que não deixe de aparecer! Até amanhã pois, ás 7 h. [da] t[arde] no Martinho! Adeus. Um grande abraço do seu

Sá-Carneiro

(de "Orfeu,,)

RESTAURANTE DA ESTAÇÃO DA PAMPILHOSA

Proprietario

Francisco da Cruz



Pampilhosa — Julho 1915
Dia 11^a

Meu Querido Amigo,

Aqui vou sem novidade. Rogo-lhe m[ui]to que se não esqueça de deitar as duas cartas no correio e de entregar na 2^a feira a outra ao Herrmann^b (Calçada do Lavra). Era favor tambem passar no hotel. Tinha-me esquecido de lhe dizer que o estabelecimento' do

a A edição da poesia de Álvaro de Campos das Edições Ática inclui o seguinte poema: «O ter deveres, que prolixa coisa! | Agora tenho eu que estar à uma menos cinco | Na Estação do Rossio, tableiro superior — despedida | Do amigo que vai no 'Sud Express' de toda a gente | Para onde toda a gente vai, o Paris... || Tenho que lá estar | E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande | Que, se o 'Sud Express' soubesse, descarrilava... || Brincadeira de crianças? | Não, descarrilava a valer... | Que leve a minha vida dentro, arre, quando descarrile!... || Tenho desejo forte, | E o meu desejo, porque é forte, entra na substância do mundo.» Este é o único testemunho conhecido do texto, que, a ser de facto de Álvaro de Campos, e a ter sido pensado a partir de uma viagem de Mário de Sá-Carneiro, teria sido escrito a propósito desta data, a única despedida a que o heterónimo poderia ter «assistido» (Pessoa, 1944, p. 123).

b Auxiliava a família nas transferências de dinheiro entre Lisboa, Paris e Lourenço Marques.



14 Julho 1915 S[an] S[ebastian]

Muitos abraços
do

Mário de Sá Carneiro

[POSTAL DO DIA SEGUINTE AO AVÔ, A JOSÉ PAULINO DE SÁ CARNEIRO]

136

CONTINENTAL PALACE

SAN SEBASTIAN

13 Julho 1915

Meu Querido Amigo

S[an] Sebastián¹ ainda que espanhol — plena Europa. Isto sim. Barcelona é que nunca. Tudo resolvido. Sem nenhuma dificuldade obtido o passaporte [24^a] que o ministro lepidoptero² de Lx^a negara! Você não se esqueceu das cartas? Que sarilhos!... Sigo amanhã Paris às 15.55.

[24^a] Não tenho mais nada para lhe dizer. Informe amigos a quem só mandarei postais que segui Paris. Se os encontrar...³ Mandei dois [24^a] postais ao engenheiro — e um p[ar]a Você. Escreva Brevemente Paris posta restante. Talvez telegrafe endereço. Diga o que ha Orfeu. Se mais artigos etc. *Endereço de Paris — absolutamente reservado*, menos Pacheco e Victoriano⁴ e Livraria (Augusto^a).

Grandes abraços⁵ do seu

Mário de Sá Carneiro

137

Paris — Julho 1915

Dia 16

Meu Querido Amigo,

Peço-lhe muita atenção para esta carta — que de resto não vai ter nenhuma importancia nem dar-lhe nenhuma maçada. Sossegue

^a Mencionado frequentemente doravante, Augusto era um funcionário da Livraria Brasileira, de Monteiro e C.^{ia}, sita na Rua do Ouro, 190-192.

por consequencia. Em primeiro lugar: do que se possa ter aí passado com respeito a questões da minha vida particular, comunico-lhe que não quero saber coisa nenhuma, tenha havido o que houver¹. Suplico-lhe como um dos maiores obsequios que se porventura sabe alguma coisa a esse respeito, se o fôram mesmo procurar — o que é muito natural — etc. me não diga nada, nem faça de longe referencias. [26^o] É pelo sossego do meu espirito que lhe suplico este favor encarecidamente. Você bem compreenderá o que êle para mim representa. Não quero saber nada, absolutamente nada. E peço-lhe que não se refira sequer nas suas cartas a estas minhas linhas. Faça como se nenhuma destas trapalhadas tivesse existido. Fale-me só de si, de questões literarias, do *Orfeu* etc! Compreende bem, não é verdade? Por mim creio de resto as coisas a razoavel caminho e estou tranquilo no momento em que lhe escrevo. Escrevi hontem uma longa e importantissima carta ao meu Pai. Antes de receber a resposta a essa carta não sairei de Paris nem communicarei o meu endereço a ninguem. Nem mesmo a você. Perdõe-me. [27^o] Mas é capital p[ar]a a minha vida que ninguem, absolutamente ninguem saiba aonde eu móro em Paris antes do meu Pai receber a minha carta e me responder. Até lá tenho dinheiro. O endereço mesmo que lhe vou pôr no fim da carta é absolutamente confidencial e só a você por emquanto o comunico. Isto porque não quero receber cartas desnecessarias e que só me viriam² incomodar. Não irei mesmo á Posta Restante³, central,⁴ perguntar por elas. Em nome da sua amizade lhe rogo por consequencia que oculte mesmo a todos o endereço que lhe vou dar. Aos outros dirá que eu me esqueci de lhe mandar o endereço. Enviar-lhe-hei⁵ amanhã o postal q[ue] em tempos combinámos. Ao Pacheco e ao Victoriano⁶, [27^o] se me quiserem escrever, encarregue-se você de sobrescritar as cartas — mas evite⁷ o mais possivel de lhes⁸ dizer o endereço que lhe vou dar — muito especialmente ao Victoriano. Juro-lhe que nada de importante ha sobre tudo isto. Trata-se apenas de ganhar Paris, de lutar pela

minha vida — e do meu sossego de espirito. Outro assunto importantissimo: Escrevi⁹ hoje ao Augusto (da Livraria) p[ar]a — como de resto combinamos — êle¹⁰ promover a venda do *Ceu em Fôgo* até ao fim deste mês de forma que eu receba a importancia sem falta até 8 de agosto. Vá falar com êle neste sentido daqui a um ou dois dias¹¹, e veja o que êle responde. Mas isso sem falta. Pergunte-lhe tambem, [28^o] em meu nome como vai a venda do *Orfeu*. Diga-lhe que, se quiser, pode vender os *Ceus em Fôgo imediatamente*. Cinco exemplares em bom estado guarde-os para mim. Não se esqueça de lhe dizer isto — porque eu esqueci-me de lho dizer na minha carta. Informe-me de quando o negocio será feito. Tornarei a escrever ao Augusto a dizer-lhe que compre um cheque — que você sobrescritará p[ar]a mim em carta registada. Sobre a primeira parte desta carta — mesmo sobre toda esta carta — suplico-lhe o maior sigilo¹². Conto dever-lhe todos estes obsequios. Breve escreverei uma longa carta sobre Paris que está emocionante á noite. [28^o] Responda na volta do correio segundo as minhas instruções. Pode afinal ir procurar o Augusto no mesmo dia em que receber esta carta. Fico ansioso pela sua resposta. Escreva imediatamente. Mil agradecimentos e perdões. Um grande abraço de toda a alma do seu

Mário de Sá-Carneiro

Escreva para
Poste restante
Bureau n.º 8 Boulevard des Italiens
Paris (sublinho "Italiens,,)

De novo lhe suplico que cumpra á risca tudo quanto lhe peço. Dou-lhe uma grande importancia.

Fale m[ui]to do *Orfeu* noticias etc.¹³

AVISO Importante!

esta carta saiu,
literariamente,
muito lepidoptera¹.

Lisboa^a — julho 1915
Dia 17

Meu Querido Amigo,

Venho lembrar-lhe tudo quanto lhe disse na minha carta de ontem², recomendar-lhe muito que se não esqueça de passar na livraria p[ar]a falar sobre o *Ceu em Fôgo* afim de eu saber de certeza se posso contar com o dinheiro dessa venda até 8 de agosto efectivamente. Rogo-lhe tambem que me escreva com a maior brevidade uma das suas cartas-relatorio³ falando-me sobretudo do *Orfeu* — e outras tricas literarias. O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa?⁴ Etc. etc. E é verdade o Afonso Costa afinal morreu ou não? Em San Sebastián⁵ chegou um jornal a dedicar [30^o] o seu artigo de fundo ao grande estadista morto. Todos os jornais espanhoes — e os franceses — noticiaram com efeito a morte do tribuno no dia 14. Mas já li aqui no *Matin* ou no *Journal* (só num deles) um desmentido. Logo... Preocupei-me de resto com a morte⁶ do Afonso pela sua Vida, meu caro Fernando Alvaro Pessoa de Campos.^b

a Sá-Carneiro comete obviamente um lapso, no original, escrevendo *Lisboa* em vez de *Paris*.

b A 22 de Fevereiro de 1915, no Porto, Afonso Costa escapa ileso de um atentado a tiro. A 3 de Julho, em Lisboa, pensando estar em curso novo atentado contra si, Afonso Costa salta de um carro eléctrico em andamento e fica em estado grave. Três dias depois, no jornal *A Capital*, numa frase de ressonâncias futuristas citada pelo jornal, Álvaro de Campos fala de «uma hora tão deliciosamente mecânica em que a propria Providência Divina se serve dos carros electricos para os seus altos ensinamentos» (p. 1). A condenação pública dos autores de *Orpheu* é imediata e leva a que praticamente todos, incluindo Sá-Carneiro, rapidamente se demarquem dessas afirmações, passando «Fernando Alvaro Pessoa de Campos», como diz Sá-Carneiro, a ser o foco das atenções, o que justificaria a preocupação aqui expressa. Raul Leal (1886-1964), cuja «Atelier | Novela Vertigica» fora publicada poucos dias antes em *Orpheu*, distribui nos cafés da Baixa e num comboio da linha

Paris, então. Ah! uma gloria. Outra gloria — outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita⁷ de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma — mas em febre amortecida. Dir-se-hia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da “corda,, que faz mover, em relojoaria, [30^a] Paris inteiro. Juro-lhe que desde o proprio barulho dos automoveis deslizando nas ruas — e as suas buzinas — até aos timbres electricos, chamarizes dos animatografos e mais baiucas, tudo se atenuou⁸, esmaeceu, velou, diluiu — mas permaneceu em encanto — mais penetrante hoje por subtilizado, imponderalizado, cendrado — mas simultaneamente febrilizado em novas crispações. Não sei explicar-lhe o que quizera. Mas em fim, suponha isto — tal e qual: uma grande cidade, as cidades da minha ansia e dos meus livros — rutilas de Europa, largas, pejudadas de transito e movimentos — *rendez-vous* cosmopolitas⁹, farfalhantes de acção. Pois bem: suponha que assim como o guarda freio dum eléctrico, o *chauffeur* ao volante dum automovel podem [30^a] acelerar¹⁰ ou diminuir a velocidade do seu vehiculo — e como tambem uma torneira permite que aumentemos o jorro dum repuxo a meio dum lago — seria licito por qualquer mecanismo de sonho fazer o mesmo a toda a actividade multipla e diversa da Grande Capital. Sim suponha isso possivel. Suponha-se fechando-abrindo¹¹ esse regulador. E aqui tem¹² a mudança toda de Paris — tão real, mas tão enigmatica e perturbadora na sua realidade diminuida. Pois em resumo assim é: Paris, diminuido em grandeza, desconhecidamente ungiu-se de oculto, diluiu-se em incerto. Tanto maior o seu quebranto — que se estilisa em mágica intensidade, á noite — vincadamente. Lembra-se do [31^o] “Homem dos Sonhos,,¹³, o meu conto? Pois hoje

de Cascais, no dia da queda de Afonso Costa, o panfleto «O Bando Sinistro», a que parece aludir a pergunta de Sá-Carneiro («O Leal circula ainda?»).

Paris, á noite — é a cidade que êle viajava¹⁴ em sonhos: ela propria: na treva impenetravel, toda a vida. E rasgam-se os *boulevards*, em verdade, numa ideia só ascendente — e deslisa a vida¹⁵: rolam os automoveis, os trens — desliza¹⁶ nos largos passeios de asfalto citadino a multidão dos transeuntes¹⁷. E com efeito tambem todo este silencio se reúne em musica: não realmente em musica mas na ideia de uma melodia impossivel que não se ouvisse, e fosse apenas um bafo: um halito inconstante, perfumado em espasmo — que nós aspirassemos como se o ouvíssemos em [31^v] harmonia. Com efeito no medo futurista dos grandes dirigiveis imperiaes e agudos — só raros, rarissimos candeeiros de gaz são acesos. A ponto que é difficil tranzi-tar¹⁸, ir com muita cautela no perigo até de entropçar. Fulguram a apoteotisar todo o ambiente velado, se não ha nuvens, as estrelas que se diriam de papel prateado sobre uma toga negra de magica nos teatros de milionarios. E a multidão deslisa¹⁹. Deve haver beijos nos recantos — e estiletos porventura se cruzarão²⁰ remotamente nas esquinas mais solitarias. Emfim, é o misterio emprestado a todas as coisas — a cidade [31^a] toda vivendo nas trevas impenetraveis. E mais se frisa então a impressão de incredulo, de duvidoso e fugitivo, num Calafrio remoto e intranquilo²¹ que mais nimba arrepiando-as²² as sensações diluidas, de excitação²³ agora — esquivamente. Dir-se-hia uma cidade furtiva, em suma, meu querido amigo: uma cidade fóra do espaço e do tempo: existindo ás escuras — colonia astral, talvez de criminosos... Não sei. Mas todas estas bizarras intersecionistas me impressiona Paris de hoje²⁴. Perdôe toda esta pessima literatura. Sabe? São apenas fugitivos apontamentos: até esboços de apontamentos — para [31^v] algumas paginas que presumivel e futuramente escreverei. Uma cronica. Mas uma cronica paúllica²⁵. É verdade: e se eu desenvolvesse tudo isto e o ajustasse p[ar]a o n° 3 do *Orfeu*? Como cronica, evidentemente. Que se lhe afigura que eu posso tirar daqui? Qualquer coisa interessante?²⁶ Diga. E não se fie só no que lhe digo. Ha muitos outros vertices. Escreva. Por amor de

Deus. E não se esqueça das minhas incumbencias e de me contar o que lhe disser o Augusto. Um grande abraço e um grande adeus.

O seu, m[ui]to seu

Mário de Sá Carneiro

Poste Restante
Bureau des Italiens
Paris

139

Paris Julho 1915¹

De Paris que está soberbo² lhe mando por consequencia mil saudades, meu caro Fernando Pessoa. Olhe, agora não tenho tempo p[ar]a mais. Mas você escreva! Homem, escreva já! Adeus. Um grande abraço.

O seu, m[ui]to seu

Mário de Sá Carneiro

140

Paris — Julho 1915
Dia 22

Sempre bem, meu querido Amigo. Breve lhe escreverei uma grande carta — não o fazendo antes de receber noticias suas o que calculo aconteça 2.ª ou 3.ª feira proximas. Escrevi hoje ao Augusto um postal rogando-lhe que não se esquecesse de vender os *Céus em Fôgo*¹ até

ao fim do mês²: isto é: o mais depressa possível³. Rogo que passe na livraria e fale com êle⁴ a este respeito. É assunto da maior importância p[ar]a mim que recomendo *á sua amizade*. Na minha carta lhe direi⁵ como me hão de enviar o dinheiro. O importante é realisar o dinheiro quanto antes — p[ar]a mo enviarem logo que eu o diga. Peço-lhe p[ar]a comunicar isto ao Augusto — juntando reserva sobre a transação e sobre, emfim⁶, tudo quanto eu a você ou a êle diga daqui. Estou ansioso pelas suas noticias. Informe-me do *Orfeu* e da venda do mesmo. Adeus até breve. *Não se esqueça de mim*. Conto consigo. Um grande abraço de toda a alma.

O seu m[ui]to seu

Mário de Sá-Carneiro

141

CAFÉ RICHE

TÉLÉPHONE GUTENBERG 68 32
2 LIGNES / CENTRAL 86 29

Paris — Julho 1915
Dia 26

Meu Querido Amigo,

Ainda uma carta de negócios¹ — e apelo para toda a sua amizade a fim² de me satisfazer o que lhe vou suplicar — não se assuste: não é nada complicado: apenas lhe rogo vivamente que não deixe de fazer *no proprio*³ dia em que receber esta carta aquilo que vou dizer. Escrevi hoje ao Augusto para êle me informar por *telegrama* se me pode

enviar o dinheiro da venda dos *Ceus em Fôgo* (ou outro qualquer) de forma que eu o receba *impreterivelmente*⁴ até 12 de Agosto o mais *tardar*⁵. Você compreende bem a importancia que isto tem para mim: se por qualquer motivo a transação dos *Ceus em Fôgo*⁶ não pudesse ter sido feita e não houvesse nenhum saldo a meu favor na Livraria — precisava de arranjar dinheiro por outro lado. Assim suplico-lhe meu querido Fernando Pessoa que assim que receba esta carta vá imediatamente á Livraria⁸ falar ao Augusto, [35a] para saber o que ha — e recomendar-lhe que não deixe de fazer o que na carta que hoje lhe dirijo lhe rogo: isto é: *telegrafar-me imediatamente* se posso ou não contar com o dinheiro até á data indicada. Você que me conhece bem, sabe como a incerteza — e especialmente a incerteza nestas coisas — me é um suplicio. Assim,⁹ como o maior obsequio, em nome de tudo quanto lhe mereço, lhe suplico que faça de maneira que eu não deixe de ter uma resposta *telegrafica* no mesmo dia em que esta carta chegar a Lisboa. É o maior favor que até hoje lhe tenho rogado — e espero assim que, por modo algum, você mo deixe de prestar. Na carta ao Augusto mandei mesmo os textos em francês dos telegramas para as diversas hipoteses. Entretanto, se outra coisa qualquer de importante houver a dizer você redija o telegrama. *Emfim deixo tudo isto ao seu cuidado*. Suplico-lhe [35a] tambem que me escreva uma carta informando-me do que tenha acontecido em volta do *Orfeu* — e a sua venda, etc. Peça na livraria os n^{os} 2 do *Orfeu* que você quiser — contando que o Santa-Rita¹⁰ tambem ha de querer exemplares. Rogo-lhe que por enquanto *garde p[ar]a si* o endereço que lhe vou comunicar:

Hotel de Nice
29 rue Victor Massé.^a

^a Em carta ao pai de 3 de Novembro de 1915, Sá-Carneiro explica que Carlos Franco vivera muito tempo neste hotel e que fora por esse mesmo motivo que o escolhera. É neste hotel que Sá-Carneiro comete suicídio a 26 de Abril de 1916.

Repare bem em tudo quanto lhe suplico e é para mim *duma importância capital*. E em ultimo caso — para prevenir todas as hipoteses — você mesmo me telegrafaria e se, por ventura, não tivesse consigo a importancia p[ar]a o telegrama pedia-a em *meu nome* ao Victoriano¹¹ Braga ou ao José Pacheco. Mas este caso decerto se não dará. Seja como fôr sempre hei de ter na livraria saldo que chegue para o telegrama. Mas é para prevenir todas as hipoteses. Por amor de Deus, [35^v] meu querido Fernando Pessoa, não deixe de fazer *no proprio dia em que receber esta carta* o que lhe suplico tão vivamente. Em nome da nossa amizade: *que me telegrafem imediatamente se posso ou não contar com o dinheiro*. Fico ansioso. E não deixe tambem de me enviar uma carta circunstanciada na volta do correio. Hoje fui ao *bureau* dos Italianos mas não encontrei ainda carta sua. E já havia tempo p[ar]a a resposta. Emfim meu querido Amigo, peço-lhe que me perdôe todos estes incomodos — e mais uma vez lhe suplico a maxima atenção p[ar]a quanto lhe rogo. Vá imediatamente á¹² Livraria! Que não me deixem de telegrafar. Veja bem a importancia que isto tem p[ar]a mim.

Mando-lhe junto uma poesia. Não sei bem o que é. *Diga a sua opinião* — não se esqueça. Breve escreverei uma carta “psicologica,.. Estou ansioso por receber um dos seus “relatórios,,¹³! Reserve por emquanto o meu endereço — que, alem de a você, só comuniquéi ao Augusto. Um grande abraço de toda a Alma.

o seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

Conto consigo!

29 rue Victor Massé
Paris — 9^{ème}

[39^v]

— Escala —

Oh! regressar a mim profundamente
E ser o que já fui no meu delirio...
— Vá, que se abra de novo o grande lirio,
Tombem miósotis¹⁴ em cristal e Oriente.

Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Eia! que empunhe como outróra a lança
E a espada d’Astros — illusória e nua.

Rompa a fanfarra atrás do funeral!
Que se abra o pôço de marfim e jade!
— Vamos! é tempo de partir a Grade!
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes:
A chuva, o vento, o sol — e eu, A Estátua!
Que me nimbe de novo a aureola fátua —
Tirâno medieval d’Oiros distantes.

[39^v]

E o Principe¹⁵ sonambulo do Sul,
O Doge de Venezas escondidas,
O chaveiro das Tôrres poluidas,
O mitico Rajah de Indias de tule —

Me erga imperial, em pasmo e arrogancia,
Toldado de luar — scintil de arfejos:
Imaginario de carmim e beijos,
Pierrot de fôgo a cabriolar Distancia¹⁶...

Num entardecer a esfinges d'ouro e mágoa,
Que se prolongue o Cais de me scismar —
Que ressurja o terraço á beira-mar
De me iludir em Rei de Persias d'agua.

É tempo ainda de realçar-me a espelhos,
Travar misterios, influir Destaque?⁷.
Vamos! por terra os reposteiros velhos —
Novos brocados para o novo ataque!

[39a'] Torne-se a abrir o Harem em festival,
(Harem de gaze — e as odaliscas, sêda)...
Que se embandeire em mim o arraial,
Haja bailes de Mim pela alamêda!

Rufem tambores, colem-se os cartazes!
Gire a tombola, o *carroussel* comece!
Vou de novo lançar-me na *kermesse*:
— Saltimbanco! que a feira toda arrazes!...

Eh-lá! Mistura os sons com os perfumes,
Disparata de Côr, guincha de luz!
Amontôa no palco os corpos nus —
Tudo alvoroça em malabares de lumes!

Recama-te de Anil e destempero,
Tem coragem — em mira o grande salto!
Ascende! Tomba! Que te importa? Falto
Eu, acaso?... — Animo! Lá te espero.

[39a'] Que nada mais te importe. Ah! segue em frente,
Ó meu Rei-lua, o teu destino dubio:

E sê o timbre, sê o oiro, o efluvio,
O arco, a zona — o Sinal¹⁸ de Oriente!

Mário de Sá-Carneiro

Paris — julho de 1915

N. B. — Escrevo aqui de novo o ultimo verso p[ar]a o caso de você
não compreender por ir borrado:

“O arco, a zona — o Sinal de Oriente!,,

142

Paris — Julho 1915
Dia 27

Meu Querido Amigo,

Venho mais uma vez chamar-lhe a atenção p[ar]a a importancia da minha carta de ontem — suplicando-lhe assim que não deixe de fazer o que nela lhe rogo: ir á livraria e fazer com q[ue] me telegrame se posso contar com o dinheiro da venda do *Ceu em Fôgo*, até 12 Agosto *impreterivelmente*. Suplico-lhe tambem que não me deixe de escrever uma grande carta á sua maneira antiga falando do *Orfeu* etc. Diga-me, não se esqueça, se sabe alguma coisa duma próxima vinda do José Pacheco até aqui.

Sem mais renovando todas as minhas súplicas² e agradecimentos,
o seu

Mário de Sá-Carneiro



êle aí já não vai. Esperando de V. Ex.^{as} este inestimavel obsequio e rogando mil desculpas — sou de V. Ex.^{as}

o servidor m[ui]to grato

Mário de Sá-Carneiro

146

Paris — Agosto 1915

Dia 7

Meu Querido Fernando Pessoa,

Recebi ontem o seu postal de 2 que muito do coração agradeço. Você decerto já me perdoou a minha ultima carta — mas, de joelhos por ela lhe venho suplicar perdão. Nunca julguei que uma carta pudesse¹ levar tanto tempo de Paris a Lisboa. Assim logo que foi 6.^a

feira comecei a pasmar da ausencia do telegrama — agravada pela falta completa de noticias suas p[ar]la a Posta Restante — Bureau n.º 8, Boulevard dos Italianos... Creio bem que você compreenderá — e me perdoará essa carta. De resto escrevia-a sobretudo por uma questão de "guigne., que me é m[ui]to peculiar: sim, escrevendo aquela carta — e o sarilho hilariante dos bilhetes ao Victoriano e aos "prezados senhores., A. Xavier Pinto & Cia — havia mais probabilidades em q[ue] me chegasse o telegrama e a sua resposta, como de facto aconteceu — volvida inutil toda essa trapalhada. Nesse caso posso contar com o seu perdão, meu querido Fernando, não é verdade? Muito bem.

De mim? Ah, de mim, meu pobre amigo não sei. Olhe, cá estou. E é tudo². Já é alguma coisa, concordemos. Emfim... Espero uma resposta telegrafica do meu Pai a uma carta q[ue] lhe escrevi daqui no dia da minha chegada: 15 de Julho. Depois, não sei. Eu pedia-lhe nessa carta q[ue] me deixasse, *por tudo*, ficar aqui — pelo menos até me mandar ir p[ar]la a Africa. Em suma, bem frisado: tudo menos Lisboa. Ignoro o que êle³ fará. Vamos a ver. Instabilidade! Mas prefiro-a tanto, tanto, á estagnação! Africa — outro naufragio a mais. Deixa-lo — se assim fôr. Pelo menos, agitação, mudança. Acima de tudo me arrepia a ideia sem espelhos de, sem remedio, novamente fundear no Martinho... Não sei porquê mas esse Café — não os outros Cafés de Lisboa, esse só — deu-me sempre a ideia dum local aonde se vem findar uma vida: estranho refugio, talvez, dos que perderam todas as ilusões, ficando-lhes só, como magro resto, o tostão p[ar]la o café quotidiano — e ainda assim, vamos lá, com dificuldade. Tanto lepidopterismo⁴! Mas você continua a perdoar... Em Paris bocejo, é claro. Mas *estou melhor. É outra ilusão. Tenho a força de a manter, *constantemente, isso me é lisonjeiro⁵. Pequeninas coisas: a outra noite, o luar sobre a Praça da Concordia, por exemplo, curou-me por uns poucos de dias. E o poder dizer mais tarde: "Quando os alemães

tomaram Varzovia, estava eu em Paris.,. Tão pequeninas coisas. Você pode medir bem o descalabro irremediável da minha vida, do meu espírito e da minha carne — quando, ainda assim, são estes — e os letreiros das ruas dos bairros por onde passo a primeira vez e orgulhosamente leio — os amparos únicos, os lenitivos raros à minha existência destrambelhada... Tenho chegado mesmo a suspeitar nestes últimos tempos se — de facto — já estarei doido. Parece-me que não. Mas o certo é que, mais uma vez, e positivamente, se modificou alguma coisa dentro de mim. O mundo exterior não me atinge, quasi — e, ao mesmo tempo, afastou-se p[ar]a muito longe o meu mundo interior. Diminuí, diminuí muito, evidentemente, a minha psicologia. Sou inferior — é a triste verdade — de muito longe inferior ao que já fui. Saibo-me a um vinho precioso⁶, desalcooisado agora, sem remédio. Estou muito pouco interessante. E não prevejo o meu regresso a mim — isso, que digo nos meus versos da “Escala”,⁷ — incitação que não será seguida, parece-me. Já vê que não vamos nada bem.

O que estou ansioso é por uma sua longa carta. Em que me fale de si — e “borde comentarios”, sobre o que eu lhe escrevo. É p[ar]a conversarmos. Só a sua companhia me faz falta. E quer ver: m[ui]tas vezes ponho-me, de subito, não sei porquê, a imaginá-lo, aqui num Café de Paris, comigo, em minha frente, sentado à minha meza. Ainda outro dia, frisantemente — num bar ordinário para Montmartre. Gosto tanto de si! A menos [em] certas “dispersões”, e certos “falares baixos”, você realisa p[ar]a mim “aquilo que unicamente eu admito que se seja”,. Mas tenho-lhe dito isto tanta vez... Escreva muito, e breve — sim?...

Junto lhe mando uma extensa versalhada. Não sei bem o que aquilo é. Inferior, não ha duvida. Mas duvido se, em todo o caso, interessante. Muito antipáticas⁸ certas passagens. Mas sabe, aquilo é “relativamente”,. Pode crer que eu sou seu amigo, e não fiz de você *chauffeur*, [47] no meu affecto. Literatura, claro — é preciso

deitar agua na fervura. Acho mais graça á 5ª Canção. Efectivamente, sinteticamente, o que anseio pôr na minha vida é tudo aquilo. Justamente: e não imagina como me são encantadores os “defeitos duma instalação provisória”,: a mala ficou na estação — temos que ir comprar colarinhos p[ar]a mudar. E não vale a pena mandar buscar a mala, porque partimos amanhã. Assim acho pilheria⁹ a essas quadras. Uma observação: o *Matin*¹¹ fica em pleno *boulevard*: é todo envidraçado vendo-se trabalhar as máquinas rotativas e as Linotype — cujo barulho dos teclados se sente distintamente, amortecido, da rua. E esse barulho sintetisa para mim a ansia do “papel impresso”, a beleza das tipografias — o sortilegio moderno “da grande informação”,. Sinto isso tanto — tanto me embevece, quando passo em frente do *Matin*¹², o discreto martelar das Linotype que até deixei ficar o verso forçado, como verá. É como o encanto das grandes paredes a “ripolin”,^a e dos anuncios electricos pelos telhados de que falo na mesma quadra. Seja como fôr os versos que hoje lhe mando são lamentáveis — um “triste produto”,. Mas, se tiverem qualquer interesse artistico — pouco me importa. Rogo-lhe muito assim, meu querido Fernando Pessoa, que me fale detalhadamente deles, me diga a sua opinião com a maior franqueza — e me aconselhe mesmo se devo eliminar qualquer das canções. Esses versos indicam queda, miseria — não ha duvida — sejam encarados por que lado fôr: moral ou literario. Assim acho m[ui]to bem o titulo generico de “Sete Canções de Declínio”,. Não lhe parece? Enfim, fale-me largamente disto tudo — como noutros tempos fazia. Tenha pena de mim. Não me roube o seu convívio moral e literario. *Escreva-me uma grande carta!* Conto consigo!

Cubismo: julguei em verdade que tivesse desaparecido com a guerra: tanto mais que certos jornais diziam que os cubos do caldo

a Nome francês derivado da marca de tinta epónima «Ripolin», bastante comum em França no início do século xx.

(*bouillon kub*) e da pintura eram boches. Mas no Sagot¹³ — negociante de quadros que acolheu os futuristas e os cubistas, e não vende doutra mercadoria — não só *estão expostos m[ui]tos quadros cubistas como — oh! pasmo! — um da guerra; ultima actualidade: sim: um “*taube entre shrapnels*”,¹⁴. A rua do “*marchand*”, é de pouca passagem, mas sempre gente parada defronte, rindo: como em face da nossa montra do *Orfeu*...^a A propósito¹⁵: dizem-me da livraria q[ue] não se tem vendido. Paciencia. E nada mais saiu¹⁶ sobre êle? Parece q[ue] não — caso contrario você não se teria esquecido de mo dizer no seu postal¹⁷. Tenho muita pena.

Optimo, meu querido Amigo. Vou terminar. Ainda uma vez lhe imploro mil perdões pela minha ultima carta — e de joelhos prostrado¹⁸ lhe suplico que escreva uma grande carta-relatorio. As suas cartas deste genero são para mim um complemento de Paris. E desta vez ainda não tive nenhuma! Anseio-as, tanto mais que, na incerteza do tempo que me demorarei aqui — ficaria inconsolavel se nenhuma tivesse recebido. Claro que se de subito resolver sair daqui — isto é: se de subito a minha vida se resolver em eu sair daqui — lhe telegrafarei os meus habituais telegramas. Escreva-me pois uma grande carta na volta do correio: por amor

a A passagem é rica pelo que denota da relação de Mário de Sá-Carneiro e da sociedade parisiense com as vanguardas. O «*bouillon kub*» é provavelmente uma menção à companhia Knorr, então alemã, que em 1912 lançou os célebres cubos. Por outro lado, Sá-Carneiro refere-se seguramente a Clovis Sagot (com um «t», não o «d» usado no original), que se especializou particularmente em obras de Juan Gris, para além de outros pintores, como Picasso, que chegou a pintar o seu retrato. A galeria ficava perto de Montmartre, especificamente no número 46 da Rue Laffitte. É de facto uma rua menor, perpendicular às Rue La Fayette e Rue Châteaudun, um espaço por onde Sá-Carneiro circulava (a carta é mesmo enviada num envelope da Brasserie Châteaudun, situada na segunda dessas ruas). A palavra *taube*, que significa *pomba*, em alemão, refere-se a um modelo de avião bombardeiro, com a forma de uma pomba estilizada, usado amplamente na Primeira Guerra Mundial e que por isso fazia parte do vocabulário familiar desses dias. A ser a tradução parcial de um título específico, este «*taube entre shrapnels*» (corrigimos o duplo «p») não é conhecido hoje em dia. Talvez o escritor tivesse visto trabalhos de Christopher Richard Wynne Nevinson, o pintor britânico que participou diretamente no conflito e foi pioneiro na representação da sua dimensão aérea em obras cubo-futuristas, como *Pursuing a Taube* — quadro cujo conteúdo se aproxima da menção feita por Sá-Carneiro — e *A Bursting Shell*, ambas realmente de 1915.

de Deus!!... (O Pacheco sempre virá a Paris? Não o tem visto?).
Recomende-me m[ui]to ao Victoriano. E para você um grande abraço de toda a Alma. O seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

29 rue Victor Massé.

Escreva uma carta-relatorio!!...

E de vida literaria sua e do nosso Alvaro de Campos? Diga o q[ue] ha, hein?...¹⁹

[C.P.]

— Sête Canções de Declínio²⁰ —

1.

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto d'Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou.
O estandarte real²¹ — livre, sem mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.

— Desçamos panos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão...
— Scenários de mutação
Pela minha vida fóra!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasma.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulario do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado, ora traído...!²²

Lançar as barcas ao Mar —
De névoa, em rumo de incerto...
Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Misterio duma incerteza
Que nunca se ha de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida —
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3.

Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras.
Só as côres são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Kermesse — eia! — e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do *carroussel*,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de côr, vozearia —
Os automóveis replectos:
Seus *chauffeurs* — os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

Afectos? Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
— Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas! — Vivê-las
A preço mesmo dum crime!
— Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

“Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto,,...
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania!

E quem fôr Grandê não venha
Dizer-me que passa fome:
— Nada ha que se não domie
Quando a Estrela fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter:
O nosso caminho é d’Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro
Se pra nós Oiro ha de ser!...

5.

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil côres,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sobre sonhos que esqueceram...

Um lago á luz do luar
Com um barquinho de corda —
Saudade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D’Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, á beira mar,
Em tardes de céu²³ azul...

Viagem circulatoria
Num expresso de *wagons*-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisoria...

Palace cosmopolita
De *rastaquouères* e *cocottes*²⁴
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de *music-hall*,
Aplausos e *brou-u-ha*²⁵ —
Interminavel sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a “ripolin,,,
Anuncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotyp’ do “Matin,,,...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo-de-fundo
Que acende uma revol’ção...

Um sobrescrito lacrado.
Que transviou no correio,

E nos chega sujo, cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte cidadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
Duma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou agua ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segrêdos de adulterios...
Porta falsa de misterios —
Toda uma estante replecta:

Seja emfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna magoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6.

Um frenesi hialino arrepiou²⁶
Pra sempre a minha carne e minha vida...

Fui um barco de vela que parou
Em subita baia²⁷ adormecida...

Baia embandeirada de miragem,
Dormente d'Ópio, de cristal e anil,
Na ideia dum país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delirio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fôsse o vento
Propicio que faltasse: ágil e santo...

... Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra côr de rosa,
As tórres de platina e de saudade.

Avenidas de sêda deslizando,
Praças d'honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde as flôres fôssem luar;
Lagos — caricias de ambar flutuando...

Os palacios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais.
Sôbre a cidade, a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debrua-la²⁸ em volta,
A isola-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instavel, dubia, pressentida, alada...

Exilio branco — a sua atmosfera,
Murmurio d'aplausos seu *brou-u-ha...*
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua “que nunca tombará,,...

7.

Meu alvoroço d'oiro e Lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

M. de Sá Carneiro

Paris — Julho e agosto
1915.

147

Paris — Agosto 1915
Dia 8

Meu Querido Amigo

Recebi o seu postal de 3 que m[ui]to do coração agradeço. Você fez m[ui]to bem em dar ordem p[ar]a serem entregues os *Orfeus* ao Santa-Rita. E profundamente lhe agradeço o cuidado com o telegrama q[ue] foi devido á sua insistência com o Augusto. Vê — que injusto fui' p[ar]a consigo! De novo, confundidamente, lhe suplico perdão!

Escreva sempre. Ontem mandei-lhe uma grande carta. Adeus. Mil abraços.

O seu m[ui]to dedicado²

Mário de Sá-Carneiro

148

Paris — Agosto de 1915

Dia 10

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje, batendo as palmas, a sua carta de 6. Emfim — se não que propriamente ainda um relatório¹, já, sem duvida, uma carta “pessoal,.. Agradeço-lha vivamente pois — e uma ultima vez lhe suplico perdão pela minha já tanto aludida descompostura² do dia 26, salvo erro. Estou-lhe m[ui]to grato por todas as suas diligencias³ na “affaire,, dos *Ceu em Fôgo* — bem como reconhecido ao Augusto que é na verdade um tipo admiravel! Fico sossegado: hoje recebi tambem o postal da livraria — ontem um telegrama do meu avô a quem pedi dinheiro e que mo anuncia. Agora só falta a resposta telegrafica do meu Pai p[ar]a definir o meu destino. Veremos...

Os meus parabens, [50°] ah! mas os meus vivissimos parabens pelo novo papel do nosso *Orfeu* que você fez imprimir não sei aonde. Homem, onde raio foi descobrir aquele tipo de papel e de letra — tão Alvaro de Campos e, ao mesmo tempo,⁴ tão inglês?^a (sobretudo

a Este comentário está intimamente relacionado com a menção, no *post scriptum* da carta, a uma revista inglesa «quasi do tamanho duma mesa». Tratava-se de *Blast*, publicação que Pessoa conhecia (a sua biblioteca conserva os dois volumes) e que influenciou *Orpheu* 2. Percebe-se que na sua carta de 6 de Agosto Pessoa se referiu à produção deste número, aparentemente a seu cargo, e que, como sustenta Patrícia da Silva McNeill, «a associação que Pessoa estabeleceu com a *Blast* na sua

o formato do sobrescrito). Por curiosidade diga-me como foi que arranjou aquilo — sim? Provavelmente por intermedio da livraria.

Exorto-o intensamente a que não descure a propaganda europeia do *Orfeu* — claro com traduções (talvez não necessariamente integrais — trechos bastarão, creio) sobretudo das odes, da “*Chuva Obliqua*,, e da “*Manucure*,,^a. Não poupe exemplares — pois p[ar]a que os queremos nós?... Por mim não mandei o *Orfeu* ao movimento futurista — mesmo porq[ue] não sei o endereço. Para centralisar — mande você. Não lhe parece melhor?^b Diga. Agora o que precisa começar [50a] a preocupar-nos⁵ é o n° 3 — materialmente e “sumariamente”,⁶. Quanto á⁷ 1.ª questão vou até com certa brevidade escrever ao Augusto p[ar]a ver se consigo o seguinte: a livraria mandar imprimir o 3.º n[umer]o do *Orfeu* á sua tipografia (Lucas) fazendo-me crédito⁸ da importancia. Se houver perda eu comprometo-me a cobri-la. Todas as outras condições como elles quiserem. Faremos só 500 exemplares — sem gravuras — com o n[umer]o minimo de páginas⁹ (72) e forçosamente em papel menos caro. Um papel mais barato, mas no mesmo genero — claro.¹⁰ O Augusto em tempos disse-me que na tipografia Lucas o 1.º do *Orfeu* não custaria mais de 65.000 reis. Meu Querido Fernando Pessoa, bem sei que é doloroso não podermos manter o luxo, não dar gravuras — e fazermos um n[umer]o menos espesso. Mas compreende q[ue] é a unica forma de o fazer sair — visto que eu, tão cedo, não posso voltar á Tipografia do Comercio. O aparecimento do n[umer]o nas condições acima indicadas tenho esperança que seja possivel — tanto mais que ainda tenho um saldo a meu favor na livraria que não

carta se relacionava com os elementos tipográficos, que constituíam um dos aspectos mais distintos da revista inglesa» (2015, p. 172).

a No rascunho de uma carta a um editor inglês Pessoa anotou: «*Naval Ode. Slanting Rain. Manucure*» (2009, p. 385).

b Existe o rascunho de uma carta em francês de Álvaro de Campos para Filippo Tommaso Marinetti, em que o engenheiro, que diz não ser futurista, pergunta ao fundador do futurismo se lhe pode dedicar a «*Ode Triunfal*» (Pessoa, 2009, p. 377; cf. Pizarro, 2012, pp. 113-126).

reclamarei e que — por pequeno q[ue] seja —¹¹ serve p[ar]a “inspi-
rar confiança,,... Agora quanto ao sumario: Almada Negreiros (Nota
Importante: convem m[ui]to cortejar este pequeno que, em todo
o caso — e com o grande interesse de ser colaborador do *Orfeu* —
nos pode [50a]”¹² ajudar com uns 10.000 reis de adiantamento, em
qualquer ocasião — e com mais até se, no momento,¹³ estiver endi-
nheirado. Não deixe de lhe falar no *Orfeu* e na sua colaboração do III
n[umer]o — aquela coisa soberba a q[ue] eu já esqueci o nome — a
do “ergo-me pederasta,, etc”¹⁴. Fernando Pessoa e A[lvaro] de Cam-
pos: o 1.º deve dar versos rimados: “Sonetos dos 7 Passos,,^b e “Alem-
-Deus,,. O II alguma coisa — que por ventura tenha feito entretanto.
Mario de Sá Carneiro¹⁴: não sei propriamente, mas alguma coisa se
arranjará (quanto mais não seja os versos q[ue] tenho feito e que —
por inferiores — sempre são alguma coisa e irritantes na antipatia
furiosa das canções 3—4 que na minha ultima carta envie).¹⁵ Mas
isto é pouco — e com q[ue] podemos mais contar? Assunto grave.
Diga.¹⁶ Se ficar por aqui vou trabalhar m[ui]to. De prosa sinto-
-me pouco disposto a escrever agora o “Mundo Interior,, visto ser
uma novela interessante mas “igual,, a outras minhas. Gostaria de
fazer agora uma coisa doutro genero — e está-me atraindo este as-
sunto: um homem que (através dum enredo outonal e romantico)
lute ardentemente p[ar]a merecer uma mulher: luta pela vida, luta
material p[ar]a ter os meios¹⁷ de fortuna p[ar]a poder sustentar,
no fim de contas, a mulher — luta por questões de familia — luta
mesmo, talvez — e, possivelmente, a preço de infamias¹⁸ — p[ar]a
obter o amor dessa mulher afastando um rival. Este homem con-
seguirá em fim¹⁹ tudo. Mas então, suicidar-se-ha ou fugirá. Isto só,

a Sá-Carneiro refere-se ao poema «A Cena do Ódio», de Almada Negreiros.

b Trata-se do conjunto final de 14 sonetos de «Passos da Cruz», composto entre 1913 e 1916 e publicado na revista *Centauro* em Dezembro de 1916. O primeiro, «Esqueço-me das horas transvia-
das...», e o segundo, «Ha um poeta em mim que nunca disse», têm data de 28 de Novembro de 1913
(41-31); mas já o sétimo, «Fosse eu apenas, não sei onde ou como», e o oitavo, «Ignorado ficasse o
meu destino», são de 14 de Fevereiro de 1916 (117-6).

brutalmente. Que lhe parece? Não sei. Mas em todo o caso é impro-
prio para o *Orfeu*. Se você acha duma conveniencia²⁰ capital o meu
“Mundo Interior,, p[ar]a o III n[umer]o, diga — que o escreverei.
Suplico-lhe que me fale de tudo isto pormenorizadamente — e faço votos
p[ar]a q[ue] o “dia-de-cinco-mil-reis,, tenha passado sem novida-
de... Adeus. Um grande e sincero abraço,
o m[ui]to seu

Mario de Sá-Carneiro

29 R. Victor Massé

ESCREVA!

Interessou-me o q[ue] diz da revista inglesa. Com q[ue] então quasi
do tamanho duma mesa?...

149

Paris — Agosto 1915

Dia 11

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o cheque de frs. 60 enviado pela livraria. Propria-
mente a carta chegou ontem — mas só hoje a recebi, não tendo esta-
do em casa da 1ª vez p[ar]a a assinar. Vá lá entender o correio: uma
carta de 7, a 10: como pelo Sud-Express. Outras: uma semana! Bolas!
Uma informação interessante: O Pacheco escreveu-me em carta re-
cebida hoje q[ue] os Delaunay¹ (o casal do simultaneismo e orfismo:
derivações cubistas) está em Portugal e mai-lum pintor americano
Samuel Halpert² q[ue] eu não sei quem seja. Agora que andam pelo
Norte com o Viana — e q[ue] no inverno querem aí fazer um festival
em que o nosso *Orfeu* terá parte. É a gente a explorar p[ar]a a pro-
paganda da revista no estrangeiro — pois valham o q[ue] valerem

são gente aqui lançada. A *Comædia* publicou m[ui]tos artigos sobre eles³: marido e mulher.^a Mas q[ue] raio irão fazer em Portugal com tanta demora? Escreva. Mil abraços

O Pacheco não vem a Paris.

ESCREVA!⁴

Amigos etc. pode dar o endereço. Diga na livraria que recebi o cheque.^{5b}

150

Paris — Agosto 1915

Dia 13 = 6.^a feira.

Meu Querido Amigo,

Recebi a sua carta de 9 que muito do coração agradeço. Quanto á minha deploravel de 2 já lhe supliquei de joelhos mil perdões — e acho inutil voltar ao assunto. No emtanto ainda uma vez me ajoelho diante de você — “S[ã]o Fernando Pessoa,, lembra-se, como eu lhe chamava o ãno passado — a implorar-lhe a sua absolvição. Posso contar com ela com ela, não é assim? Optimo, então.

Francamente tenho m[ui]to pouco a dizer-lhe neste dia astrológicamente terrível de sexta feira e 13. Mas a propósito¹: Sabe que me está deveras assustando o tal sarilho do atravessamento² [53^a] do Sol em mau aspecto lunar? E por isto: *é que as coisas me estão correndo*

a Robert (1885-1941) e Sonia Delaunay (1885-1979), expoentes do orfismo, fixam residência em Vila do Conde até Março de 1916. Como referido por Sá-Carneiro, com eles convive o pintor Samuel Halpert (1884-1930) e ainda Eduardo Viana (1881-1967), que neste período de interacção na «Villa La Simultanée» (nome dado à casa de Vila do Conde) abre a sua pintura de pendor mais naturalista às linguagens vanguardistas. A referência a um «festival» relaciona-se provavelmente com o projecto de criar a *Corporation Nouvelle*, iniciativa de divulgação que não se materializou, mas que estimulou o diálogo entre os Delaunay, Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros e José Pacheco (Sapega, 2015, p. 425).

b Postal não assinado.

m[ui]to razoavelmente³. Com efeito veja este exemplo (e não, não⁴ lhe posso dar outro melhor visto tratar-se de “finanças,,⁵): esperava 40 francos da Livraria — 50 que pedira ao meu avô. Pois bem: da livraria recebi 60 — do meu avô 100... E eu receio mais, palavra, quando as coisas me correm bem do que quando me seguem mal! O que peço a você — não tenha receio em dizer-me, por amor de Deus — é que se debruce mais sobre os meus Astros e veja as circunstancias⁶ que vão actuar no meu destino dos proximos meses. Quanto mais não seja p[ar]a exercermos um contrôle que será m[ui]to interessante. [53^a] Quando tiver pachorra rogo-lhe pois que se debruce — e não hesite⁷ em me informar: combinado? M[ui]to bem, você é um anjo.

Na galeria Sagot⁸, o templo cubista-futurista de q[ue] lhe falei já numa das minhas cartas^a comprei ontem um volume: *I Poeti Futuristi*. É uma antologia abrangendo o Marinetti e m[ui]tos outros poetas: Mario Betuda, Libero Altomare⁹ etc. etc. Em acabando de ler o catrapazio (1 semana) vou-lho¹⁰ mandar em presente. Já lá descobri uns Fu fu... cri-cri... cucurucu... Is-holá... etc. m[ui]to recomendaveis^b. Vamos a ver... A propósito¹¹: não se esqueça por principio nenhum de mandar com brevidade 2 exemplares do *Orfeu* (ou 3) p[ar]a o movimento futurista. (A propósito¹²: não haveria meio de saber [53^a] se ainda existe — ou apenas está interrompida pela guerra — a revista internacional de literatura *Poesia* dirigida pelo Marinetti e, segundo anuncio inserto¹³ no vol[ume] q[ue] ontem comprei — colaborada por italianos, franceses, belgas, espanhoes, e ingleses?¹⁴ De resto por passeiistas^c e futuristas: Annunzio e Verhaeren¹⁵ colaboraram por

a Veja-se a nota de rodapé relacionada com a Galeria de Clovis Sagot na carta do dia 7 de Agosto de 1915.

b *I Poeti Futuristi*, publicado pelas Edizioni Futuriste di «Poesia» (Milano — Corso Venezia, 61, 1912), é um volume de quase 450 páginas que inclui textos de 13 autores, «una proclama di F. T. Marinetti e uno studio sul Verso libero di Paolo Buzzi». É sintomático da ambiguidade com que Sá-Carneiro se refere às vanguardas, talvez ampliada no diálogo com Pessoa, o facto de apenas um autor nessa antologia recorrer amplamente a onomatopeias (Aldo Palazzeschi), e quase exclusivamente na última composição do volume, não por acaso intitulada «E lasciatemi divertire!» (419-422).

c Transliteração do francês *passéistes*, por oposição a *futuristes*.

ex[emplo]. Pode, por exemplo, mandar vir á minha conta pela livraria um ou dois n[umer]os. Isso é com você. Mas estas linhas servem de ordem p[ar]a o Augusto — se você quiser. Se a revista existisse — nós poderíamos m[ui]to possivelmente ser colaboradores. Por tudo isto, não deixe de enviar o *Orfeu* aos homenzinhos⁶.)

Outro pedido: telefone já ao Vitoriano agradecendo-lhe m[ui]to da m[inha] parte o seu cuidado — mas lamentando q[ue] não me tivesse ainda escrito um postal. Não deixe de lhe telefonar — e mil agradecimentos. Adeus. *Nunca se esqueça de mim!* ESCREVA SEMPRE! Um grande abraço d'alma.

O seu, m[ui]to seu

Mário de Sá - Carneiro

P.S — Se não arquivou a *coupure* do *D[iário]* de *N[oticias]* diga-me, que lha devolvo.¹⁷

151

Paris, este sabado 21 de Agosto do âno de N[osso] S[enhor] J[esus]
C[risto]

1915

Meu Querido Fernando Pessoa, desde II feira ultima q[ue] espero a carta anunciada no seu postal de 11 q[ue] nesse dia recebi. Mas trabalhou a dispersão e... “fundo silencio respondeu ás trovas,, — “extinguiram-se' os écos do salão,,^a. Assim lhe venho escrever este postal p[ar]a lhe dizer três coisas que encerram dois pedidos.

a Nota de rodapé de Sá-Carneiro, referindo-se ao poema nacionalista publicado em 1861: «— Th[omaz] Ribeiro, D. Jaime».

a) No seu postal você pergunta-me se eu recebi a sua carta de 29 (julho) e postal de 2 agosto. A carta não a recebi. De resto a esse tempo você não sabia o meu endereço... E já lhe disse q[ue] não escrevera p[ar]a o *bureau* por ser m[uito] complicado. Logo — não percebo. O seu postal devo tê-lo recebido. Mas, neste momento, não sei ao certo.

b) Diga na livraria p[ar]a enviarem o n° 2 do *Orfeu* ao Franco, sem selo: em cima escreve-se “Correspondence Militaire,,. Novo endereço do Franco q[ue] está bem: 2^{ème} Régiment² Étranger, 2^{ème} R[ue] de Marche, Bataillon G. 3^{ème} Section, 4^{ème} Compagnie Secteur postal n° 109 — France.

c) *Escreva-me por amor de Deus* na volta do correio.

Mil saudades e um grande abraço de toda a alma.

O seu, seu

Mário de Sá - Carneiro

Recebi já dinheiro de L[ourenço] Marques.

Teria você recebido as “Sete Canções de Declínio,,?³

ESCREVA!⁴

152

Paris — Agosto 1915

Dia 22

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 18 que m[ui]to agradeço. Amanhã irei ao *bureau* dos Italianos ver se ainda lá encontrarei a sua carta de 29 p[róximo] p[assado]. Com efeito quando em 29 R[ue] Victor Massé recebi a sua primeira correspondencia¹ julguei por uma frase onde você aludia á complicação do endereço posta-restante e

O endereço completo do Franco a quem eu pedi enviassem *Orfeu* 2, é este: Matricule 750 2^{ème} Régiment¹⁵ Étranger, 2^{ème} Régiment¹⁶ de Marche Bataillon G. 3^{ème} Section 4^{ème} Compagnie Secteur postal n.º 109 — France.

Mais saudades!

O



Escreva!... Escreva!...¹⁸

153

Paris — Agosto 1915
Dia 23

Meu Querido Amigo,

Mais vale tarde que nunca. E assim venho hoje acusar-lhe a recepção da sua “estimada de 29 p[róximo] p[assado],”. Com efeito passei hoje no *bureau* e lá estava a sua missiva! Deu-me m[ui]to prazer a sua leitura pois ignorava todas as coisas m[ui]to interessantes que nela me diz: Ri sobretudo ás bandeiras despregadas com a noticia do “Carnet Mondain”, do *D[iário] de N[oticias]!* Impagavel, genial — plena “Petite Semaine”, e da melhor. O Santa-Rita Pintor², só por ela, mostra a sua grandeza! Quanto ao Sr. João da Neiva³ (cuja carta desconheço) é,

a João da Neiva seria o pseudónimo de Luís de Almeida Braga (1886-1970), figura central do Integralismo Lusitano. O *Primeiro de Janeiro* de 9 de Julho de 1915, na «Carta de Lisboa», que satirizara *Orpheu*, dá conta de uma carta assinada por João da Neiva defendendo «esse grande movimento de arte que a revista *Orfeu* simbolisa» e lembrando que «o poeta abandona aqui a sua Torre de Marfim» e vem agora «cantar a febre e a paixão das cidades modernas, o impetuoso resfolgar dos motores; as moedas d'ouro tinindo aos balcões dos bancos ou o passo cavo, enchendo o ar de rumores d'aço, dos exercitos que partem para a guerra». A carta apresenta ainda *Orpheu* como uma síntese: «confrontando harmonicamente os principios do Futurismo com o Paroxismo, nasceu a pintura dos estados de alma, que os poetas do *Orfeu* realisam em combinações barbaras de

não ha duvida,³ um pequeno simpático⁴ ainda q[ue] lepidoptero⁵. [59°] Quanto á sua personalidade apenas lhe tenho a dizer isto: seja como for esse nome (sem duvida pseudónimo) já o li em qualquer parte. Será talvez aquele Sr. Barradas Teles de Aviz?^a É m[ui]to presumivel. Mas já vi aquele nome, isso é q[ue] não ha duvida.

Pelas coisas q[ue] me diz terem saído vejo que se falou bastante do *Orfeu* — m[ui]to simptomático⁶ do sucesso a venda publica — logo: como “negocio,, — dum panfleto sobre o caso^b. Embora sem interesse gostava de o ver. Decerto você o arquivou no entretanto. Peço-lhe m[ui]to que não descure o rebuscamento dos jornais. *O Seculo Comico* convem examina-lo sempre. Achei graça ao “Pablo Perez futurista-electricista,,^c. O Mourão deve ter publicado um artigo sobre o *Orfeu* 2 no jornal de Estremoz⁷.^d [59a] Era conveniente pedir-lho quando o encontrasse bem como o jornal em que êle publicou um artigo sobre o meu livro que me chegou a mostrar. Peço a você que, da minha parte, lho requisite⁸. Você o cortará e colará no caderno do meu arquivo pessoal que está tambem em seu poder. Fale-me de colaboração literaria p[ar]a o *Orfeu* 3. Se na verdade como nesta sua carta de 29 você diz se venderam 400 exemplares devo ainda ter a meu favor na livraria um saldo de 30.000 reis — o que me garante de certo a execução⁹ do 3º fasciculo da nossa revista nas condições em que lhe falei numa das minhas cartas passadas. Oiça agora o esboço do “scenario,, da

sons, penetrando assim a Alma universal, na ancia de buscar a concepção cosmica em que se agita o problema dos destinos».

a Referência possível a Manuel Teles Barradas de Carvalho, ou Noel Teles, nascido em 1895, dono da herdade da «Coutada» em Galveias, perto de Avis, onde nasceu e morreu.

b Possivelmente *Orpheu Afina a Lira*, «Composto e impresso na | Imprensa Universel | Calle Alcalá — Madrid», segundo a indicação na capa, e «Imprimerie Universel», no miolo, de que Pessoa tinha uma cópia na sua biblioteca. Inclui os textos «Introdução», «A'unha Futuristas», «Nublotismo», «Ouro aos Bocados», «Masoquismo», «Ode Sinfonica», paródicos da linguagem de *Orpheu*.

c A 22 de Julho *O Século Comico* publicava a paródia «Ode Simétrica», assinada por «Pablo Peres | (Futurista-electricista)», de que Pessoa conservou um recorte.

d Pessoa terá feito o que lhe pediu Sá-Carneiro, já que preservou um recorte do artigo de Fernando Carvalho Mourão no jornal *Terra Nossa*, de Estremoz, de 11 de Abril de 1915, com a recensão de *Orpheu*.

“Novela Romantica,, de que na minha carta de ontem lhe falei. Devo observar-lhe que é apenas ainda [59a] um esboço de enredo, um nucleo em volta do qual se virão ajustar muitos detalhes — e presumivelmente até, qualquer pormenor capital. Oiça em todo o caso e diga a sua opinião. Não se esqueça que fundamentalmente é *um meu personagem* posto a viver em 1830. Quero que haja mesmo anacronismos psicológicos¹⁰: isto é: pormenores que, por forma alguma, se poderiam suscitar na alma dum homem de 1830. Mas isso m[ui]to propositadamente. Assim como que criarei um “romantismo outro,, — emfim: um dos meus personagens interseccionistas mascarado de romantico: porque na verdade procede aparentemente como um romantico¹¹. Mas a sua psicologia — dentro de toda a furia ultra-romanesca — fundamentalmente será a dum Lucio Vaz,¹² Ricardo de Loureiro, Inacio de Gouveia: e mesmo do velado protagonista da “Grande Sombra,,. [60] Observação m[ui]to importante: *o estilo será o meu* — e daqui virá o principal anacronismo — estilo pois interseccionista mas misturado de romantismo na sua chama, na sua violencia abrasadora¹³ de “infernos,, “ceus,, etc. Como o Antony. Parece-me qualquer coisa de interessante esta tentativa¹⁴: dando-nos uma impressão estrambotica¹⁵, desconchavada, mas perturbadora e bela. Creio conseguir tirar belos efeitos deste plano: uma intersecção afinal: da alma e estilo romantico: com a alma e estilo interseccionistas. Pese bem tudo isto — e não se esqueça de largamente me dizer o que pensa. Ai¹⁶ vai agora o arcaboço da novela: Heitor de Santa-Eulália¹⁷ brinco na sua infancia com sua prima — Branca de Ataíde¹⁸, suponhamos. Foram companheiros quotidianos até aos 15 anos¹⁹ [60] mesmo. Depois a vida separou-os. Heitor nunca teve por sua prima senão um affecto fraternal — sem “*arrière-pensée*,, alguma — sem lembranças de ternura amorosa, por minimas que fossem. Passados 10 anos Heitor regressa a Portugal depois duma longa viagem pela America. Traz²⁰ o prestigio de corredor de

mundos, distinguido em perigos e façanhas — e o maior prestigio dum volume de versos escaldantes que acaba de publicar com grande ruido (suponha as *Folhas Caídas*²¹ do Garrett). Heitor chega e aloja-se no palacio senhorial dos arredores de Lisboa onde passa o verão sua irmã que casou com um irmão de Branca — que, por seu turno²² é [60a] também hoje casada. Foi nessa quinta, que Heitor e Branca correram, brincaram juntos noutros tempos. Pois bem: Heitor chega — e de subito, ao ver a sua prima nasce-lhe por ela uma paixão sem remedio (daquelas celebres paixões românticas que faziam um *Alberto Savarus* (novela de Balzac) lutar²³ toda a sua vida por uma mulher que apenas olhou e logo ficou²⁴ amando sem salvação; que traziam um Antony da America depois de, p[ar]la a sua amada, ter ganho uma fortuna etc.)²⁵ Mas esta paixão é despertada intimamente²⁶ (e aparece agora aqui o “meu personagem,,) pela subita recordação da infancia: pelas ruas do parque, os lagos, as clareiras — tanta ternura — onde se desenrolou a sua infancia. [60a] É pois realmente dessa ternura acumulada subitamente revista (isto é: do cenário)²⁷ que nasce a paixão pela figura que animou essa paisagem: Branca — paixão porem que surge exclusivamente á moda romantica, e á moda romantica se vai desenvolvendo. Os dias seguem. Coloca-se aqui num capitulo o desenvolvimento do amor: descrições dos scenarios²⁸ românticos da quinta, os longos passeios dos dois amorosos, as noites de luar etc. Branca compartilha decerto da paixão de seu primo. E uma noite é ela propria que audaciosamente (como a “Suzon,, de Alfredo de Musset)²⁹ se lhe vem entregar. Heitor ruge de gloria estreitando-a meia-nua³⁰... Prestes a enlaça-la, a possui-la toda sobre o grande leito — detem-se de subito — lança-se a seus [61] pés chorando... Não! não! é preciso terem a força de se separarem! Branca é toda um passado³¹ de pureza — é toda a ternura cariciosa e ingenua³² duma infancia feliz, dum passado côr de rosa e armí-nhos. Se êle a vai poluir, *todo o seu passado se poluirá também*.

Só agora descobriu³³ o seu amor — mas esse amor existia já — irremediavelmente o acredita — quando de mãos dadas os dois, afoleguados, corriam pelas ruas da quinta precedidos dos galgos brancos, “tão brancos e tão esguios como a pureza e a brevidade dessas horas venturosas, rescendendo lilaz... Apenas os seus olhos estavam vendados. E por m[ui]to belo que possa ser o presente, na posse — no passado foram as mais belas horas do seu amor! Só hoje o reconhece. [61^r] Mas é indubitavelmente assim. E essas horas foram as mais belas do seu amor — justamente por terem sido assim³⁴: brancas, ingenuas, e desconhecidas: *pois não sabiam então q[ue] se amavam*. A posse no adultério, na infamia: *o adultério de Branca consumado com êle*, seriam a derrocada desse passado todo. Assim é preciso ter força, *p[ar]a não perder a riqueza³⁵ passada hoje descoberta!* Ah! mas a esse passado êle será sempre fiel! Nunca terá fim o seu amor por Branca. Nunca. Desafia Deus e o Demonio a que alguma vez êle se esvaia... Sua prima ouve-o passada, enlevada no encanto das suas palavras mas, ao mesmo tempo,³⁶ com medo. O seu cerebro³⁷ pequenino não pode compreender todas aquelas complicações. Mas emfim acha bem. E aturdida — no fundo quem sabe se despeitada — retira-se... Passado pouco [61^v] tempo Heitor de Santa-Eulália³⁸ parte p[ar]a Paris, sem tenção de voltar. É aí que vai viver o seu amor: e arrastalo numa vida tumultuosa de festa e orgia p[ar]a melhor provar a fôrça da sua paixão aos seus proprios olhos. Sim num continuo turbilhão, atravessando sobre o corpo de mil mulheres — êle terá sempre na sua alma a sua paixão suprema: a razão unica da sua vida. É o místico que, por assim dizer, provoca mil tentações, lê os livros da negação da sua doutrina³⁹ — e atraves de tudo prossegue firme, inalteravel na sua fé. Colocam-se⁴⁰ aqui descrições do Paris romantico (mas do Paris romantico visto e sentido pelos *meus olhos*, hoje). Heitor escreverá no seu diario que tudo se lhe volveu teatral etc. e falando da beleza e da gloria que sente em viver o

periodo romantico lembrar-se-ha da saudade q[ue] um artista [61^v] do periodo⁴¹ das máquinas⁴², do proximo seculo⁴³, deverá sentir dessa epoca passada onde êle⁴⁴ nunca viveu. Beijará as mãos que Branca a seu pedido antes de se separarem cobriu de beijos.⁴⁵ Terá obsessões á minha maneira etc. Compreende bem, não é verdade? Um Lucio coado por romantismo, movido por processos romanticos⁴⁶, direi talvez melhor. Para encurtar: Heitor vê-se porem finalmente vivendo um episodio magico em Paris — um episodio de amor: Surge um novo personagem feminino na sua vida e, pouco a pouco, êle⁴⁷ vai descobrindo que todo o seu amor passado desapareceu. Não, já não ama Branca. Agora ama só a Outra — e ama a outra como nunca amou Branca. Sabe-o positivamente. E como o sabe irremediavelmente, por isso mesmo, dispara-se um tiro de pistola. [62^r] Assim nem Deus se pôde antepôr no seu caminho. E — ó sacrificio sem nome, sacrificio novo! — a sua vida e o seu amor dá-os áquela⁴⁸ que já não ama, *pelo menos áquela⁴⁹ que nunca amou como ama hoje a outra*. Mas ter a força de o fazer não será inverter tudo?... Perturbadora duvida...

Aqui está meu querido Fernando Pessoa o sarilho... diga você a sua opinião. Bem sei que tudo isto é incoerente e exagerado. Mas esse exagero e essa incoerencia são justamente os *materiaes* que eu pretendo que deem a beleza ao conjunto. É claro que nesta parte de Paris surgirão varios episodios classicamente romanticos: um duello⁵⁰ com um Principe Polaco que depois será o confidente de Heitor etc. [62^v] E o segundo amor aparecerá tambem num enredo complicado e bizarro que não sei ainda qual seja. (A verdade psicologica da historia não será grande bem sei: mas não se esqueça que Heitor é um dos meus personagens). Leia tudo isto com atenção meditando um pouco p[ar]a alem das minhas palavras e diga-me com segurança se isto tem o grau de interesse necessario p[ar]a que eu o escreva. *Fico ansioso pela sua resposta.*⁵¹ Antes de saber a sua opinião não começarei a trabalhar nisto — que deverá

ser uma obra longa. Peço-lhe pois m[ui]to que me diga o que pensa *circunstanciada e meditadamente*. E brevemente também. Adeus meu querido Fernando Pessoa. Perdô-me⁵² tanta maçada. Mil abraços.

O seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

Recebi o seu postal de 19. Vamos a ver quando chega a sua carta! O meu endereço é publico, pode dizê-lo⁵³ a quem entender (menos á Tip[ografia] do Comercio). Não estou assustado pela astrologia. Escreva!

A minha carta de ontem deve você recebê-la⁵⁴ juntamente com esta pois seguiu p[ar]a o correio ás 11 horas da noite.⁵⁵

P.S. De Branca quasi se não falará⁵⁶ mais após a partida de Heitor⁵⁷. Mas vagamente sugerir-se-ha⁵⁸ que tem tido varios amantes... Heitor sabe-lo-ha mesmo, quasi.⁵⁹

154

Paris — Agosto 1915

Dia 24

Meu Querido Amigo,

Esta manhã recebi a sua admiravel carta de 13=20 do corrente¹. Zango-me primeiro que tudo com você, muito, por supôr que me pode maçar com a exposição da crise que agita o seu espirito, presentemente. Mas alem² da honra que a posse dessas paginas me emociona — como é belo e grande e luminoso e perturbador = artisticamente, mesmo: o novelista em mim o garante = Tudo quanto

o meu querido Fernando Pessoa de si me conta. Sobre a minha impressão — e digo-lhe tudo nela —? Nunca, como lendo as suas paginas hoje recebidas eu compreendi a misteriosa frase do protagonista do [64^a e 64a^a] “Eu-Proprio o Outro.,¹³ “*Ter-me-ei volvido uma nação?*.. Já o ano passado de resto numa carta p[ar]a aqui foi você o 1^o a aplicar esta frase a si. Mas era, creio, sobretudo pelo aparecimento de Caeiro & C^{ia}. — isto é, restritamente: da criação de varias personalidades. Emquanto que eu aplico hoje a frase, *sentia-a*⁴ lendo as suas páginas⁵, não por essas varias personalidades, e o Dr. Mora á frente⁴, criadas: mas, em conjunto, pelo drama que se passa no seu pensamento: e por toda a sua vida intelectual — e até social, que eu conheço⁶. É assim meu querido Fernando Pessoa que se estivessemos em 1830 e eu fosse H[onoré] de Balzac lhe dedicaria um livro da minha *Comedia Humana* onde você surgiria como o Homem-Nação — o Prometeu que dentro do seu mundo Interior de genio arrastaria toda uma nacionalidade: uma raça e uma *civilização*. E é bizarramente este ultimo substantivo que me evoca toda a sua grandeza: “toda uma civilização., é, meu querido Amigo, o que você hoje perturbadoramente se me afigura. São ridiculas talvez as frases acima — elas porem⁷ exprimem o que eu sinto: que sejam⁸ um pouco “*rastas.*.,⁹ os termos que emprego,¹⁰ êles são os q[ue] melhor exprimem o que eu quero dizer. E é meditando em paginas como as que hoje recebi — procurando rasgar veus ainda p[ar]a alem¹¹ delas — que eu verifico a *nossa* grandeza, mas, perante você, a minha inferioridade. Sim, meu querido amigo — é você a Nação, a Civilização — e eu serei a grande Sala Real, atape-tada¹² e multicolor — a cetins¹³ e a esmeraldas — em douraduras e

a Veja-se esta passagem de *Eu Sou Uma Antologia*: «Antonio Mora — que Fernando Pessoa também escreveu ‘Antônio Mora’ e ‘Antônio Móra’, com um ou dois acentos agudos — foi uma figura bastante activa no momento em que Pessoa planeava a apresentação de Alberto Caeiro, definia as bases do sensacionismo, esboçava uma teoria geral do neopaganismo e acompanhava o desenrolar da Grande Guerra» (Pessoa, 2013b, p. 451). Mora reaparece tardiamente nas «Notas para a recordação do meu mestre Caeiro», atribuídas a Álvaro de Campos.

marchetações. Nem mesmo quereria ser mais... E sê-lo-hei? Vê: tem medo o meu querido Amigo, confia-me, na crise em que ora se debate de se *haver enganado*: pois p[ar]a si criar beleza não é tudo, é muito pouco — q[ue] “beleza,, a ferro e fôgo¹⁴ eu juro,¹⁵ que você criou. A meus olhos pois o seu medo pode unicamente ser o de haver “criado beleza errada,,. (Estou certo que não, mesmo assim — é mera hipótese¹⁶ a minha suposição: um dia breve você encontrará a linha que ajustará tudo quanto volteia antagônico¹⁷ no seu espirito e tirará a prova real da sua “razão,,). Mas o meu caso é bem mais terrível a certas horas: P[ar]a mim basta-me a beleza — e mesmo errada, fundamentalmente errada. Mas beleza: beleza retumbante de destaque e brilho, infinita de espelhos, convulsa de mil côres — m[ui]to verniz e m[ui]to ouro: teatro de magias e apoteoses com rodas de fôgo e corpos nus. Medo e sonambulismo, destrambelhos sardônicos¹⁸ cascalhando através de tudo. Foi esta¹⁹ a mira da minha Obra. Creio tê-la ganho ás vezes. Mas a certas horas... E debruço-me então perdido sobre as minhas paginas impressas: não a ver se elas estão “erradas,, — pouco importaria — mas a ver se na verdade fascinariam pelos seus labores coloridos a criança febril que as folheasse: como eu horas esquecidas aos 9 anos passava lendo e relendo o *Gil Braz de Santilhana: porq[ue] a edição era ilustrada com litografias multicolores...* Certo ceu azul duma delas, juro-lhe q[ue] nunca o esqueci. E isto não é literatura — sera apenas expressão literaria duma realidade. E quem me dirá se me enganei ou não? Perturbador enigma... Emfim... Não quero de modo algum profanar a sua carta com mais considerações pessoais. Apenas lhe digo que me emocionou profundamente, que julgo tê-la vibrado [64a] e compreendido²⁰ intimamente. O drama atinge a sua culminancia na aparição de duas teorias diferentes — sobre o mesmo caso — e *igualmente certas*. Seria até o assunto p[ar]a um drama em romance ou teatro: assunto que por força seduziria Ibsen. Comovidamente²¹ “obrigado,, portanto pela sua carta de hoje meu querido Fernando. Suplico-lhe é que nunca deixe

de me escrever essas grandes cartas. Se soubesse como me faz bem, como sou feliz lendo-as e respondendo-as. Aqui como em Lisboa — mas aqui mais intimamente — você é o meu unico companheiro. Lembre-se pois sempre de mim. Escreva-me muito, muito. Eu farei o mesmo.

Espero m[ui]to interessado a sua opinião sobre o que ontem lhe contei da “Novela Romantica,,. Mas não hesite em dizer-me que não a devo tentar escrever se assim se lhe afigurar. Eu tenho m[ui]tas duvidas, demais a mais. Que nada o iniba portanto — peço-lhe em nome da sua amizade. (E aproveito a ocasião p[ar]a agradecer as gentis¹⁸ linhas da sua carta sobre este capitulo de “amizade,,. Creia que da mesma forma as poderia, eu, ter escrito a você). Por hoje nada mais. Francamente não sei como se ha de²² organizar o *Orfeu* 3²³... Fale sobre este assunto, e outros mais. Ainda que minimos. Adeus. Mil abraços de toda Alma do seu,

seu

Alonso de Sá - Carneiro

Um conselho de economia: A sua carta de hoje vinha franqueada com 8 centavos. Mas olhe que me parece bem que não excedia os²⁴ 20 gramas. E o Estado não nos agradece... Mais abraços.

Sciante sobre as “Sete Canções de Declínio²⁵,,. Vejo q[ue] lhe agradaram e isso m[ui]to me satisfaz.²⁶

sarilho. Noutra carta lhe explanarei o assunto. Note que não é nenhum caso de desdobraimento á “Eu-Proprio o Outro,, [67] Trata-se dum homenzinho¹⁵ que de subito aparece¹⁶ outro — em alma, claro: êle¹⁷ proprio concorda diante dum espelho que aquêle que êle diz ser é louro e gordo: emquanto o espelho lhe reflecte¹⁸ um magro e trigueiro. De resto, meu caro Amigo, esta ideia como as outras pouco me seduz. Estou mesmo num periodo m[ui]to passivo p[ar] a começar qualquer obra. Mas não é mau que surjam ideias, mesmo fracas, p[ar]a treino imaginativo. Diga em todo o caso o que pensa de tudo isto. Não se esqueça.¹⁹ Escreva!²⁰

Adeus. E um grande, grande abraço
do seu

Mário de Sá-Carneiro

P. S. A novela “Para Lá,,²¹ conterà m[ui]tas coisas pelo meio: por exemplo: Fernando Passos será lá bastante falado — e Paris, a minha quinta etc. etc.²²

156

Paris — Agosto 1915
Ultimo dia

Meu Querido Amigo,

Recebida hoje a sua carta de 28. O correio agora está um amor... Concordo intensamente com tudo quanto você diz do *Orfeu 3*¹. Claro que é imprescindivel² o nosso Engenheiro — e vincadamente pelas razões que aponta: *Capital* etc. O Numa... uma vez que o meu caro Fernando Pessoa se responsabilisa. Sabe bem a confiança completa³

que tenho em si. Portanto... E tem uma vantagem: o *record* do cosmopolitismo: preto português escrevendo em francês. Acho optimo. Faltavam-nos mesmo os artistas de côr. Assim fica completo⁴. O Bossa⁵: é preciso falar ao Almada Negreiros *introuvable* agora por você. A colaboração do Bossa urge obtê-la, mesmo por fraca. O limite da fraqueza deve ser a novela do Dr. Leal inserta no *Orfeu 2*. Daí p[ar]a baixo nem... nem poemas⁵ interseccionistas do Afonso Costa. Mas até aí — que se não perca a colaboração do Bossa. Procure pois desenhador A[lmada] Negreiros. [69^a e 69^a] (Nota: A colaboração do Bossa — segundo êle⁶ vagamente me disse — são poemas em prosa, á Wilde). O homenzinho militar de Portalegre acho melhor⁷ tambem guarda-lo por emquanto na gaveta. Deve ser muito “didactico,, pelo que você diz. Eis pelo que segundo a sua carta eu vou estabelecer o sumario do *Orfeu 3*.⁸

Fernando Pessoa	— Poemas	15 páginas
Alvaro de Campos	— A Passagem das Horas	15 páginas
M. de Sá-Carneiro	— Para os Indícios de Ouro, II serie	10 páginas ⁹
N ¹ uma de Figueiredo ^b	— Pilherias em francês	5 páginas ¹⁰
Antonio Bossa	— Pederastias	8 páginas
Albino de Menezes	— HZOK	10 páginas
Almada Negreiros	— Cena ¹¹ do Odio	10 páginas ¹²

15 + 15 + 10 + 5 + 8 + 10 + 10 = 73^c

a António Bossa, um médico e poeta amador que participava das tertúlias da Brasileira do Rossio. Aparece, com a sua mulher e os seus filhos, na *Ilustração Portuguesa*, 2.^a série, n.º 606, Lisboa, 1 de Outubro de 1917, p. 273.

b Numa de Figueiredo terá cursado Medicina até ao terceiro ano e depois frequentado os cursos de Direito (Coimbra) e de Letras (Lisboa), antes de regressar a Angola, onde nascera, e exercer a profissão de professor liceal.

c Este plano deve ser confrontado com um outro, de Setembro de 1916 (em carta a Armando Côrtes-Rodrigues) e com o índice que se pode construir com as provas de página de 1917 de *Orpheu 3*. O terceiro número da revista mudou significativamente entre 1915 e 1917 e, no caso de Mário de Sá-Carneiro, os poemas para *Indícios de Ouro* foram substituídos por cinco «Poemas de Paris». Ora, é interessante notar que o número de 1915 teria sido muito mais escandaloso do que o que chegou

São bastante escritos ao acaso a maioria destes n[umer]os. No entanto como os seus versos são de estende e encolhe, e as probabilidades no geral devem ser estas,¹³ vemos o n[umer]o feito — q[ue] só deve ter 72 paginas, pelas condições q[ue] já lhe disse. Nota: o n[umer]o abunda em prosa. Não faz mal por um lado — visto os outros serem quasi todos de verso. Mas se se perguntasse ao Montalvor? (A proposito: nunca mais o viu?) Êle¹⁴ falava numas “Canções do Narciso...”,^a Adonis ou o Raio Que o Parta q[ue] estavam muito adiantadas. A este respeito proceda você como entender. A minha colaboração será definitivamente¹⁵ os meus versos — pois não vou agora escrever o “Mundo Interior,, de afogadilho, claramente. Pus dez paginas, pois os meus versos talvez as ocupem porque são m[ui]tas quadras. Se não ocuparem 10, ocupam decerto 8. (Ainda tenho uma poesia inedita, fraca, mas que em necessidade¹⁶ se poderia imprimir: o “Não,,. Recorda-se?). *Coisa m[ui]to importante:* antes de escrever ao Augusto sobre a execução material do *Orfeu*, trate você de averiguar em seu ou meu nome quantos *Orfeus 2* se venderam. *É m[ui]to importante saber isto.*¹⁷ Você pode perguntar como coisa sua ou dizer que fui eu que — *apenas por curiosidade* — lhe mandei perguntar de Paris. Mas o n[umer]o *quasi certo*. Não se esqueça disto e com urgencia. O n[umer]o 3 do *Orfeu* deve entrar no prelo, o mais tardar, nos primeiros dias de outubro. O tempo urge por consequencia. Deixo isto ao seu cuidado. (Nota: Satisfazem-me¹⁸ m[ui]to os nomes novos, nem menos do q[ue] três. *É preciso adquirir a certeza da col[aboração] Bossa*, unica incerta. Não deixe de averiguar *Orfeus 2*¹⁹ vendidos).

a ser composto em 1917, visto que continha *A Cena do Ódio* e ainda «pilhérias» e «pederastias». De facto, quando a *Contemporânea* publicou como separata *A Cena do Ódio*, fê-lo com esta indicação: «Collaboração inédita de ΟΑΡΗΕΥ, N.º 3».

a Em *Orpheu 2* Montalvor colaborou com «Narciso», um poema dedicado a Fernando Pessoa.

No caso do panfleto²⁰ Campos^a contra Aragão sair acho m[ui]to bem a forma de assinar “Director de *Orfeu*,, e anunciar²¹ a Revista pelas costas.^b Acho magnifica e justa a sua ideia. Tive a infelicidade de comprar o *Seculo* anunciando a chegada do heroi — e quando li que o HEROI gritara da janela do Ministerio do Interior um “Viva a Republica! *Viva a Guerra!!*,,²² entornei o copo de café no vestido branco da ideia duma inglesa “tombée en enfance,, que não estava a meu lado... (M[ui]to chôcha esta intersecção...)

[69a] Entretanto, meu querido Fernando Pessoa, a nossa “camaradagem republicueira,, não merece esses gestos. E, numa palavra²³, perdôe-me a franqueza: *por comodidade* gostava mais que você não publicasse o *film*²⁴. Deitar perolas a porcos. Note que a ideia em si acho-a admiravel. Se eu fosse rico, você estava aqui em Paris comigo. E então eu lhe editaria, p[ar]a Lisboa, esses e outros sensacionismos. Não deixariamos descansar o João Borges!...^c Assim, não sei. A renuncia parece-me melhor. E desculpe-me falar-lhe assim.

Interessantissimo²⁵ e Europeu o caso “Teixeira-você-sendo-lhe-apresentado-come-Director-Orfeu-e-isso-p[ar]a-ele-recomendação,,²⁶. Seria tão bom se domesticasse o Homem... Perturbadamente interessante o Horoscopo *Orfeu*, derivado dos nossos dois. É na verdade incrível! Muito agradecido pelo que me diz da “Novela Romantica,,. É provavel que brevemente a comece a escrever —

a Sá-Carneiro inclui aqui a seguinte nota: «Aliás, Fernando Pessoa. Mas no caso combativo, p[ar]a mim, é o Campos q[ue] existe, e o Pessoa, o seu pseudonimo.»

b A *Carta a Um Herói Estúpido*, publicada em 2010 em forma de livro, é o panfleto referido nesta passagem: nos testemunhos que se conservam da missiva não figura a assinatura de Álvaro de Campos nem do «Director de Orpheu». A carta está dirigida ao tenente — promovido a capitão — Aragão, contra quem Pessoa se irritou especialmente pelas declarações que o chamado «herói de Naulila» fez no Funchal, depois de sete meses de cativeiro, «sobre o modo como o nosso país fora administrado pelo snr. general Pimenta de Castro» (2010, p. 23).

c Tratar-se-á, como indica Teresa Sobral Cunha, do jornalista e político republicano França Borges (1871-1915) (Sá-Carneiro, 2003, tomo 2, p. 209). Membro da Maçonaria (alcançou o sétimo grau do Rito Francês em 1914), morreu de tuberculose a 5 de Novembro de 1915, em Davos-Platz.

Paris — Setembro 1915
Dia 13

Meu Querido Amigo,

Custa-me muito a escrever-lhe esta carta dolorosa — dolorosa para mim e para você. Mas por mim já estou conformado. A dôr é pois neste momento sobretudo pela grande tristeza que lhe vou causar. Em duas palavras: temos desgraçadamente de desistir do nosso *Orfeu*. Todas as razões lhe serão dadas, melhor pela carta do meu Pai que junto incluo e que lhe peço não deixe de ler. Claro que é devida a um momento de exaltação. No entretanto cheia de razões pela conta exorbitante que eu obrigo o meu Pai a pagar — o meu Pai que foi p[ar]a a Africa por não ter dinheiro e que lá não ganha sequer para [72] as despesas normais, quasi. Compreende que seria abusar de mais, seria exceder a medida mais generosa depois duma conta tipografica de 560.000 reis, depois da minha fugida para aqui — voltar daqui a três ou quatro meses a pedir-lhe p[ar]a saldar uma conta de 30 ou 40.000 reis — na melhor das hipoteses — do n° 3 do *Orfeu*. Mas não se trata sequer disto: o simples aparecimento do n° 3 do *Orfeu* — feito ainda sob¹ a minha responsabilidade (mesmo que eu estivesse certo de tirar toda a despesa) seria na verdade mostrar em demasia ao meu Pai a minha insubordinação². Você, meu querido Amigo, tenho a certeza que não obstante o grande dissabor que esta noticia lhe vai causar concorda em que [73] as circunstancias me inibem absolutamente e assim se conformará e me perdoará. Pena ter criado ilusões, e feito³ com que você falasse a colaboradores etc. Ao meu Pai, de resto, em desculpa eu disse-lhe que do n° 2 do *Orfeu* ainda havia dinheiro de que lhe daria contas. Não posso pois de forma alguma dispôr dele⁴. O *Orfeu* mesmo no Lucas custaria decerto 80.000 reis. A venda seria por força menor. Mas isto tudo,⁵ repito, é inutil: Eu não posso nas presentes circunstancias, de forma alguma, continuar com o *Orfeu*.

O meu Pai zangar-se-hia muito se visse aparecer outro n[umer]o pois suporia sem duvida — mesmo⁶ que assim não fosse — que o teria⁷ de pagar. A impossibilidade é pois completa. O⁸ meu desgosto é muito grande, você sabe-o perfeitamente. Tanto mais que estava soberbo o sumario [73] muito especialmente pelo seu caracter poliglota⁹. É uma grande pena. Mas que lhe havemos de fazer? Sirva-lhe de consolo, meu querido Amigo,¹⁰ o seguinte: que quando saiu o n° 2 eu lhe disse logo p[ar]a não contarmos com o 3 — que se este saísse o 4 era impossivel sem duvida — fôsse como fôsse. A prova maior de franqueza que lhe posso dar é enviando-lhe a carta do meu Pai, carta que recebi no dia 8 deste mês. Leia-a e devolva-ma¹¹. Como vê, apesar de tudo, êle consente¹² que eu fique aqui e dá-me no fim de contas o que eu¹³ lhe pedi: 250 francos. Você que conhece bem a minha vida sabe as complicações que ha por trás disto tudo — vê como o meu Pai é bom para mim. Por isso tanto melhor compreende, [73a] estou certo — as minhas razões. Como não ha outro remedio senão resignarmo-nos, resignemo-nos. A morte do *Orfeu* você atribua unicamente a mim, explique que eu em Paris me não quero ocupar do *Orfeu* — que sou o unico culpado. Desculpe-se emfim comigo perante todos quantos lhe perguntarem pela revista. Mais uma vez lhe peço perdão e lhe suplico que não se aflija demasiadamente. Em todo o caso sempre se fizeram dois n[umero]s. Mais vale pouco que nada. Dito isto, que é a razão principal desta carta,¹⁴ passo a responder á sua correspondencia ultimamente recebida, ontem e hoje: 2 cartas e um postal. Quero antes de mais nada agradecer-lhe os comentarios que faz sobre as minhas frases referentes ás [73a] duvidas sobre a minha Obra. Defende-se você de, no momento, não estar em disposição de escrever frases belas. Mas, meu querido Amigo, essas linhas são *artisticamente* obras admiraveis e eu ter-lhas merecido a minha maior gloria. Simplesmente genial as “côres que foram gente,.. Não me enaideci apenas — melhor esqueci-me até que eram para mim aquelas palavras: e admirei mais uma vez o prodigioso artista. Muito comovidamente lhe agradeço pois. Devo-lhe tanto, tanto, meu querido Fernando Pessoa.

Milhares de razões em tudo quanto diz sobre o camarada Rita Pintor. Este cavalheiro enviou-me uma carta que... uma carta em como... olhe: raios o partam! Em fim¹⁵ mostrando-se indignado [72a] com você, insultando-o até. Insultos dêle¹⁶ porem¹⁷ não ofendem. Assim não me importo de lho dizer. De resto eu parto do principio que aos nossos grandes amigos não devemos ocultar nunca o que outros dizem dêles¹⁸. Insultos é claro apenas por você lhe ter dito que por enquanto era segredo o n.º 3 do *Orfeu*¹⁹, que não havia dinheiro p[ar]a gravuras, etc. Em fim²⁰: ofendido como²⁰ “dono do *Orfeu*... A verdade é esta. Vou-lhe escrever uma carta m[ui]to seca dizendo-lhe que o *Orfeu* não se faz — mas, se se fizesse, de facto, não traria gravuras porque nós não queríamos. Se não fossem as impossibilidades, juro-lhe que em face da atitude do futurista e da sua carta o *Orfeu* saía com bonecos, mas [72a] do José Pacheco. Isso é que êle rabiava! Infelizmente não nos podemos oferecer esta deliciosa vingança. Se você quiser ver a carta Rítica — como mero documento —²² estou pronto a enviar-lha. Se tiver curiosidade. E repito a justiça benevolente de todas as suas palavras ácerca do referido cidadão.

Espero com muito interesse a sua carta psicologica que lhe rogo não deixe de me enviar.²³

O assunto Ferro/Fernando de Carvalho²⁴ é puramente deploravel. Esses meninos²⁵ são insupportaveis. Ter o aplauso de lepidopteros²⁶ e democraticos como esses é o pior que nos pode suceder. Veja o que sucedeu ás bicicletas²⁷: artigo de luxo que, começando a ser empregado pelos democraticos²⁸, desapareceu da via publica como *sport* elegante. [74] A pior recomendação dum producto de luxo²⁹ é o seu consumo popular. E francamente, p[ar]a a nossa arte, onde encontrar amadores mais populares que Ferro e Fernando de Carvalho — p[ar]a mais na Trafaria capital dos Pires! Raios os partam — é pois unicamente o meu

a Parece referir-se a Fernando Carvalho Mourão, Pessoa e Sá-Carneiro deploravam o seu apoio e o de Ferro ao Partido Democrático e a Afonso Costa, que sustentava a participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial (veja-se Barreto, 2015, pp. 219-220).

comentário³⁰, afirmando-lhe que, ao invetz³¹ de você, nenhum escrupulo tenho em escrever³² tudo isto e em os mandar para... a Estefania³³, a namorar ao lusco-fusco...

Fico com muito interesse na sua tradução do livro teosofista³⁴.^a Uma religião “interseccionista³⁵”,! Admiravel descoberta!

Compreendo m[ui]to bem que classicos sejam tocados pela perfeição da sua admiravel “Ode Maritima,.. [74] O outro dia li-a des-cansadamente sem interrupção — o que ainda não fizera — e alem de todas as genialidades, frisou-se-me a perfeição da “linha,, construtiva. [A proposito: o Pacheco conta-me numa carta ontem recebida, que o Bossa lhe disse ter ouvido numa sala uma senhora recitar versos meus!!!!!! Que essa senhora tinha m[ui]ta admiração pelos meus versos (o que é para agradecer) — e que o auditorio³⁶ ouvira com m[ui]to agrado as minhas estrofes (não exageremos em todo o caso...)].

A carta do Teles de Aviz não é chuchadeira. O homenzinho é degenerado sexual (segundo o R. Lopes^b) e doido, e epileptico hereditario³⁷. De resto basta olhar p[ar]a êle p[ar]a concluir logo isto tudo. [74a] Julgo assim ter respondido ás suas cartas, linha a linha.

Mandei-lhe ha dias um postal com uns versos maus. Vinham bem no *Orfeu* por causa da quadra do Dantas. Assim inutiliso-os p[ar]a os *Indicios de Ouro*. Mesmo se não os inutilisasse, cortaria a quadra do Dantas. Na minha proxima carta enviar-lhe-hei uns outros, melhores, mas pouco melhores. E antes de terminar, meu querido Fernando Pessoa, mais uma vez lhe suplico que atenda bem a todas as minhas razões. Sofremos tantas e tantas contrariedades na vida que esta não é senão mais uma. Sobretudo, por amor de Deus,

a Para a Livraria Clássica Editora, na sua colecção «Teosófica e Esotérica», Pessoa traduziu os seguintes volumes: I — C.W. Leadbeater, *Compêndio de Teosofia*, Lisboa, 1915; II — Annie Besant, *Os Ideais da Teosofia*, Lisboa, 1915; III — C.W. Leadbeater, *Auxiliares invisíveis*, Lisboa, 1916 [2.ª ed., 1921]; IV — C.W. Leadbeater, *A Clarividência*, Lisboa, 1916; V — *A Voz do Silêncio e outros fragmentos extraídos dos preceitos áureos*, ed. inglesa e notas de Helena Blavatsky, Lisboa, 1916; VIII — M.C., *Luz sobre o Caminho e o Karma*, Lisboa, 1916.

b Provavelmente Artur Ribeiro Lopes, que publicava regularmente na imprensa, e que volta a ser mencionado adiante, na carta de 5 de Novembro de 1915.

escreva-me na volta do correio pois eu fico em sobressaltos enquanto não [74a] souber como você recebe esta notícia. Repare bem meu amigo na minha situação em face do meu Pai. A única maneira de me desculpar um pouco era dizer que lhe apresentaria³⁸ o dinheiro do *Orfeu 2* — o que farei logo que o receba. Seria exceder a medida continuar. Não me queira mal, pois. Vê a completa impossibilidade. Juro-lhe que o meu desgosto é infinito. Você sabe bem o meu entusiasmo por estas coisas, p[ar]a o compreender. Mas o meu desgosto agravava-se com a pena que lhe causo. Juro-lhe que não digo isto por simples amabilidade. Peço-lhe que me acredite. E, em nome de tudo, meu querido Fernando [75] Pessoa, não deixe de me responder na volta do correio. Como lhe disse atire todas as culpas para cima de mim. Não tenha *escrupulo nenhum* em proceder assim. É a maior fineza que lhe peço. Tudo isto é muito triste, meu querido Amigo. Pura miséria! Que destino horrível este de não ter dinheiro. Mas nada podemos fazer. Logo...

[75] Um grande abraço e mil saudades do seu,
seu

Mário de Sá-Carneiro

Saudades ao Victoriano³⁹. Não o tem visto?

Escreva na volta do correio, por amor de Deus. Não se esqueça.
(A devolução da carta do meu Pai não urge).



159

Paris — Setembro 1915
Dia 18

Meu Querido Amigo,

Recebi os seus dois últimos postais: um antes de ontem — hoje o outro. Eu propriamente não atrazei¹ a minha correspondência: motivo único duma série de dias sem lhe escrever: por durante êles² também não chegarem notícias suas. Com efeito o correio ultimamente tem andado m[ui]to atrasado. Não imagina a pena que me fizeram os seus postais... Que lindo *Orfeu 3*³ podíamos fazer! Que desgraça tudo isto! E o desgosto que com esta desilusão⁴ você sofreu. Juro-lhe, com inteira sinceridade,⁵ que é isso o q[ue] mais me preocupa⁶. Os seus poemas em inglês, os geniais “irritantismos,”⁷ do Almada, o [77] nome do Antonio Bossa — e a minha série de versos com a “Serradura,” á frente tão embirrenta e desarticulada... Não calcula a pena que eu tenho — pena pessoal, esta — de não poder publicar a minha série das “Sete Canções”⁸, da “Serradura,” e das duas poesias que hoje lhe remeto! Com efeito — não sei se já reparou — sem serem importantes, de primordial importancia, elas — em conjunto — parecem-me ser novidade na minha obra. Novidade de pouca importancia — bem entendido. Peço-lhe a sua opinião sobre os dois poemas q[ue] hoje lhe envio. O “Abrigo,” é a serio. Acha bem aí o meu Paris? Não se esqueça de me dizer. Agora sôbre a “Serradura,”⁹:
o a) emendei a quadra que lhe desagrade, assim:

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho...
— Em plena burocracia!...

[77a] ou:

E fuma o seu^o cigarrinho
Em plena burocracia...

Que lhe parece preferível? (O “E,, pode também ser substituído por outro “Já,,). A quadra em si não a elimino” por[ue] quero precisamente dizer o que nela digo. São com efeito “concessões,, á normalidade o facto de hoje fumar e substituir aqui, frequentes vezes agora, a cerveja pelo vinho branco. Tudo isto é doentio — mas certo...

b) Aproveitando a poesia para os *I[ndícios] de O[uro]* devo eliminar a quadra do Dantas, não é verdade?

Perdôe-me a miudeza das perguntas, *mas não deixe de responder a elas*. E perdôe-me, sobretudo, ainda ter coragem para lhe mandar “literaturas,, depois do nosso desgosto. Inevitável de resto, como por certo você concorda. Desculpe-se a todos comigo, repito. E resignemo-nos. Não se zangue comigo, suplico-lhe! [77a] Nada mais lhe tenho a dizer meu querido Fernando Pessoa. Renovo todos os meus pedidos, todos os meus agradecimentos e todos os meus perdões com um grande abraço de toda a alma, e mil saudades do seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

P. S. — Escreva-me¹², por amor de Deus.

Diga o que pensa sobre os versos de hoje. O C[arlos] Ferreira³ não me escreveu. De resto êle¹³ dizer que vem a Paris p[ar]a o próximo

a Em carta ao pai, de 3 de Novembro de 1915, Mário de Sá-Carneiro apresenta Carlos Ferreira: «Está aqui um rapaz que eu conheço há m^{to} tempo, do Liceu, chamado Carlos Ferreira, agente comercial junto da nossa legação na Bélgica, que ultimamente publicou em Lisboa um livro sobre a invasão alemã, e que prepara outro de opiniões portuguesas sobre o rei Alberto! Acho a ideia patusca: que se importará o rei — que deve ter tanto mais em que pensar — com as opiniões dos

mês, não quer, de facto,¹⁴ dizer que não venha, mas de modo algum significa também o contrário... Amanhã dia trágico: “uma hora de musica,, no atelier do pintor-cantor Ferreira da Costa^a. Parece-me que vou adoecer dos intestinos...

Mil abraços.

SM

Como se escreve “Mansanilha,,? Não se esqueça de me dizer. Nem tenho a certeza se é mansanilha ou massanilha...^{b 15}

160



CAFÉ ROYAL

12, BOULEVARD MONTMARTRE, 12

Propriétaire
R. CHASSANY

TELÉPHONE 102-34

Paris, le 25 Set. 1915

Meu Querido Amigo,

Recebi ontem a sua carta de 20 que de todo o coração agradeço. Você tem mil razões: o Orfeu não acabou. De qualquer maneira, em qualquer “tempo,, ha de continuar. O que é preciso é termos “vontade,,. Mas junto envio-lhe um *coup-de-théâtre*: a carta ontem recebida do futurista Rita Pintor que *não quer*¹ que o Orfeu acabe, e *continuará* com alguns haveres que possui², caso nós³ nos não oponhamos⁴ etc. etc. — e contando [79a] comigo e *consigo*⁵ — pois já lhe não chama nomes feios!... O caso é bicudo

portugueses... Enfim, isso é com o autor. Ele pediu a minha opinião e a sua. [...] não deixe de escrever umas rápidas lérias, em francês [...]» (Sá-Carneiro, 1992a, p. 68). O livro publicado era *Os Allemães na Belgica* (Guimarães Editores, 1915) e o planejado, como notado por Castex e Tavares Dias (Sá-Carneiro, 1992a, 128), era *Albert I et son peuple (Chez les portugais)*.

a João Ferreira da Costa, pintor português nascido em 1885, pensionista do Estado em Paris.

b Palavra usada, com outra ortografia, no primeiro verso da nona estrofe de «Abrigo», poema datado de Setembro de 1915: «Mancenilha e bem-me-quer, | Paris — meu lobo e amigo...»

— especialmente para você que o tem de aturar. Dou-lhe carta branca. O meu querido amigo diz-lhe o que entender, resolve o que entender. Por mim limito-me a escrever-lhe logo uma carta vaga: que sim e mais que também... Esse sarilho, resolva-o você. Claro que Santa-Rita “maître,, do *Orfeu* acho pior que a morte. Entretanto você resolverá tudo. “Eu, aqui de longe, nada de positivo posso fazer nem decidir,, — será o tema, o resumo da minha carta ao Gervasio Vila Nova^a. AGORA UMA COISA muito importante: Rasgaram-se-me as ceroulas, chove muito: tive [79^a] de comprar⁶ portanto ceroulas e botas. Assim vi-me forçado a pedir pelo correio de ontem á Livraria que me enviassem 40 ou 50 francos o mais breve possível de maneira a que eu receba as massas⁷ a 8 ou 9 (não fazia mal que fosse a 10, mas aos homenzinhos convem falar assim — e, de resto, para meu sossego, quanto mais cedo melhor). Assim suplico ao meu querido Fernando que vá imediatamente á Livraria indagar se foram recebidas as minhas cartas e *não me largue o Augusto*. Na volta do correio, por amor de Deus informe-me do que lá lhe tiverem dito, se eu posso contar efectivamente [79^a] com os 40 ou 50 francos até 8 ou 9 do próximo mês de outubro. Diga ao Augusto que eu lhe escrevi que isto tem p[ar]a mim muita importancia. Mace-mo todos os dias. *Conto mais uma vez consigo*. Por amor de Deus não descure este assunto. De resto a Livraria não me faz favor algum pois o tempo é já passado de sobra até p[ar]a a liquidação total do *Orfeu*. *Isto tem p[ar]a mim efectivamente uma grande importancia — e assim mais uma vez apelo p[ar]a a sua amizade*. Informe-me por amor de Deus na volta do correio, num simples postal, do q[ue] lhe tiverem dito sobre o

a Amplamente inspirada em Guilherme de Santa-Rita, trata-se de uma personagem d’*A Confissão de Lúcio* acerca da qual se afirma: «Era um conversador admirável, adorável nos seus erros, nas suas ignorâncias, que sabia defender intensamente, sempre vitorioso; nas suas opiniões, revoltantes e bellissimas, nos seus paradoxos, nas suas blagues. Uma criatura superior — ah, sem dúvida. [...] Entretanto, se o examinávamos com a nossa inteligência, e não apenas com a nossa vibratibilidade, logo víamos que, infelizmente, tudo se cifrava nessa auréola, que o seu génio — talvez por demasiado luminoso — se consumiria a si próprio, incapaz de se condensar numa obra — disperso, quebrado, ardidoo» (Sá-Carneiro, 2010, p. 300).

assunto. *Não se esqueça*. E por hoje mais nada senão esta carta estúpida de materia. Mil abraços de toda a alma.

O seu, seu

M. de Sá-Carneiro

Escusa de reenviar-me a carta S[anta]-Rita. É verdade: esqueceu-me de procurar a outra. Irá depois. Não descure assunto Livraria. Perdôe-me!

161

Paris — Set[embro] de 1915¹

O Lord

Lord que eu fui de Escocias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadencia,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens
Pára ás montras de joias de opulencia
Num desejo brumoso — em duvida iludida.
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna impaciencia)!

Olha as Praças, rodeia-as².
Quem sabe se êle³ outróra
Teve Praças, como esta, a Palacios e colunas —
Longas terras, quintas cheias,
Hiates pelo mar fóra,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

Muito importante



Bem entendido quanto mais cedo chegar o dinheiro melhor. Não deve pois mostrar a carta e falar do dia 14 senão em ultimo caso.



M[ui]to importante

163

Paris — Setembro 1915

Dia 30

Meu Querido Amigo,

Para meu sossego venho pedir-lhe que diga na livraria — se por ventura' não satisfizeram o meu pedido — p[ar]a em todo o caso, *de modo algum*, deixarem de me enviar 40 francos de maneira que eu os receba sem *falta alguma* a 14 outubro, limite máximo². Eu lhe explico: com efeito até esse dia chega-me o dinheiro. A 15 devo receber do meu Pai — *mas ha sempre um pequeno atrazo*³. Assim antes de 18 ou 19 (tanto mais que 17 é domingo) não receberei o dinheiro de Africa — precisando por consequencia do de Lisboa p[ar]a fazer a ponte. *Isto tem para mim uma grande importancia*. Assim peço vivamente que [s2r] não descuide o assunto — e mostre mesmo esta carta ao Augusto ou ao Ex. Sr. Monteiro, explicando bem as coisas e pedindo-lhes m[ui]to em meu nome que não deixem de me enviar a importancia de forma que eu a receba *com a maxima certeza* no dia 14. Para isto é necessario que ela saia de Lisboa, *o mais tardar*, no dia 9. 30 francos bastar-me-hiam caso houvesse muita dificuldade em me ser enviada a importancia pedida. Creio entretanto que isso não sucederá. Mas não deixe de fazer ver bem como me seria desagradavel se não recebesse algum dinheiro no *dia 14* o mais tardar.

Tanto o Sr. Monteiro como todos na Livraria têm⁵ sido sempre duma tal amabilidade comigo que estou certo não me recusarão este inestimavel serviço — que o meu caro Fernando Pessoa, em meu nome, muito especialmente [s2r] agradecerá ao Ex. Sr. Monteiro — a quem peço que apresente ao mesmo tempo os meus melhores cumprimentos. Sem mais, esperando que o meu querido amigo não descurará este assunto que tem p[ar]a mim uma grande importancia — envio-lhe mil saudades⁵ e um grande abraço de toda a Alma,

o seu, seu

Mano de Sá - Carneiro

P. S. Peço tambem p[ar]a lembrar na Livraria os volumes que pedi me enviassem.

Para certeza absoluta a carta com o dinheiro deve partir a 8 pois já tenho m[ui]ta vez recebido correspondencia com 6 dias de marcha.

164

CAFÉ RICHE

BOULEVARD DES ITALIENS, 16

PARIS (9^e)

TELEPHONE | GUTENBERG 68-32
2 LIGNES | CENTRAL 86-29

Paris — Outubro 1915

Dia 2

Meu Querido Amigo,

Europeamente carimbada com o selo da autoridade militar que em Bordeus a abriu recebi hoje a sua magna-carta. Em primeiro lugar quero-lha agradecer vivissimamente. Foi uma querida meia

hora que passei lendo as suas páginas¹. Quem me dera ter todas as semanas uma carta assim. E ela veio-me dispor tão bem quanto eu — na minha eterna desolação — posso estar bem disposto tanto mais num dia de plena e grande constipação. E você sabe que uma destas macacôas² é em mim verdadeira catastrophe. Vai-me perdoar até esta carta que será uma rápida e essencial, meramente essencial, resposta ao seu supremo relatório. Em primeiro lugar³: não aceito as suas desculpas quanto ao dispôr⁴ dos n[umer]os do *Orfeu* nem tão pouco compreendo o espanto que lhe causa a “liquidação,.. Liquidação significa m[ui]to simplesmente que é tempo de se ver quantos *Orfeus* ha vendidos — e de eu receber a importancia da venda: de que já falei a meu pai — conforme julgo ter-lhe dito. Os exemplares não vendidos⁵ p[ar]a que os quero? *Disponha você de quantos, mas inteiramente de quantos, entender*. Quando o *Ceu em Fôgo* o pagaram a 40 r[ei]s o exemplar — nem 10 reis estou certo dariam pelos *Orfeus*. Repito por consequencia que estranhei deveras a sua pergunta. E faça o que quizer dos *Orfeus*. As sobras ficam na livraria ás suas ordens — peço-lhe o favor de dizer isto ao Augusto. Bem entendido se alguém as comprasse mesmo a 10 reis, podiam-se vender. Mas isso não urge de maneira alguma. *Disponha pois de quantos Orfeus quizer*.

O Santa-Rita⁶ deveras é um grande maçador. Estou farto de o aturar aqui com a questão do *Orfeu*. Hoje vai uma carta p[ar]a você ler e que chegou hoje mesmo. Aí já está disposto a q[ue] você dirija inteiramente a revista: êle⁷ só tem interesse em publicar os seus bonecos e do Picasso. Em primeiro lugar⁸ isto é uma chuchadeira pois eu não creio de forma alguma q[ue] o Santa-Rita⁹ vá pagar o *Orfeu* mesmo p[ar]a publicar os seus bonecos: tanto mais q[ue] o conheço bem em questões de dinheiro: aí perfeitamente normal, tocando a economia quasi. Nada o meu genero ou Pacheco. O contrario até, quasi. Que hei de eu responder ao Pintor? Olhe, continuo a dizer-lhe q[ue] sim e mais que tambem — que se entenda com você: que eu não quero fazer o *Orfeu* — e que êle é meu e de você, *unicamente*.

Você [84^v] mande-o p[ar]a o diabo. Mas¹⁰ se em todo o caso êle verdadeira e seriamente oferecesse pagar o *Orfeu* deixando inteiramente a direcção literaria a seu cargo? Nem mesmo que isto se desse julgo viavel o plano. Mas você decidiria. Por mim devo-lhe dizer que por uma carta que escrevi ao meu Pai não posso figurar como director do *Orfeu*^a: Ha o seguinte: *Orfeu* saindo com o meu nome dificilmente o meu Pai acreditará, nos primeiros instantes¹¹ (q[ue] p[ar]a Lourenço Marquês são 30 dias)¹² que a parte monetaria não é ainda sob¹³ a minha responsabilidade. Assim, em inteira franqueza, eu preferiria que durante dois meses não saísse a revista. Depois, já o caso era diferente. Não me alongo sobre o assunto que me irrita. Atravesso de mais um periodo de grande tristeza, de melancolia branca de não sei que saudade irrealisavel. O que quero é que me deixem em paz. Mande-me o Santa-Rita p[ar]a o demónio¹⁴. Quanto á ideia¹⁵ das circulares e da publicação das *plaquettes* — acho-a optima, dado que se possa realizar... Optima era tambem a publicação das *plaquettes* inglesas^b. Mas se o seu amigo não tem dinheiro... Sempre a eterna humilhação!

Fez m[ui]to bem em registar o nome da revista. Malandros! Malandros Rita, MontalvArc & C.^{ia}. O caso do braço¹⁶ sobre o Montalvor é puramente admiravel: Calino em calendario de desfolhar. [84^v] Interessou-me m[ui]to a historia veridica de M. de Montalvor em terras brasileiras.^c

a Não se conhece a carta enviada ao pai nessa ocasião, mas aquela que Sá-Carneiro envia a 20 de Outubro de 1915: «O meu querido Pai pode estar certo de que me não meto em ‘empresas’. Mesmo não imagina como estou farto dessas ‘empresas’ — e o tédio que tinha ultimamente já em Lisboa de Orfeu etc. Para me ver livre de tudo isso, creia que foi uma das razões porque vim p[ar]a aqui. Quanta vezes o dissera já á Maria pedindo-lhe que fossemos para quinta, quanto antes» (Sá-Carneiro, 1992a, pp. 65-66).

b *Antinous* e 35 *Sonnets*, publicadas em Julho de 1918.

c A «historia veridica» poderia ou não estar ainda relacionada com a «noticia que *O País* veiculou, e que foi transcrita na revista *A Vida Portuguesa* (n.º 35, Março de 1915) em que se falava num ‘cavalheiro de nome Luís de Montalvor ou Luís Ramos’ que andara fazendo indevidamente em nome da Renascença Portuguesa ‘uns pedidos de assinatura’ que reverteriam em proveito próprio» (Saraiva, 2004, p. 161). Sá-Carneiro terá tido conhecimento desse episódio ainda no primeiro

Genial a forma de publicar o *Arco de Triunfo*.^a Anúncios, m[ui]tos anúncios: amostras de papel de Armenia (p[ar]a defumar), cartões embebidos em perfumes que anunciem, amostras de fazendas até, se possível. Os bonus ideia do Pacheco admirável.

O que porem na sua carta me fez mais rir são as ultimas notas “Coisas fantasticas,,: sobretudo o Numa-larapio-de-sobretudos-da-Escola-Medica (que complexidade!) e o Ramos pensando na licença antes de ter o emprego. Quanto à sua partida p[ar]a o estrangeiro está certo: aquela gente sempre confundiu o Carneiro, o Pessoa e o Campos. Não lhe parece? E eu estou em Paris — fugido: apenas não fugido por sensacionismos... Oxalá assim fôra... Terminino suplicando mil desculpas por esta carta tão reles em resposta á sua admirável — e pedindo q[ue] não *descure assunto massas*”¹⁷ *livraria*. Um grande abraço e mil saudades,

o seu, seu

Mário de Sá-Carneiro

A carta Santa-Rita lê-se toda com um pequeno esforço. A sua carta ao Santa-Rita, impagável simplesmente!!!!^b 18

semestre de 1915, já que na carta de 18 de Outubro de 1915 nota que «o Montalvorzinho ficara de 'orelha' murcha comigo após a descoberta da gatunice», obviamente num encontro em Lisboa.

a Trata-se do livro que reuniria as grandes odes de Álvaro de Campos e, num plano de finais de 1917, também o «Ultimatum» (Pessoa, 2014, pp. 374-375).

b A «carta [de] Santa-Rita» para Pessoa era de 19 de Setembro de 1915 e a «impagável» resposta pessoana, escrita «em papel de 'Orpheu'», é do dia 21 de Setembro. Nela Pessoa declina a oferta de Santa-Rita por duas razões: «Em primeiro lugar, não me compete a mim — que nenhuma parte financeira tenho na revista — dispôr de qualquer modo d'ella.» A segunda razão é de facto, mais do que uma simples desculpa, uma objecção estética: «A revista 'Orpheu' representa uma determinada corrente, a cuja testa estão o Mario de Sá-Carneiro e eu. A transferir para alguém essa revista, só podia ser, como no exemplo baconiano da *traditio lampadis* dos antigos, *ad filios*, aos discipulos, na carinhosa frase empregada tanto (num sentido occulto) pelos theosophistas, como (num sentido apenas metaphorico) pelo proprio Mestre Francis Bacon.» Pessoa termina sustentando que «'Orpheu' não acabou. 'Orpheu' não pode acabar», numa alusão ao mito de Orfeu, e com a imagem de um rio aparentemente morto que «surgia outra vez á superficie, e continuava, com aquatico escrupulo, o seu leve caminho para o mar» (Pessoa, 2009, pp. 388-389).

[85] P. S.

Escrevi ao Santa-Rita¹⁹ pelo mesmo correio o seguinte, em resumo: longe e atravessando de mais a minha vida varios perigos (*sic*) — desinteresse-me por completo da questão do *Orfeu*, do qual — se êle continuasse — eu seria apenas um colaborador intermitente. Mas isto nada quer dizer pois pôr mim eu coisa alguma posso decidir. O *Orfeu* é propriedade espiritual tanto minha como sua. Eu desisti da minha parte: logo hoje o *Orfeu* é propriedade exclusiva²⁰ de você, Fernando Pessoa — [85] que se encontra ser assim actualmente o seu unico árbitro²¹. Digo-lhe a ruina q[ue] é a sua exploração financeira: que se êle “emprestar,, dinheiro ao *Orfeu*, este nunca mais lho pagará... Acrescento que lhe mostre a minha carta. Assim você proceda como entender, á bruta.

Incite Guisado e Mira^a á revista, tanto mais q[ue] têm²² dinheiro. Não se esqueça assunto meu

dinheiro
na livraria!

Mil saudades

Sá-Carneiro

Escusado devolver carta S[anta]-Rita.²³

165

Paris — Outubro 1915

Dia 6

Meu Querido Amigo,

Recebi hoje o seu postal de 1 out[ubro] q[ue] m[ui]to agradeço. Tenha-me olho sobre os homens. Mesmo se êles não enviarem!

a Possivelmente Matias Boleto Ferreira de Mira (1875-1953), fisiologista, professor e jornalista que colaborava no jornal *A Luta*, de Brito Camacho.